A collage of various biological illustrations. In the top left, there's a detailed anatomical drawing of a heart. To its right is a fish. Below the heart is a butterfly. In the center, a human brain is shown. To the right of the brain is a human skull. Below the brain is a dragonfly. In the bottom left, there's a snake. In the bottom center, another human skull is shown with a dragonfly on top of it. To the right of the bottom skull is a bird. The background is a mix of these various biological forms.

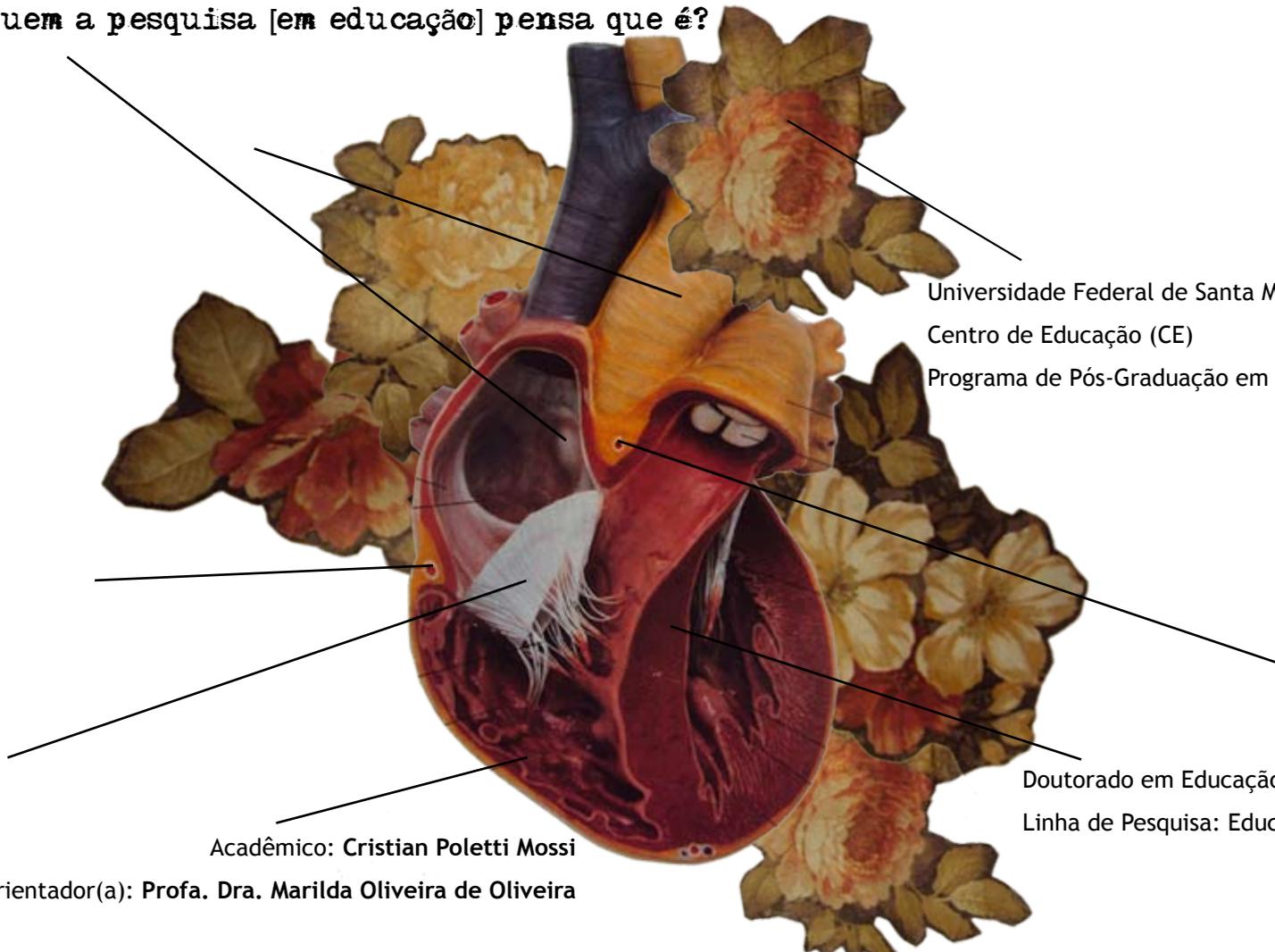
.um corpo-sem-órgãos, sobrejustaposições.

Quem a pesquisa [em educação] pensa que é?



.um corpo-sem-órgãos, sobrejustaposições.

Quem a pesquisa [em educação] pensa que é?



Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS)
Centro de Educação (CE)
Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)

Doutorado em Educação
Linha de Pesquisa: Educação e Artes

Acadêmico: Cristian Poletti Mossi

Orientador(a): Profa. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a
tese de doutorado

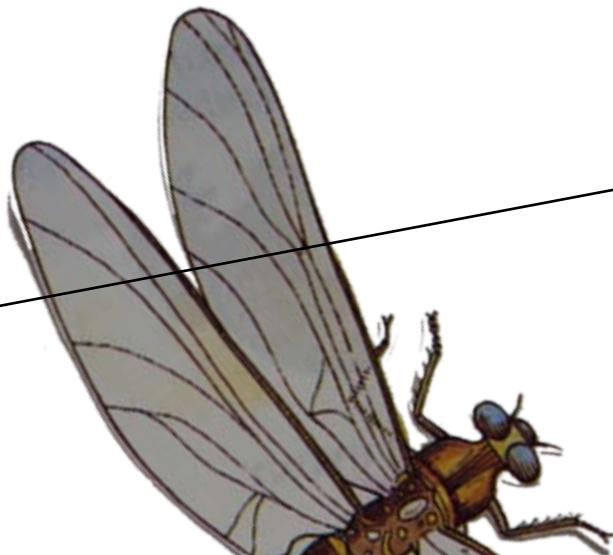
.um corpo-sem-órgãos, sobrejustaposições.

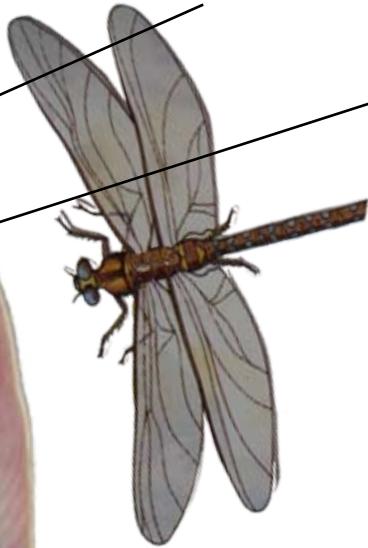
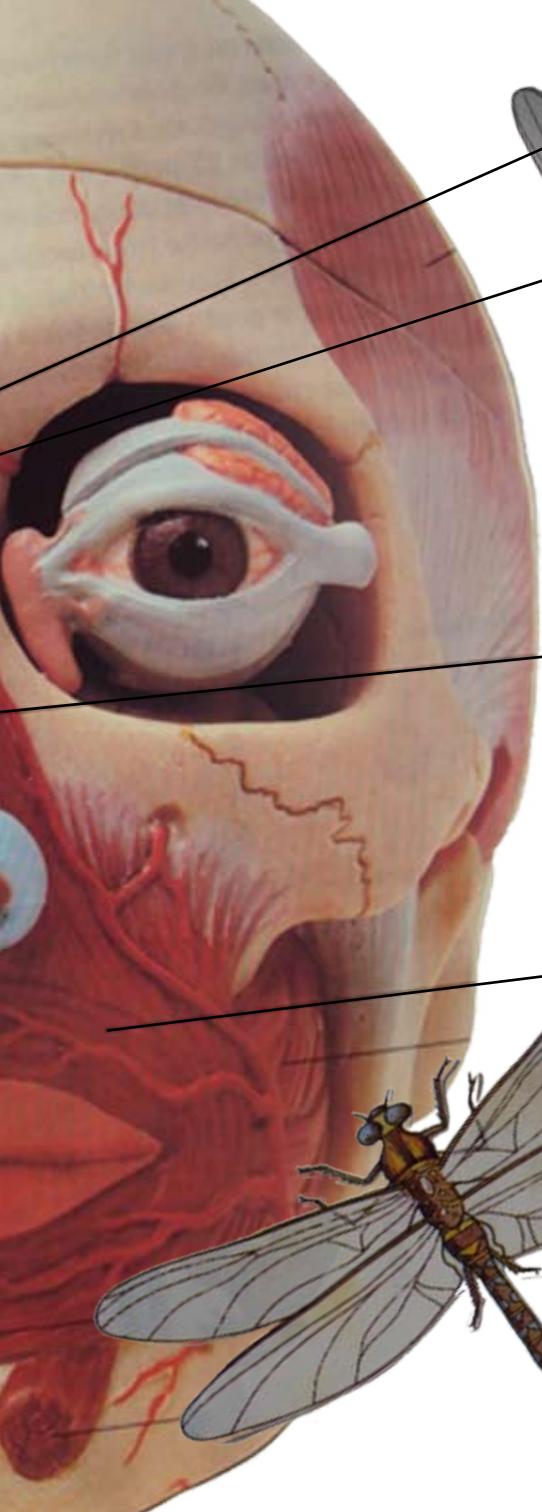
Quem a pesquisa [em educação] pensa que é?

elaborada por

Cristian Poletti Mossi

como requisito parcial para obtenção do grau de
Doutor em Educação.





Profa. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira - UFSM
Orientadora

Prof. Dr. Anderson Ferrari - UFJF

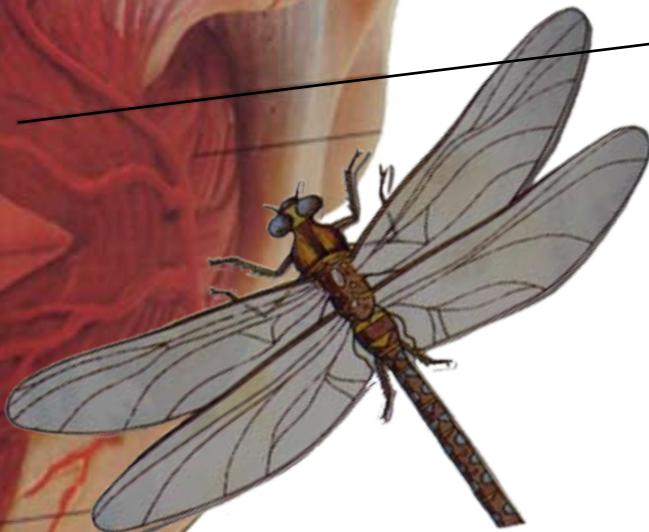
Prof. Dr. Silvio D. O. Gallo - Unicamp

Profa. Dra. Sandra Mara Corazza - UFRGS

Profa. Dra. Elisete M. Tomazetti - UFSM

Profa. Dra. Márcia Lise Lunardi-Lazzarin - UFSM

Prof. Dr. Luís Fernando Lazzarin - UFSM





À *Marilda Oliveira de Oliveira*,
pelos possíveis que não permitem sufocar;
Aos colegas do *GPAEC*,
especialmente a *Alice, Ana, Angélica, Francieli, Marli, Vivien, Tamiris e Thais*,
matilha que comigo povoou o nada;
Ao *Diego*,
por ter chegado de mansinho e ter construído morada;
À *Ameline, Geli e Ju*,
pelas alianças que subvertem distâncias e redobram mapas;
À *CAPES* e à *UFSM/CE/PPGE*,
pelo financiamento integral e pleno suporte à esta pesquisa;
À *família* - especialmente à minha mãe *Ana* -,
pelas lições de coragem e doçura;

RESUMO

Um corpo-sem-órgãos se fabrica em um espaço ficcional, uma ilha estendida sobre um plano de consistência onde o que há são contaminações por linhas de leitura/escrita e imagens que perfazem uma grande colagem em sobrejustaposições. Sobreposições e justaposições inventivas que não reconhecem eixo genético qualquer, tampouco hierarquia de ordem ou posições fixas. Trata-se de sobreposições e justaposições de disparadores de afectos (enquanto desencadeadores de devires) em um presente furtivo. Um exercício delicado: duvidar dos modos já instituídos de fazer pesquisa em educação, no entanto agir por esquecimento e não denunciá-los. *Quem ela pensa que é?* Fazer da pesquisa o que se quer que ela seja, injetando em um rígido plano de organização e desenvolvimento (agenciamentos territoriais estratificados) que encobre investigações majoritárias, desejos produtivos e inventivos, acoplando nas mesmas toda uma sorte de maquinarias pensamentais que defloram o próprio pensamento a pensar. Deleuze & Guattari, Artaud, Spinoza e suas correspondentes multidões e constelações, penetram esta escrita/leitura tecida ao modo de artesanato. Tudo ocorre nos vãos e labirintos possíveis de serem percorridos, nas alquimias de ler e escrever em meio às imagens, como pequenos - porém potentes - abalos sísmicos.

Palavras-chave: Corpo-sem-órgãos; Sobrejustaposições; Pesquisas em educação;





ABSTRACT

A body without organs is fabricated in a fictional space, an island extended on a plane of consistency where there are contaminations by writing lines and images which pervades a collage in overjuxtapositions. Inventive overlappings and juxtapositions which do not recognize any genetic axis, neither hierarchy of fixed order or positions. These are overlappings and juxtapositions of affection triggers (as transformation drivers) in a furtive present. A delicate exercise: doubting the institutionalized ways of doing research in education, but acting to forget without reporting them. Who does it think it is? Making research the way it is, injecting productive and inventive desires into a rigid plane of organization and development (stratified territorial agencies) which hides major investigations, connecting to them a whole thinking machinery that deflowers its own thinking to think. Deleuze & Guattari, Artaud, Spinoza and its respective crowds and constellations penetrate this handcrafted writing/reading. Everything occurs in spans and mazes possible to be crossed in the alchemies of reading and writing through images as small but powerful earthquakes.

Keywords: Body without organs; Overjuxtapositions; Research in education;

Cristian Mossi, 2013, fotografia e montagem digital





o texto é
(deveria ser)
essa pessoa
desenvolta
que mostra o
traseiro ao
Pai Político

(BARTHES, 2010).

_posições

15 .BREVIÁRIO

16 .manifesto [de um] clandestino

Ato I: Do próprio manifesto

Ato II: Dos rastros deixados por um clandestino

21 TOMO I – Da profundeza dos corpos

23 .APETECÊNCIAS

.metaposição

.incorporação

.topografia

28 [.nós]

[.um corpo-sem-órgãos]

[.pesquisa(s) em educação]

[.sobrejustaposições]

30 .dos dias

31 .antidenúncia

32 .DELIRAR OS OLHOS

.prelúdio em três movimentos breves

.fender o corpo

46 .A ILHA – A pesquisa é o que ela pensa que é

.o pesadelo do distinto Sr. Godoy

.artesanias

.viver como um monstro ou morrer como um homem bom?

53 .INVENCIONICES METODOLÓGICAS – Quem disse que a pesquisa não pode fazer pensar?

- .a máquina de pensar
- .imantações e alfinetes: sobre ocupar margens em sobrejustaposições
- .deus é uma lagosta
- .para tornar-se nuvem

67 PELÍCULA – Alquimias de escrever e ler

68 .SOBREJUSTAPOSIÇÕES EM ESCRILEITURAS

- .esses malditos esrileitores
- .que é o texto
- .laboratório (alquimia)
- .arranjo (o ouvido e a língua)
- .teia (saltos inventores)
- .dissecação (escrever e ler)

72 TOMO II – Dos efeitos de superfície

79 .LEMBRANÇAS E INFLEXÕES DE UMA BUSCA

- .lembrança/inflexão – Dos devires que me colocam a produzir esta escrita
ou
por que eu choro?
- .lembrança/inflexão – Romper espirais
- .lembrança/inflexão – A.breve.ação: programa para inventar um método
- .lembrança/inflexão – Dois delírios: com quem e para que pesquisamos?
.patchwork

IOI .A DÚVIDA E O MEDO

.no es mejor nunca que tarde? (Homenagem ao Livro das Perguntas de Pablo Neruda)

IO6 .SOBRE IMAGENS QUE ATRAVESSAM LINHAS DE ESCRITA

II2 .QUE ME CONTINUA

- .o que podem linhas de escrita?
- .que eu continuo



.BREVÍARIO

Tratar de, ali, onde pulsa um organismo estratificado, criar um corpo-sem-órgãos ao modo de Artaud, capaz de, através de ondas, vibrações e níveis energéticos, acessar um espaço liso, um Fora absoluto (conforme enunciam Deleuze & Guattari), formado somente por linhas vetoriais e singularidades, onde tudo é velocidade infinita. Nesse amplo deserto, alçar intensidades pegando-as pelos chifres. Com elas, fabricar colagens que se destinam a sobrepô-las e justapô-las - sobrejustapô-las - ao mesmo tempo e no mesmo ato, enquanto operação rudimentar, instantânea e de passagem. Cuidar para que, nesse exercício delicado, se tenha a fineza de não estriar em demasia o espaço liso - embora isso seja quase impossível - nem produzi-lo como morte. Versa-se, para tanto, por produzir uma pesquisa em educação como clandestino, *bricoleur*, compondo relações afectivas (disparadoras de devires os mais diversos) e produzindo um terreno erosivo de tensões e fricções. Versa-se por consumir um inferno circular atravessando a escrita pela leitura e a leitura pela escrita. Pesquisa viva invencionada ao modo de artesanaria, não por um sujeito, mas por uma legião sem nome que, como Alice, da profundidade dos corpos insurge na superfície, trazendo consigo fragmentos flamejantes que ofuscam os olhos, sacodem as vísceras e violentam o pensamento.

.manifesto [de um] clandestino

Ato I: Do próprio manifesto

Este manifesto é, ele próprio, clandestino,
sem eira nem beira.

Este manifesto não tem nem começo nem
fim,

somente um meio onde ganha velocidade.

Este manifesto nada mais é do que sua
superfície,

seu espaço liso estriado por intensidades,
visualidades e linhas de escrita,

o corpo da folha que o compõe,

o corpo dos traços, pontos, vírgulas, cores,
acentos, tonalidades e buracos brancos...
silêncios.

Há neste manifesto signos vazios - lugares
sem ocupante e ocupantes sem lugar -, em
movimentos infinitos, *ziguezagueantes*.

Aliás, este manifesto é somente o corpo



dos signos que estampam o fundo branco do papel, que cortam-no como lâminas afiadas e deixam escorrer o líquido intrépido, delirante, que jorra dos mil orifícios, das mil bocas que ali entoam melodias profanas, confusas, em centenas de línguas indesejadas. Microespaços para infinitas experimentações, para a derradeira fricção com os corpos que ali rastejam.

Este manifesto nada quer manifestar, nada quer instituir, nada quer deslustrar. Este manifesto só quer ser ele próprio e, talvez, agrimensar um espaço sem forma, sem contornos, espaço no tempo, um terreno íngreme e em constante estado de erosão, uma nuvem de ar e de pó. Um espaço ele mesmo clandestino, já que não se impõe nem no centro nem na margem, nem acima nem abaixo, nem de um lado nem de outro, mas na encruzilhada não-cartesiana de todo e qualquer valor absoluto. Nem latitude, nem longitude fixas, somente linhas movimentadas por tensores que flutuam e se movem, enquadramentos transitórios.

Este manifesto não é sobre ser, mas sobre estar.



Este manifesto não é sobre interpretar, mas sobre experimentar estados.

Este manifesto não é sobre descobrir significados, mas sobre produzir labirintos, pontes, palimpsestos em camadas de sentidos.

Este manifesto é sobre traçar um Fora e assim sobrejustapor afectos como disparadores de devires.

Buscá-lo na colagem e na costura desenfreada - porém criteriosa - de elementos que nos atravessam, singularidades selvagens que confundem eixos subjetivos e identitários fixos.

Este manifesto não é sobre o *Eu*, mas sobre as relações estabelecidas em um plano de diferenças puras.

Este manifesto é sobre coagir o pensamento, forçá-lo a encontrar um impensado. É sobre violentar o corpo já enrijecido, inclusive em sua ideia de ser corpo.

Este manifesto não é sobre ter voz, mas sobre agir em silêncio, não é sobre legitimar algo ou alguém, mas sobre transitar na clandestinidade.

Este manifesto não é sobre um objeto, mas sobre rastros, ações, passagens...

Este manifesto é sobre resistir, não sobre revolucionar, é sobre pequenas atuações e não sobre grandes feitos.

Ato II: Dos rastros deixados por um clandestino

É impossível dizer quem é um clandestino,

quais são exatamente suas roupas,

quais são exatamente suas joias,

já que ele não reconhece identidades fixas.

Clandestinos não têm corpo, pelo menos não um só.

Clandestinos são corpos que expulsaram seus órgãos para torná-los mais vivos,

ou que fazem funcionar nesses mesmos corpos tudo o que bem entendem enquanto órgãos.

Clandestinos podem ser reconhecidos no máximo como topógrafos agrimensores de latitudes e longitudes transitórias, como singularidades sem rosto que produzem a própria vida sobrejustapondo disparadores de afectos, passagens, rupturas e desenquadramentos de fronteiras, intensidades de velocidades variáveis, paisagens em redesenhos constantes.

Clandestinos são, talvez, equilibristas alisadores do espaço, abertura para um Fora do mundo.

É possível somente seguir rastros deixados por clandestinos,

suas trilhas bifurcadas,

vestígios que abandonam pelo caminho,
suas colagens precárias arranhadas pelo tempo.

Clandestinos são subjetividades em constante devir,
pleno fluxo do tornar-se,
matilha de fêmeas no cio, cardume de peixes, partículas infinitesimais
em alta velocidade imperceptível... energia antes da matéria.

Clandestinos não andam contra a maré, nem cedem a ela,
utilizam-na para surfar.

Clandestinos não utilizam armamento pesado, nem ferramentas precisas,
mas pequenas armas portáteis criadas por eles próprios.

Clandestinos não agem em segredo,
mas disfarçam-se de múltiplas formas para poder agir à luz do dia.

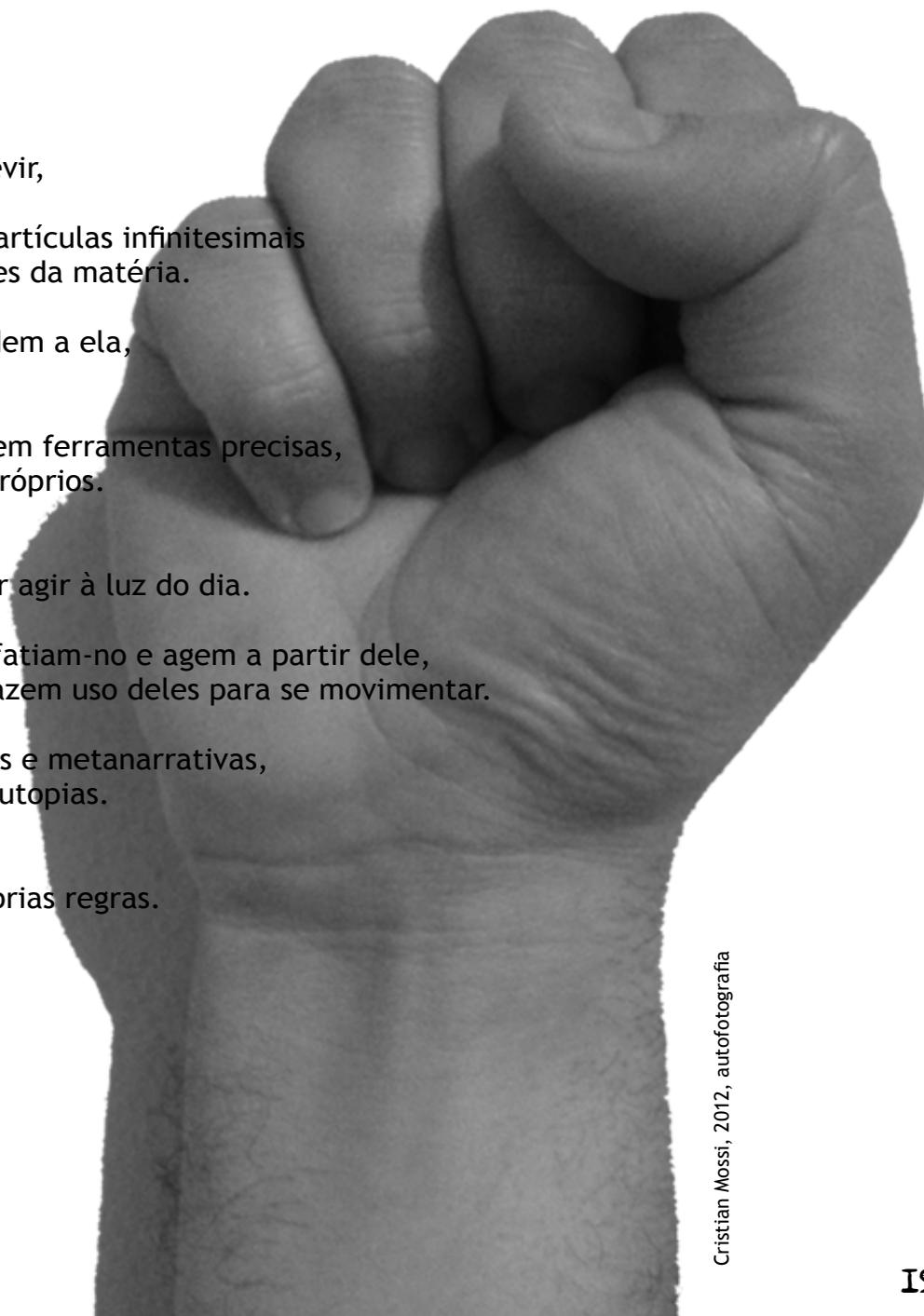
Clandestinos não veem problemas no caos, mas fatiam-no e agem a partir dele,
não paralisam frente à dúvida e ao medo, mas fazem uso deles para se movimentar.

Clandestinos execram universalismos, totalidades e metanarrativas,
preferem trabalhar com sobras e fragmentos de utopias.

Clandestinos provocam vazamentos,
não seguem prescrições, mas inventam suas próprias regras.

Clandestinos não têm pai, mãe, irmãos e filhos,
ou pelo menos esqueceram tais papéis.
Não têm origem nem raízes,
ou pelo menos deixaram-nas para trás.

Clandestinos procuram ter memória curta:

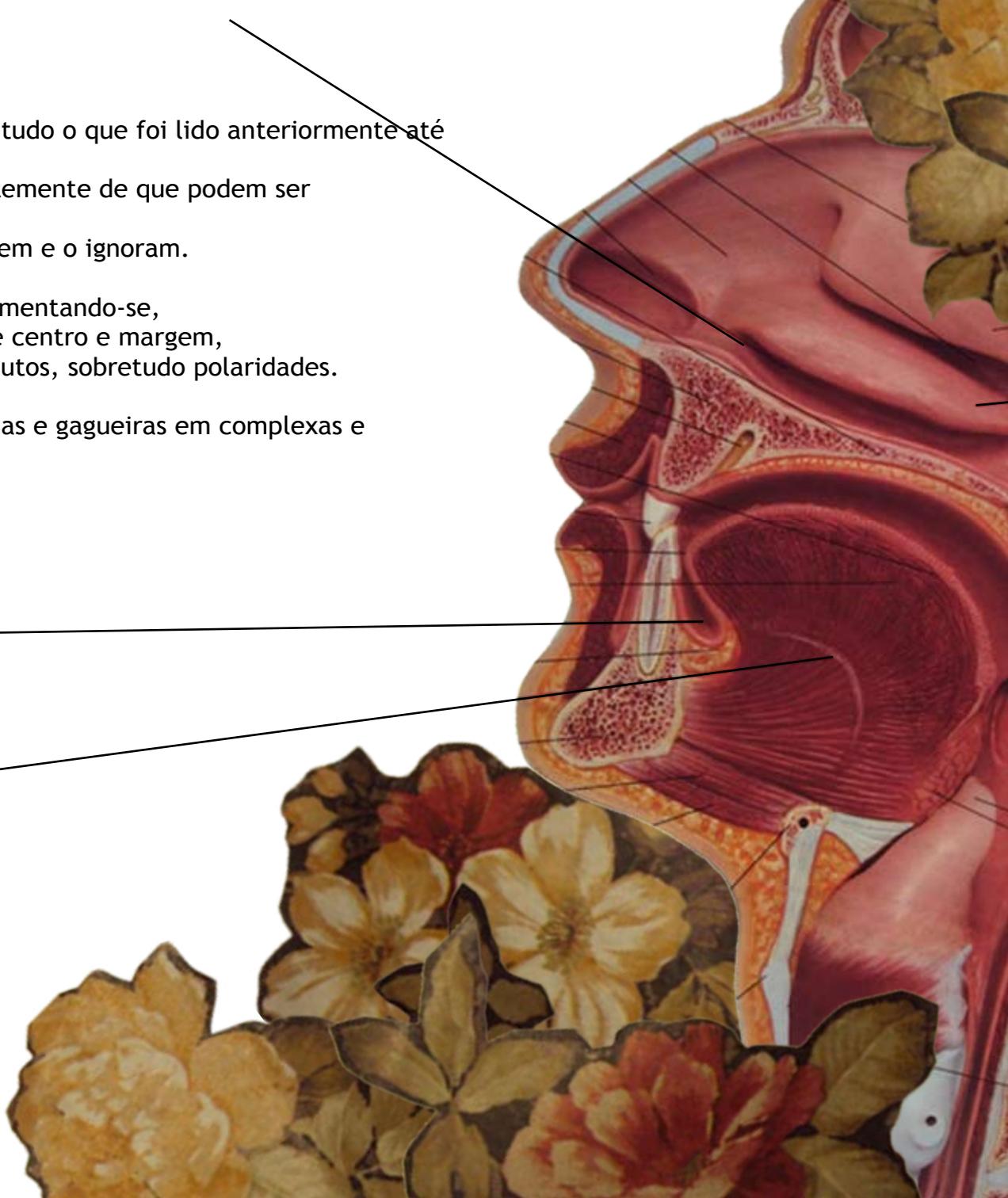


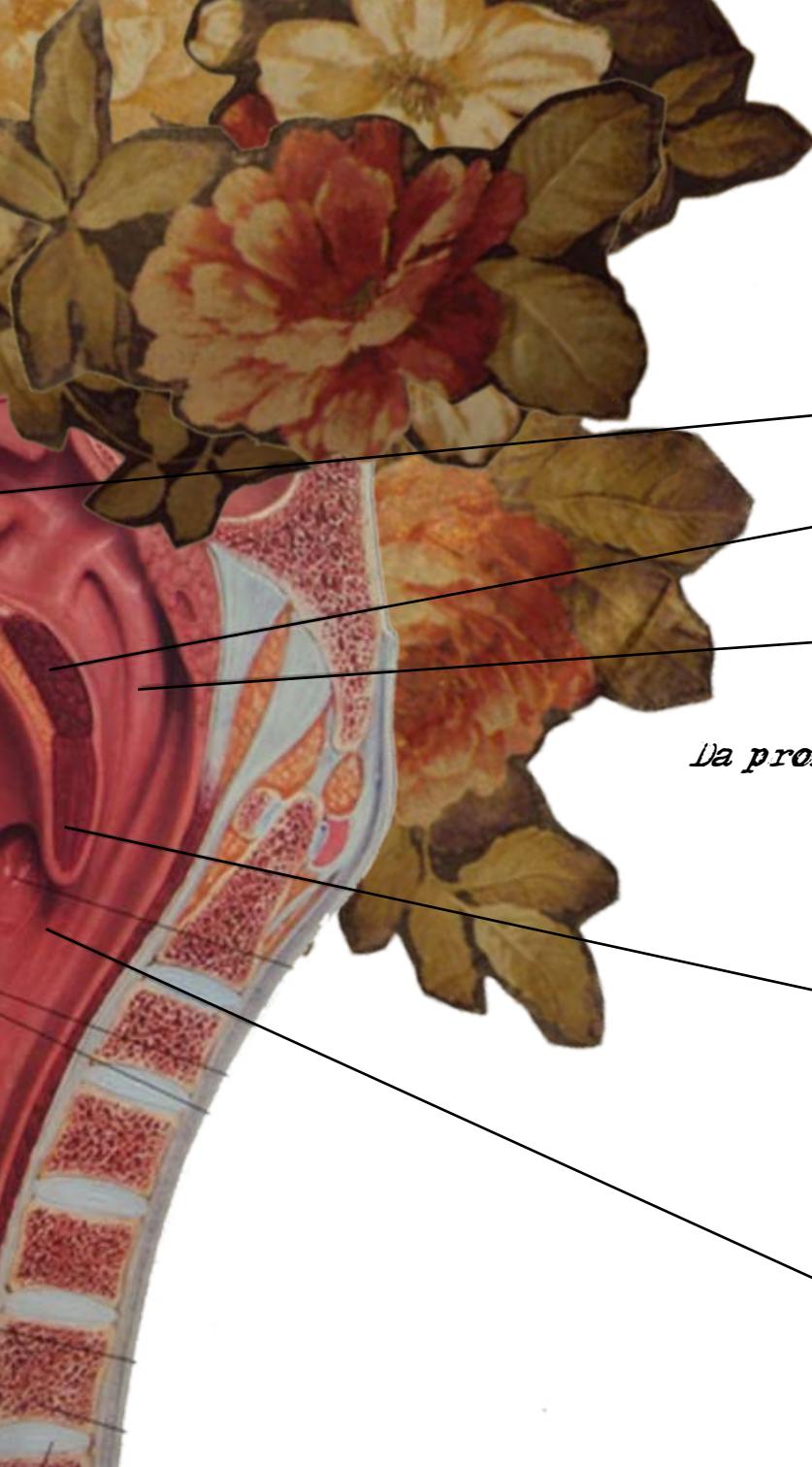
ao lerem isto já esqueceram de tudo o que foi lido anteriormente até aqui.

Inclusive, esquecem-se constantemente de que podem ser clandestinos, alguns nem o sabem, outros sabem e o ignoram.

Clandestinos estão sempre movimentando-se, transitam constantemente entre centro e margem, não reconhecem extremos absolutos, sobretudo polaridades.

Clandestinos produzem cacofonias e gagueiras em complexas e inacabadas sobrejustaposições.

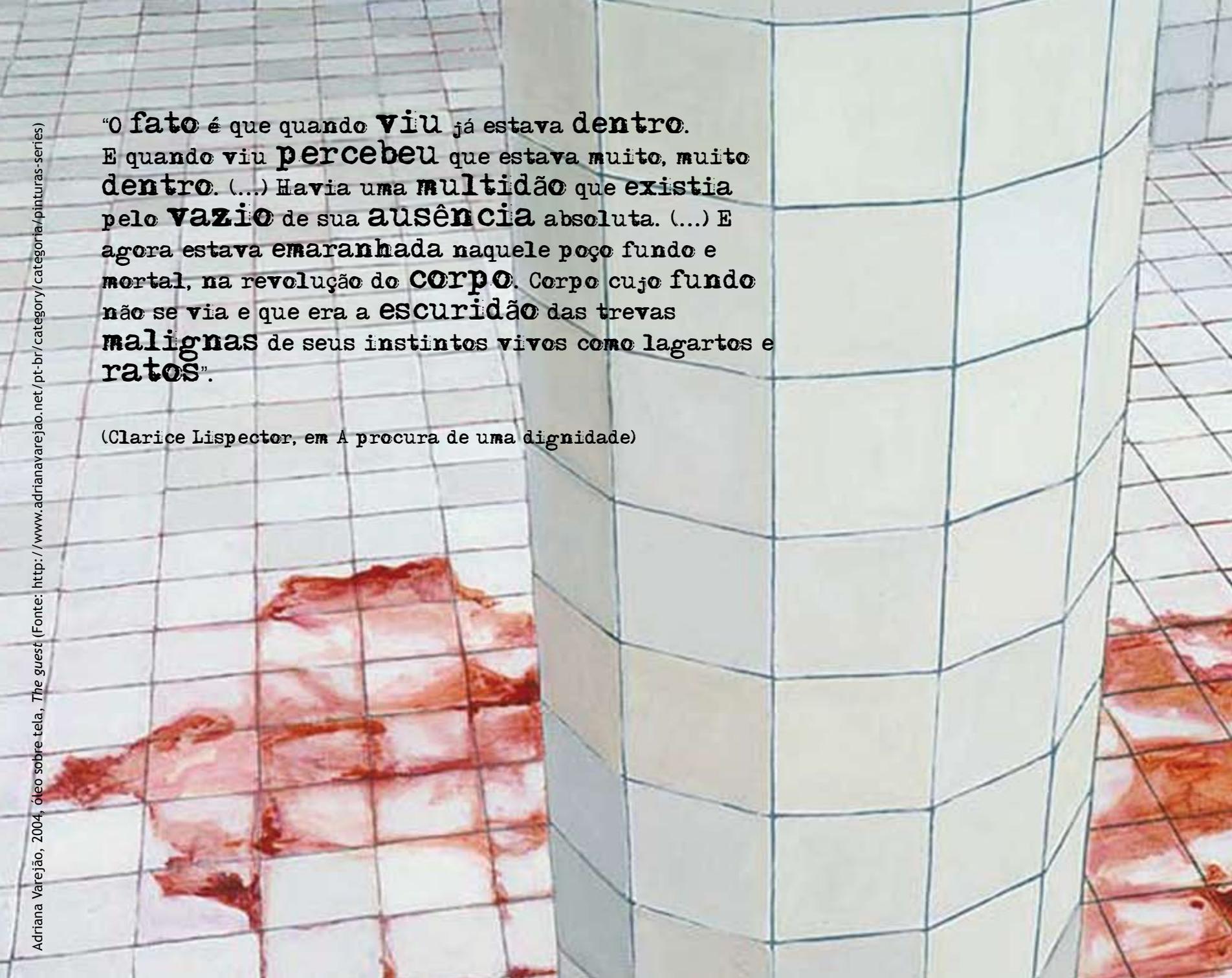


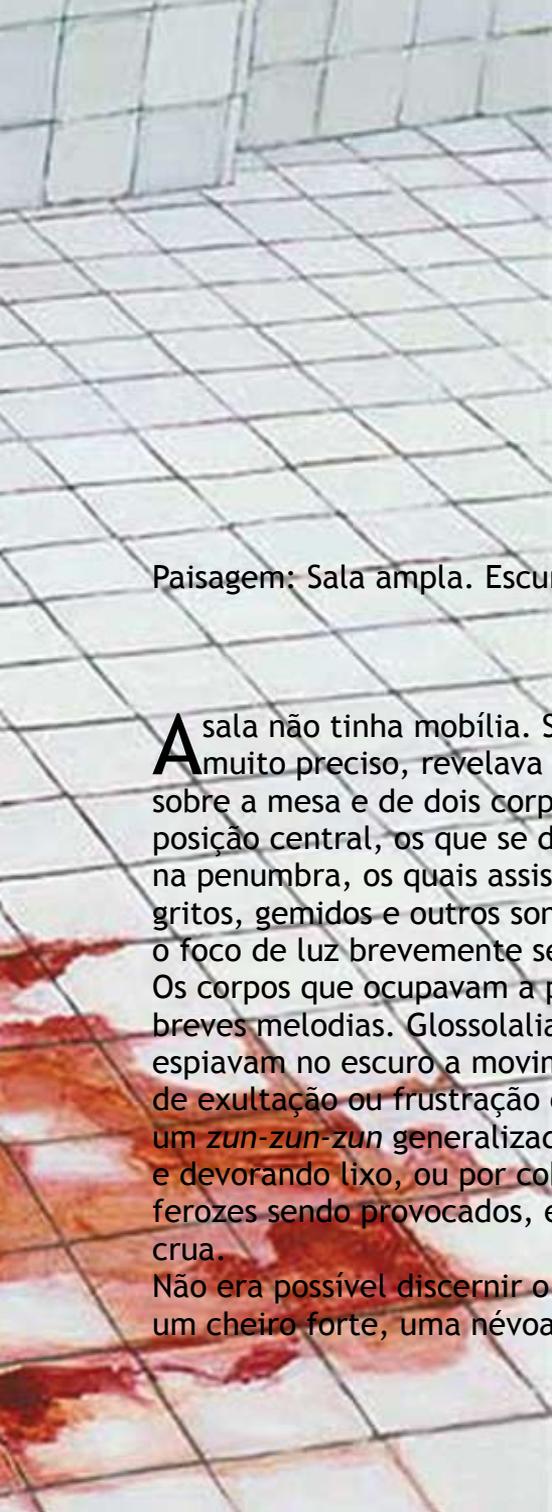


TOMO I
Da profundeza dos corpos

“O fato é que quando **viu** já estava dentro. E quando viu **percebeu** que estava muito, muito dentro. (...) Havia uma **multidão** que existia pelo **vazio** de sua **ausência** absoluta. (...) E agora estava emaranhada naquele poço fundo e mortal, na revolução do **corpo**. Corpo cujo fundo não se via e que era a **escuridão** das trevas **malignas** de seus instintos vivos como lagartos e **ratos**”.

(Clarice Lispector, em A procura de uma dignidade)





.APETECÊNCIAS

Paisagem: Sala ampla. Escuro infinito. Mesa de madeira. Corpos (muitos, não se sabe quantos). Foco de luz.

.metaposição

A sala não tinha mobília. Somente uma mesa grande, retangular, de madeira escura. O foco de luz era muito preciso, revelava somente o volume resultante de três corpos empoleirados movimentando-se sobre a mesa e de dois corpos em pé, próximos à sua lateral - estes eram os cinco corpos que tomavam a posição central, os que se deixavam ser completamente vistos sob a iluminação. Havia muitos outros corpos na penumbra, os quais assistiam à cena como *voyeurs* e volta e meia deixavam escapar algumas proposições, gritos, gemidos e outros sons que não era possível distinguir. Suas faces eram parcialmente reveladas quando o foco de luz brevemente se deslocava, descentralizando o acontecimento.

Os corpos que ocupavam a posição central emitiam línguas estranhas, murmúrios e até mesmo algumas breves melodias. Glossolalia. Como se assistissem a uma luta, a um espetáculo de gladiadores, os corpos que espiavam no escuro a movimentação dos outros sob o foco de luz, por vezes gritavam expressões de apoio, de exultação ou frustração e algumas vezes até imitavam os sons produzidos pelos corpos iluminados. Havia um *zun-zun-zun* generalizado, um certo sibilo, rosnados, algo muito próximo do som feito por ratos revirando e devorando lixo, ou por cobras rastejando umas sobre as outras em um serpentário, ou, ainda, por animais ferozes sendo provocados, excitados, mostrando os dentes quando tentados pelo cheiro da carne fresca, crua.

Não era possível discernir o tamanho da sala, visto o escuro que a circundava exterior ao foco de luz. Havia um cheiro forte, uma névoa.

Os três corpos sobre a mesa roçavam-se, penetravam-se uns nos outros, cruzavam-se, copulavam desavergonhadamente, não sendo possível distinguir plenamente uns dos outros. Nenhum orifício era poupado. Havia também mordidas, arranhões, tapas. Jogo de entregas e de resistências. Algumas vezes faziam o que a plateia lhes pedia, acenavam, exibiam-se sem pudor. Outras, ainda, ignoravam o que estava sendo dito.

Os dois corpos que jaziam em pé na beirada da mesa, na maior parte do tempo, caminhavam em torno dela em movimentos circulares, como que a guardando. Ora voltavam-se para os corpos centrais, acariciando-os ou dando-lhes chicotadas, ora voltavam-se para os corpos na penumbra, contendo seus humores ou excitando-os ainda mais.

Ritual secreto sem deuses. Não havia moral, apenas ética imanente. Não havia gozo, apenas produção de desejo sem ápice. Não havia ternura cega, apenas aliança de interesses, trocas e contaminações. Os corpos sobre a mesa afectavam e eram afectados pelos corpos *voyeurs* que os assistiam e que executavam certos movimentos a partir deles. Os corpos guardiões que rondavam a mesa como lobos guardando sua ninhada faziam a mediação entre cena central e plateia.

Desses movimentos de fricção (não somente dos corpos que ocupavam o lugar central, mas também daqueles que os assistiam e por sua vez praticavam alguns movimentos a partir dos mesmos, embora mais discretos por conta de estarem na penumbra) escorriam fluxos, líquidos e matérias de viscosidades diferentes. Algumas eram consolidadas, condensadas, outras evaporavam, sublimavam ou escorriam pelo chão e eram pisoteadas, sendo esquecidas.

Dessa massa de corpos em agitação lenta, dessas sorções, erigiam desenfreadas imagens e linhas de escrita.

.incorporação

Não recordo bem como foi, só sei que quando vi já estava sobre aquela mesa, completamente nu em meio àqueles corpos, e de lá não queria sair. Queria sugar daquela situação o máximo de sensações possíveis. “Perdi totalmente a vergonha!”, eu pensava... “Meu corpo já não é mais meu, se é que já foi um dia...”. Eu estava completamente tomado, absorvido, incorporado.

Um foco de luz apontava diretamente para o meu rosto, mas mesmo assim minha visão não era totalmente ofuscada. Eu podia ver as faces dos que comigo estavam sobre a mesa no centro da sala, da mesma forma

que enxergava os rostos dos dois que nos rondavam a cada vez que os mesmos se voltavam em minha direção. Até mesmo alguns vultos que constituíam a plateia oculta podiam ser parcialmente vistos quando o foco de luz se deslocava, brevemente revelando-os. Aliás, eu não só os via, já que não havia hierarquia entre os sentidos. Eu os ouvia, sentia seus corpos, seu gosto e seu cheiro forte. Tudo naquela cena era uma amálgama sensitiva, sobrejustaposições perceptivas.

Sobre a mesa, além de mim, estavam Deleuze & Guattari. Como em uma coreografia nefasta, havia sincronia dissonante entre os movimentos de nossos corpos. Artaud e Spinoza contornavam a mesa e certificavam-se de que sobre ela nós não parariamos de nos movimentar, de executar aquela orgia e de assim doar a quem quisesse nosso banquete desmedido. Também cuidavam para que a plateia oculta não se desanimasse, ou invadisse completamente a cena. Eles por vezes nos chicoteavam, sussurravam coisas em nossos ouvidos, adestravam alguns de nossos movimentos e, de sobressalto, se viravam para os muitos que nos assistiam na penumbra, os quais, na medida do possível, volta e meia interagiam conosco.

Fluxos, viscosidades, líquidos, matérias escorriam e misturavam-se. Disso tudo, traços, imagens e linhas de escrita surgiam violentas, desenfreadas...

É isso o que segue nas páginas aqui compostas. Rastros, sombras, vestígios dessas presentificações. É claro que nem todas conseguiram resistir, se consolidar a ponto de, na passagem pela folha de papel, penetrar, cortar como navalha o fundo branco e se mostrar no plano. O que há aqui é o resultado de sobrejustaposições afectivas em constante processo, compostas com sobras e fragmentos, como folhas espalhadas pelo chão que, a qualquer momento, podem voar com o vento. O que há aqui é uma composição dissonante apenas com velocidades. Intensidades-sons, intensidades-imagens, intensidades-palavras, intensidades-gestos, intensidades-silêncios em busca de um impensado no pensamento dos modos já instituídos de fazer pesquisas em educação. Há mapas, constelações, um lance de dados, o decalque das linhas que demarcam a palma de uma mão anônima.

.topografia

Por favor, não me entendam mal! Não se trata de, nestas e com estas linhas de escrita, tentar representar ou dar conta do que houve (e talvez continue havendo) naquela sala através de um relato, tampouco de organizá-lo sequencialmente ou ainda somente produzir meras analogias e/ou metáforas. Trata-se de fazer,

do fluxo que resulta da fricção entre os corpos já anteriormente mencionados, linhas, e dessas, um rizoma, uma sobrejustaposição composta por traços, vãos, palavras e imagens: emaranhada e complexa colagem composta pela condensação de intensidades. É mais um caso de devir, de transporte e transmutação de partículas, de dar a moléculas infinitesimais - que se tornaram fluxos e viscosidades - velocidades e lentidões tais a ponto de se consolidarem em linhas, e as linhas em palavras, em imagens, em conexões e silêncios, espaços, aberturas, buracos, abismos labirínticos. Trata-se mais de consolidação, composição. Expulsão do organismo do corpo da escrita que se conecta e arrasta consigo o que encontra pelo caminho. Nesse trânsito, algumas coisas se perdem, outras deixam rastros.

De Deleuze & Guattari convoco as vozes, de Artaud e Spinoza convoco os olhares atentos, de todos os outros que permaneciam na penumbra e que, quando possível, ou seja, assim que o foco de luz se deslocava inevitavelmente revelando suas faces, podiam ser devidamente nomeados, convoco a vicissitude para não nos deixar desanimar. Todos participam dessa orgia escritural, dessa sobrejustaposição. Suas vozes, o vapor que sai de suas bocas ao gritarem obscenidades ou murmúrios inomináveis, as coisas que sussurram em meu ouvido, o suor de seus corpos, a mistura de seus timbres de voz, tudo se alastra pelo meu corpo como um veneno letal, e não me resta alternativa se não, como em um só jato, derramar o que é possível sobre essas folhas de papel. Estriar, ainda que momentaneamente, o espaço liso. Colar, arrancar, tornar a colar, rasgar novamente toda uma série de intensidades.

É meu corpo todo que utilizo para escrever agora, para consolidar tais linhas de escrita e as que seguem na composição destes textos, bem como para compô-los com vazios e imagens. Escrevo com o que de meu corpo puder ser utilizado para escrever. Não utilizo mais só o cérebro, os olhos e as mãos, mas são os rins, o intestino, a uretra, o esôfago, todas as unhas dos pés e o nariz, os ombros, o queixo que me ajudam na composição destas páginas, destas colagens e transcrições. Não sou, desses tantos outros corpos, um mero sujeito de enunciação, mas um corpo por onde passam suas vozes, seus fluxos, um *bricoleur* que sobrejustapõe tudo isso. Corpo contaminado por eles. Como um para-raios, eu os traio, os deformedo já que os atraio e faço deles outra coisa, lançando-os para outros lugares. Trata-se da ação de recorte-colagem-composição e catástrofe parcial do que resulta. Prisma por onde a luz refrata ganhando outras cores e direções.

Há nestes textos produção do próprio produzir mediante economias de desejo. São também, estes textos, corpos que pulsam. Por eles escorrem líquidos e deles exalam cheiros, gases. Você pode se lambuzar, caro leitor! Eles têm partes mais enrijecidas, sentem dor, fazem silêncio, têm cólicas. Eles podem irritar você, dormir instantaneamente ou até lhe fazer cafuné. Se apertados demasiadamente, estes textos defecam. Há abscessos que podem explodir na sua cara a qualquer momento. Se devidamente masturbados, estes textos ejaculam, gozam. Não se sabe o que podem estes textos, assim como não se sabe o que podem todos os corpos. Cabe a você, caro leitor, construir ligações entre estes textos e, se for de seu interesse, impor-lhes uma ordem, ou desorganizá-los ainda mais. Lembre-se: enquanto sobrejustaposição, estes textos resultam em grandes colagens provisórias pelas quais você pode adentrar por qualquer lado ou lugar, arrancar certas partes ou incluir outras que possam lhe interessar. Eles apenas demarcam um terreno informe, um continente, uma ilha - entenda-os como cartazes, pequenas bandeirolas -, mas as construções que podem (ou não) se erguer nesse espaço virtual e a partir dele cabem somente a você. Por favor, não me conceda tal responsabilidade... certamente eu irei lhe decepcionar. Experimente rasgar estes textos. Rachá-los. Coloque fogo neles ou atire-os contra a parede. Fornique com eles. Envenene-os. Coma-os, engula-os, se empanturre e depois vomite-os só para ver o que deles pode restar. Eles ajoelham com o batom borrado à sua frente e pedem para que você faça isso com eles. Estes textos não fazem promessas e, se o fizerem, será em vão, porque eles, assim como qualquer corpo, sofrem as ações do tempo. Se for o que você procura, para o seu próprio bem, pare por aqui. Estes textos permitem-se mudar de ideia a qualquer momento. Algumas vezes será ingenuamente, mas não se espante se estes textos quiserem lhe enganar. Você pode se perder, caro leitor. E se o fizer, não tenha medo, perca-se para encontrar outro você em outro lugar. Lembre-se, você pode enganar estes textos também... eles não são sempre os mais espertos. Por sua natureza de mistura, nem sempre haverá como identificar, nas linhas de escrita que seguem, cada uma das vozes que as constituem separadamente. Há somente mescla, soluços intermitentes. Pausas, assovios, silêncios, fugas, cânones e dissonâncias. Pura cacofonia. Tomada de ar para repetir a ideia e a língua gaga.

Contaminações e impurezas em uma sobrejustaposição composta por traços de imagens e linhas de escrita: é isso e somente isso o que segue.

[.um corpo-sem-órgãos]

- Trata-se de *um* corpo e não *do* corpo ou ainda *do meu* ou *do seu* corpo;
- Corpo que é da ordem do acontecimento e da individuação, os quais não se definem por uma forma ou por um sujeito único, pleno, centrado, indivisível.
- Bandeira de Artaud: subversão dos órgãos e de sua organização; Prática; Busca; Invenção; Desdobramento; Intensidade zero; Ovo; Plano de consistência/imanência para o desejo - este último visto pela perspectiva esquizoanalítica de Deleuze & Guattari, enquanto vetor produtivo do próprio produzir e não ligado à falta de algo, como na perspectiva psicanalítica de Freud; Antiédipo;
- Um corpo que se abre a intensidades de devir e desterritorialização, os quais perseguem linhas de fuga - compreendendo devir não enquanto imitação ou fixidez de algum ser, mas enquanto vir a ser minoritário, individuação constante e fluente; Desterritorialização enquanto desestratificação de territórios aparentemente cristalizados (que sempre pressupõem, já em seguida, novas territorialidades, porém sem nunca retomar à territorialidade antiga); Linhas de fuga como criações, desvios, fendas, vazamentos.

[.pesquisa(s) em educação]

- Por um lado, enquanto produção majoritária (compreendendo *Maioria* em Deleuze & Guattari como um estado de dominação em relação ao qual estão à margem as minorias), as pesquisas em educação e seus modos de produção já instituídos, são encobertos por um conjunto de agenciamentos territoriais estratificados onde ocorrem produções de toda a espécie em duplas pinças conectadas a formas de conteúdo (enquanto misturas de corpos) e formas de expressão (enquanto misturas de expressos incorporais que se interpenetram constantemente); Tais cintas ou mantas estratégicas que se alastram em camadas rígidas, por outro lado, têm sempre uma face voltada para um Fora absoluto, constantemente em vias de se desterritorializar/reterritorializar em outra parte, de possibilitar vazamentos através de um devir-menor, como uma gagueira a qual atravessa a *Lingua-Mãe* das pesquisas.

[.nós]

[.sobrejustaposições]

- Tenho pensado, desde 2008 - na construção de minha dissertação de mestrado intitulada '*Possíveis territorialidades e a produção crítica da arte - suturas e sobrejustaposições entre vestes sem corpos e corpos sem vestes*', além de em outras publicações (MOSSI; OLIVEIRA, 2011, 2012) também atreladas ao meu processo artístico, a noção de sobrejustaposição enquanto uma gagueira da língua que sobrejustapõe as palavras sobreposição e justaposição no traçado de um plano de pensamento que não reconhece eixo fixo e/ou hierárquico no trato com produções de sentidos, atravessadas por linhas de escrita e imagens, por conceitos, perceptos e afectos.
- Trata-se de capturar incorporais resultantes de encontros; Trata-se de compor com fragmentos resultantes da violência que coage o pensamento a pensar; Trata-se de cunhar, de sulcar algo na tensão, na fricção de elementos dispersos; Trata-se de produzir algo a partir do acaso, do improviso, da colagem; Trata-se de buscar possibilidades afirmativas e aumentativas de potência no imprevisto, de desenhar um plano imanente de despersonalização, de impessoalidade, de multiplicidades e de coexistência que se constitui por camadas;
- Aqui está, talvez, o método: por sobrejustaposições, escrever pelo Fora, inscrever o Fora na escrita; Fundar ilhas e continentes possíveis; Considerar os vãos, os labirintos, alçapões e precipícios que se encontram nas palavras, nas imagens e entre elas; Compor não *a* escrita, mas *uma* escrita que é atravessada por sons, visualidades, hecceidades e vazios; Assumir o procedimento da colagem, operar por distribuição e proliferação de multiplicidades em um espaço liso, desértico; Colocar em tensionamento o inesperado, tendo-se, a si próprio, como parte constituinte dele; Repetir a diferença; Instrumentalizar o que me força a pensar; Roubar descaradamente; Produzir duplos e relacionar o plano pensamental com o de-Fora, com partículas em estado livre, selvagem, de velocidade infinita; Agrimensar topologicamente um espaço da diferença pura, dispondo (sobrejustapondo) o que tomo por meu de direito ao convocar, enquanto sujeito anônimo, sem rosto, encontros diversos na fabricação ininterrupta de um corpo-sem-órgãos para as pesquisas em educação majoritárias.

.dos dias:

Um corpo qualquer, sem *Eu*, clandestino, um amontoado de membros e de órgãos desorganizados, em constante devir-singularidade, sobrejustapõe, sobre um plano liso, palavras, silêncios e imagens, conceitos, perceptos e afectos: o que pode ser dito, visto e também o que não se pode ouvir nem mostrar. Ele funda, com isso, um continente, uma ilha, uma pesquisa que trata de produzir um respiro nas pesquisas em educação majoritárias, em estado de circularidade. Ele entoia o grito dos malditos, dos que por fuga ou risco - não se sabe - entendem que há outros modos e mundos possíveis. Ele dobra-se sobre si mesmo a cada vez, e a busca por seu nome também é a perda de seu rosto. Ele é seu próprio campo, sua própria cobaia, criada para servir aos seus intuitos mais secretos. Não se trata de pura retórica: trata-se do verbo que se faz carne, sangue e ato.





.antidenúncia:

Ailha, o continente fundado por sobrejustaposições, é puramente instrumental e antiemancipatória. Não quer ascender à posição central sob pena de perder as possibilidades que se espraiam nas margens. Desse modo, a pesquisa em educação aqui proposta, como um devir-menor que busca fazer gaguejar a Língua-Mãe das pesquisas em educação majoritárias, já instituídas, sendo ela própria uma ilha-continente, não se interessa por delatar artimanhas, meandros e/ou estratégias desenvolvidas para além de si na tentativa de produzir uma crítica denunciativa. Não se trata de trabalhar com afetos tristes pretendendo esquadrihar as pesquisas em educação já estratificadas demonstrando como vêm sendo feitas, como tratam os conceitos com os quais operam, como apresentam seus produtos finais e como poderiam vir a ser construídas de modo melhor e mais apurado. Não se trata de crítica vazia. Trata-se de uma antidenúncia, da instauração de uma trama afirmativa e inventiva a qual, despreziosamente, pode vir a fazer fugir partículas loucas das investigações canônicas e legitimadas, embaralhar suas velocidades e produzir o próprio produzir nessa ação, se assim seu leitor-explorador o quiser.

.DELIRAR OS OLHOS

Se pudéssemos nos deslocar para fora da escuridão absoluta que circundava aquela sala, como se fosse possível girar nossos olhos em um movimento brusco de cento e oitenta graus em direção às costas do crânio, o que veríamos seria somente um nada, um Fora absoluto onde a vida ganhava consistência por movimentos e repousos de partículas que eram afectadas umas pelas outras, magnetizadas ou repelidas, formando uma espécie de diagrama de intensidades.

Era preciso, para tanto, destituir os olhos das funções de ver, somente. Era preciso arrancar os olhos e instalá-los em outros lugares do corpo ou até fora dele. Era preciso girá-los na maior velocidade que pudéssemos dentro da própria órbita e acolher o espaço liso em nosso peito, como a mãe que acalenta o filho. Era preciso conhecer os próprios olhos, cuidar de suas falências e de seus sobressaltos, e deixá-los tão indignados e tão soltos na concavidade ótica a ponto de que eles pudessem ser instalados em qualquer lugar. Era preciso despertencê-los.

Era isso o que fazíamos naquela sala, sobre a mesa, ao redor dela ou na penumbra, dependendo da posição que ocupávamos, ou de onde alojávamos nossos olhos. O que fazíamos era delirar.



Cristian Mossi, 2011, desenho



.prelúdio em três movimentos breves

I

Clandestino-feiticeiro, tenho me encantado, antes ainda do que pelos corpos que preenchem e se alastram nos espaços, pelos espaços em aberto, por aquilo que vulgarmente chamamos de 'nada' - presença de ausências entre um corpo e outro. Nada por quê? Nada para quem? O que é o nada? Nada na folha branca esperando o traço, nada entre palavra e outra ou ainda entre uma letra e outra da palavra. Nada que é margem, espaço que circunda o corpo da escrita, ou quaisquer outros corpos. Nada que é nada, virtualidade - no sentido que todo o tipo de corpo comporta, distribui, compõe - que, enfim, é anterior ao que vem a ser chamado corpo, ao menos em sua definição estoicista, enquanto conteúdo extenso, formado.

(Ar)

Contudo, enganamo-nos ao pensar que o nada seria o antônimo direto do que vem a preenchê-lo molarmente. O nada é um plano, mais que um espaço. Plano de consistência. Portanto, também é corpo molecular, corpo-sem-órgãos, corpo de

intensidades energéticas, Fora. Longitudes e latitudes sem pontualidades. Constitui-se somente por matérias não formadas e linhas de fuga absolutas, desterritorializadas, não segmentarizadas.

É no nada que se dá o trajeto. Trajeto do olho de uma coisa a outra, trajeto do corpo, trajeto do eu até o outro. Você? O nada é a ponte, o desterritório que nos seduz ao deslocamento e que permite o novo local que ocuparemos nas reterritorializações as quais se sucedem a todo o movimento de desterritorialização. É no nada que se dá o rabisco, o emaranhado, a flecha louca que liga coisa a outra, mas também que as antecipa.

O nada não é somente o vazio, mas, por assim dizer, é o que ele tem de mais repleto: o Fora, suas virtualidades e possibilidades. A potencialidade do vir a ser ou do deixar de sê-lo. Movimentos que não se antecedem nem se sucedem em uma ordem absoluta, prefigurada. É o que aguarda o que estamos a poucos passos de nos tornarmos, mas também o passado remoto do que já fomos. O nada é o assombro que nunca acaba de ser nada, porque nenhum tudo é capaz de preenchê-lo, nenhum tudo poderá dar totalmente conta do nada, sobrecodificá-lo ou completamente barrá-lo. Sempre haverá brechas e linhas de passagem.

II

(Praticar a dobra sobre o nada: Lençol azul. Corpo nu. Pluma. Ele deita-se e lambe todo o seu corpo nu com a pluma. Cada parte, cada pedaço, cada linha que insiste em se dobrar. Ele se permite a fazer isso. Ele passa a ser resultado do desenho que tatua em sua própria pele);

Delicadeza intensa, essa de olhar para si, percorrer minúcias da própria pele, encharcar os olhos e o céu da boca de





devaneios tolos sobre o que fui há instantes e o que, mesmo sem que eu perceba, venho incessantemente a me tornar. O que era eu antes daqui? Era passado, era um pequeno espaço na história, era pretérito imperfeito, era ser sem memória do agora. Era eu (menos o) agora? Através de duplas articulações que estão por toda parte pinçando os fluxos e as matérias não formadas, o nada é estratificado, estriado, recebendo cintas, mantas e camadas que comportam em si agenciamentos territoriais. Povoado por misturas de corpos e de incorporais (formas de conteúdo e de expressão) que se pressupõem e se interpenetram, os agenciamentos tratam mais de enrijecimentos de intensidades e de fluxos do que de um mero preenchimento. Assim, o nada passa a comportar segmentaridades, organizações e organismos (já que, com isso, o corpo-sem-órgãos do nada ganha uma hierarquização para o que passa a funcionar nele enquanto órgãos, uma ordem que não mais lhe permite ser plano de consistência aberto do desejo, imantações de linhas de fuga, pura intensidade). Um estrato que comporta agenciamentos não é só questão de escolha predefinida, segundo um esquema ou planejamento transcendente, mas de diagramação, composição e acoplamentos aleatórios de matérias não formadas, de intensidades e linhas de fuga absolutas que atravessam o nada e, pinçadas pelas duplas articulações que estão por toda parte, o sobrecodificam. Um estrato, assim como um agenciamento territorial, sempre tem duas faces, uma voltada para seus enrijecimentos e pontos de re-territorialização/estratificação e outra para a máquina abstrata desterritorializada/desestratificada absoluta que está comportada no plano de consistência, ou corpo-sem-órgãos do nada.

III

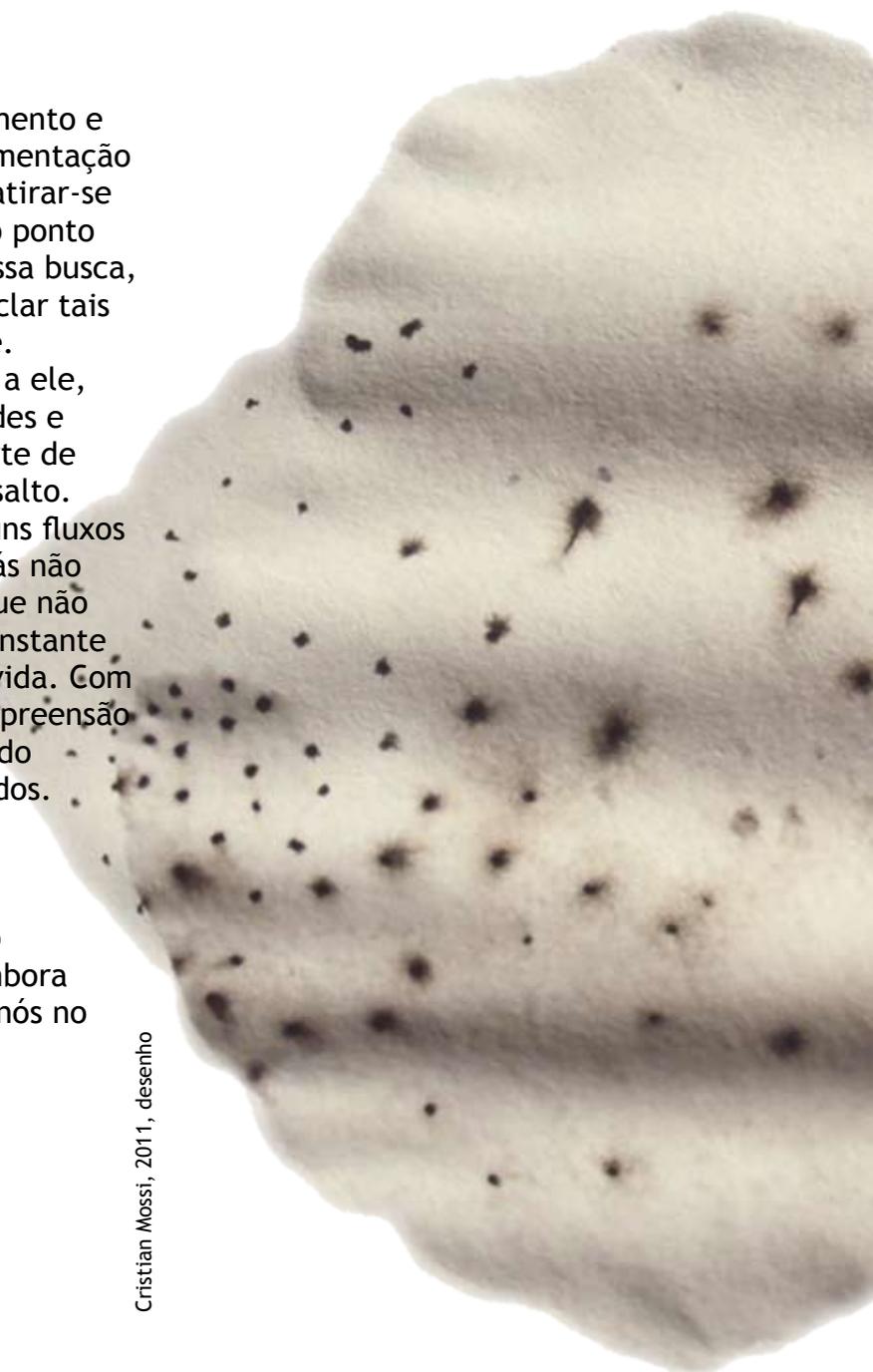
Dentro e Fora, ao mesmo tempo, no mesmo ato. Possibilidade de modelamento, dobramento. Presença que se evapora. E mais nada. O nada é a possibilidade, o corpo-sem-órgãos que procuramos retornar como o drogado que tenta sempre voltar à primeira experiência com o objeto de seu vício. Aqui, porém, trata-se de algo diferente, trata-se de drogar-se sem drogas, sem o uso de um objeto em si, mas de fazer do desejo do depois eterno, do devir, uma fábrica ou máquina abstrata de pensar acoplada em agenciamentos territoriais estratificados diversos, para neles fazer funcionar algo, fugir algo, produzir o próprio produzir. Trata-se de traçar e povoar o plano de consistência do nada não somente com objetos, estratos, agenciamentos territoriais, mas com

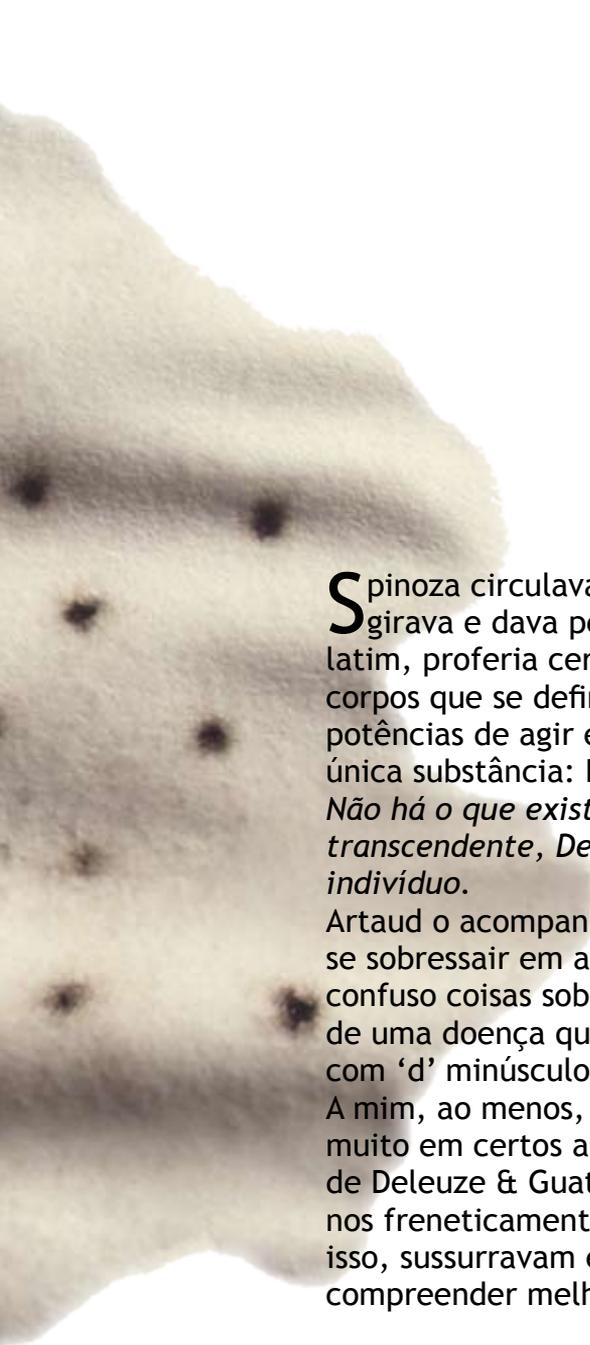
fluxos e intensidades sobrejustapostas - exercício de ocultamento e transparência, tensão e fricção. Trata-se de buscar a experimentação do que existe antes das estratificações e do que as recebe, atirar-se ao risco do vazio onde o que importa é mais o salto do que o ponto de chegada ou de partida, o movimento que é imanente a essa busca, o que faz vibrar, desmoronar os estratos sobre o nada e mesclar tais instâncias em vetores que se interpenetram constantemente. Sortilégio este de entregar-se ao risco do vazio, de atirar-se a ele, de deixar que seus silêncios, seus buracos, linhas, intensidades e até mesmo seus pontos de enrijecimento passem a fazer parte de nós. Trata-se de produzir escombros e sobras a partir deste salto. Fugas e vazamentos com a finalidade de permitir correr alguns fluxos barrados nas e pelas organizações. Trata-se de olhar para trás não para descobrir origens, mas para ler o futuro involutivo já que não há presente. Fazer desse estado uma procura, uma busca constante que se justifica pelo próprio movimento transitório que é a vida. Com todas as suas incompletudes e incertezas, driblando a incompreensão à demora, ao voo livre, à flutuação, ao que não é da ordem do organismo e das estratificações, dos agenciamentos enrijecidos.

(Um ruído grave invade a sala)

Há algo no vazio. Algo que não conhecemos, que (ainda) não experimentamos em nós e por isso nos é tão estrangeiro, embora estivesse sempre ali. Há algo que encharca o vazio, algo de nós no vazio, tal como há no espelho. O vazio agora está para o espelho. Espelho-buraco negro. Portal para outras dimensões.

Cristian Mossi, 2011, desenho





Spinoza circulava ao redor da mesa com uma espécie de chicote em uma das mãos. Enquanto girava e dava pequenos saltos, como passos de dança, em uma língua que me lembrava o latim, proferia certas leis que falavam sobre movimentos e repousos de partículas formando corpos que se definiam pela capacidade de afetar outros corpos aumentando ou diminuindo suas potências de agir e que, junto à mente - o pensamento -, exprimiam um dos dois modos de uma única substância: Deus (o Deus de que Spinoza falava se escreveria assim, com 'D' maiúsculo). *Não há o que exista sem Deus, não há Deus sem as coisas!* Dizia Spinoza. *Longe de ser um ser transcendente, Deus é imanente a tudo o que nos forma e nos envolve, de um átomo a um indivíduo.*

Artaud o acompanhava como alguém que concordava com o que o mesmo dizia, mas que queria se sobressair em alguns momentos. Em meio a gargalhadas sarcásticas, gaguejava em um francês confuso coisas sobre subverter formas e funções de corpos, de organismos, sobre homens doentes de uma doença que se chamava deus (sim, se o deus de Artaud pudesse ser escrito, seria assim, com 'd' minúsculo).

A mim, ao menos, parecia que os dois diziam coisas que, embora diferentes, se assemelhavam muito em certos aspectos. Sem dúvida não se tratava do mesmo Deus (ou deus?). Os olhos de Deleuze & Guattari, que pareciam entender tudo o que ambos diziam, acompanhavam-nos freneticamente e deliravam dando giros velozes dentro das órbitas. Ambos, enquanto isso, sussurravam em meus ouvidos, um de cada lado, coisas que, por sua vez, eu conseguia compreender melhor. E que faziam assim os meus próprios olhos delirar.





.fender o corpo

Há corpo sempre que há conteúdo formado, coisa extensa, mistura, cheiro, dobra. Em par com a mente - o pensamento -, um dos modos de uma única substância: Deus. No entanto, não me refiro aqui somente a organismos, hierarquia entre órgãos que maquinam e fazem funcionar o corpo como nos acostumamos a pensá-lo, já estratificado - a doença de que Artaud nos alerta, deus enquanto juízo que a tudo encobre -, mas do corpo enquanto intensidade, desejo, puro devir, em estado de desterritorialização constante, perseguindo linhas de fuga.

Sob os olhos de Deleuze & Guattari, que deliravam a partir de Spinoza, há uma geografia, uma cartografia que sustenta corpos: partículas em estado de lentidão e velocidade, movimentação e repouso que ganham consistência e extensão em um traço de longitude. Em outro, agora de latitude, há somente a capacidade de afetar (modificar) e de ser afetado (modificado) dos/por outros corpos definidos pelas movimentações e velocidades de partículas do primeiro traço. Esse conjunto constitui uma única natureza para os corpos, que se estabelece em um plano de consistência ou imanência em que permanecem todos os indivíduos, sem haver separação entre coisas ditas naturais e outras ditas artificiais.

Há fenda no corpo, nessa cartografia do corpo, sempre que algo escorre, escapa, vaza, desprende-se dessas coordenadas liberando fluxos e linhas de conexão com o Fora. Fora, não no sentido oposto ao 'dentro', como em uma máquina binária, mas enquanto espaço liso absoluto, maquinaria abstrata, desterritorializada e desestratificada. Fora - plano de consistência, Fora - corpo antes do organismo, Fora - corpo-sem-órgãos.

Os corpos, já estratificados, se deslocam no espaço, se produzem no espaço, criam percursos, mapas, caminhos que ora territorializam o próprio espaço, enrijecendo as linhas e intensidades que correm

deliberadamente no Fora absoluto desterritorializado - o que vulgarmente chamamos 'nada' -, ora abrem fendas nos estratos e fazem destas mesmas linhas e intensidades passagens, estratégias para traçar séries de lembranças desse 'nada' ou 'Fora' que, embora seja coexistente, pelas operações de reterritorialização é ordinariamente esquecido.

Corpo em campo aberto, espaço que recebe o corpo, espaço que vem ele mesmo a ser corpo, corpo que expulsou ou ainda nem formou o organismo, corpo estratificado que abre fendas para se conectar com o nada, espaço que é nada, nada além de nada.

Não há valorações, máquinas binárias ou essências puras que foram perdidas nessas ordens enunciadas (estratificações e Fora absoluto, territorialidades e desterritorializações, corpo orgânico e corpo-sem-órgãos). Há apenas negociações, interpenetrações, tensores que ora mantêm o corpo enrijecido, estratificado e territorializado, ora lhe permitem se movimentar juntamente às linhas e intensidades absolutas, às singularidades selvagens do Fora.

Formas de conteúdo (misturas de corpos) em pressuposição recíproca a formas de expressão (atributos incorporais), que se interpenetram e se autoproduzem, movimentam-se em uma euforia silenciosa que ora perfazem brechas, atirando-se ao vazio, potencializando linhas de fuga e assim abalando tais valores, ora preenchem os espaços, localizam estratos através dos mais variados agenciamentos que vêm, eles mesmos, a conformar e produzir o corpo organizado.

O espaço é mais um nada geográfico, um nada formado somente por um deserto infinito, do que uma linha histórica. Descontínuo, liso e aberto. Para recordá-lo e em certo sentido traçá-lo, desenhá-lo novamente, é preciso mergulhar em seu vazio, como o suicida que, ao atirar-se do alto prédio, puxa junto consigo a sobretoalha da mesa ao lado da janela, levando ao espaço alguns dos objetos que estavam em cima da mesma. Sim, esta pode ser a imagem que movimenta a ação: atirar-se do último andar de um prédio. O intuito de matar-se, a figura do suicida, é o que menos nos interessa. Não se trata de pensar o fim de uma vida, mas o começo de outros tantos agenciamentos e passagens a partir desse ato, trata-se do que circunda a ação limite de suicidar-se. Isso é o que nos movimenta a pensar: o extremo, a velocidade atingida no meio da queda, o percurso vazio e o tremor do corpo entre o ponto de partida e o de chegada. Ou, ainda, a toalha que flutua silenciosa e não se mantém mais sob os objetos, nem sobre a mesa. A pessoa que está passando na rua ao lado e que não vê a cena, apenas escuta distante o som da ambulância que vem ao encontro da tragédia. Toalha, suicida, objetos, pessoas que passam perto ou longe em uma fração de segundos estão em pleno contato com o Fora. Seus trajetos difusos traçam diagramas que acabam por reterritorializar-se no momento exato em que o suicida chega ao chão. É o fim de algo, mas também o começo de muitas outras coisas.

Exercício do extremo: torção do pensamento no próprio pensar. Fazer o pensamento acontecer no pensar. Não se trata de vir a conhecer algo para futuramente re-conhecê-lo, tampouco de desvelar alguma verdade, mas de criar colagens, sobrejustaposições transcriadoras como saltos no vazio, como cometas em velocidade infinita, como resistência aos tantos modos já conhecidos de produzir os corpos (teóricos, orgânicos, imagéticos), como impessoalidade e como atitude clínica frente ao que é grande demais para ser suportado - crise do *Eu* como potência inventiva de singularidades sem face. Trata-se de propor encontros e violências que provoquem deslocamentos imprevisíveis e inesperados, que rompam com a harmonia do senso comum produzindo e repetindo diferenças.

São os próprios corpos que engendram e organizam suas formas de conteúdo e expressão, que configuram seus organismos, seus agenciamentos territoriais estratificados, que os mantêm territorializados, segmentarizados. Há máquinas binárias de todo o tipo (interior enquanto oposto do exterior, por exemplo), as quais servem de estratégias para que o corpo re-produza-se e espelhe-se melhor. Este mesmo corpo, já rostificado, seleciona e captura qualquer tentativa de saída dessa maquinaria. Nos jogos e estratégias de preenchimento de territórios, de enrijecimento, assentamento de linhas e intensidades absolutamente desterritorializadas, os corpos barram e reprimem seus próprios fluxos e, para tudo o que foge ao previsto, passam a acreditar que há algo além das superfícies por trás do plano. Creem que aquilo que eles mesmos criaram pode resguardar segredos, significados profundos, transcendências as quais são encobertas por camadas que nada mais são que jogos de forças, fluxos desejanter e tensionamentos erigidos por constantes negociações através de diversos mecanismos. Produzem verdades, arquetam passados lineares bem engendrados e invocam sistemas sobrecodificantes e significantes a serem constantemente interpretados. Um problema aqui se instaura: de que modo conseguir tal façanha? Barrar fluxos, territorializar e traçar segmentos, dar significados, sobrecodificar o que é pura intensidade, o que são somente objetos que caem da janela de um prédio alto, que flutuam no Fora... É preciso preencher, estriar o espaço liso do nada, é preciso dar conta dele e conhecer os pontos de partida e de chegada, não é possível partir da velocidade do

percurso ou do meio, não é possível saltar simplesmente no vazio, já que os percursos precisam ser muito bem traçados antes desse salto.

Um corpo fendido, nesse sentido, é um corpo falecido, desavergonhado, inutilizado, visto que perdeu seu organismo. É preciso limpar os fluxos, esconder as vergonhas, dar utilidade aos corpos, organizá-los, pedagogizá-los. De modo geral, a educação, enquanto conjunto de agenciamentos territoriais estratificados que capturam corpos de toda ordem - corpos-sujeitos, corpos-objetos, corpos-palavras, corpos-conjuntos arquitetônicos, entre tantos outros - será talvez uma das mais úteis nessa tarefa - suturar o maior número possível de fendas para que nada escape, para que nada jorre, para que tudo se mantenha em ordem, para que o organismo não se perca. Quando se trata de produzir pesquisas nesse campo, majoritariamente, o exercício parece repetir-se: há a busca de métodos prontos e mais confortáveis, a elucidação de passos bem assegurados e o trânsito sem sobressaltos, que oferecem registros limpos, puros, inequívocos, bem polidos. E assim como do verbo se fez rosto e carne, na tentativa de vida se faz a morte.

Não será mais permitido suicidar-se, nem abrir fendas, nem conectar-se com o Fora. Se o fizer, é preciso ter muito cuidado, é preciso que tudo esteja muito bem planejado, é preciso que haja redes de proteção por todos os lados e que a toalha não seja puxada junto ao corpo do suicida, até porque aqui ele - o próprio suicida - é a figura central do ato. Nada mais importa. Nem o que cai com ele, nem quem passa na rua ao lado, nem mesmo a sensação do trajeto. O que interessa é descobrir a todo o custo o que o motivou a isso e como estava o corpo no chão logo após a experiência do voo livre. É o drama da tragédia o que se quer vivenciar e prolongar.

As imagens e as linhas de escrita que se presentificam nessa sobrejustaposição, enquanto uma pesquisa-menor a qual se desenha enquanto processo e resultado provisórios, pretende, se possível, provocar uma fenda, um abalo sísmico nos corpos-organismos estratificados das pesquisas em educação majoritárias - seus agenciamentos territoriais - para, com isso, pegar carona no fluxo que assim passará a escorrer dos mesmos, de modo a minimamente desestratificá-los. Trata-se de, por um processo agrimensor de um território sem margens fixas, modelado pela sobrejustaposição de afectos resultantes dos mais diversos encontros com intensidades que violentam meu pensamento e o colocam a pensar, engendrar, acoplar nesses estratos toda uma sorte de maquinarias abstratas, não precisas e silenciosas, entendendo, é claro, que todo movimento de desestratificação, assim como toda desterritorialização, pressupõe logo a seguir uma reestratificação e uma reterritorialização.

Não se trata de, com isso, tentar resgatar algum tipo de essência perdida que está imersa nas mantas estratégicas, tampouco de tornar tais estratos um Fora absoluto. Não se trata de uma operação heroica contra algum tipo de poder opressor. Trata-se mais de feitiçaria, de um pacto com o demônio, de uma colagem possível, uma operação clandestina. A intenção é de provocar pequenos desabamentos nesses estratos, liberar alguns fluxos, intensidades e linhas de fuga e assim, talvez, conectá-los minimamente com uma zona impensada no pensamento. Versa-se por dar um tratamento para a face do estrato voltada para o Fora, de modo que ela passe a provocar outros dobramentos.

“Como fazer para si um corpo sem órgãos?” perguntam-se Deleuze & Guattari em *Mille Plateaux*, evidenciando uma prática já enunciada por Artaud na conferência radiofônica intitulada *Pour en finir avec le jugement de dieu* de 1947. Eles lançam instrumentais para fendermos o corpo liberando-o de um organismo já estratificado, territorializado, não no intuito de matar-se, de aniquilar o corpo, mas de provocar nele um estado de vibração tão vívida a ponto de não depender mais de uma organização preestabelecida para fazê-lo funcionar, ou ainda de poder decidir o que funcionará como órgãos nesse corpo intensivo, e em conexão com o quê. Corpo-sem-órgãos enquanto plano de consistência para o desejo, agenciamentos de linhas de fuga, devires e movimentos de desterritorialização/desestratificação.

A questão nos atravessa como um dardo envenenado: mas o que afinal tudo isso tem a ver com o campo da educação e com pesquisas/investigações desenvolvidas majoritariamente no mesmo?

Logo o sangue escorre e algo nos diz que a (possível e única) resposta que temos no momento, de antemão, é simples: nada está posto, já estabelecido previamente. Contudo, não há nada que já não esteja na superfície. Nas profundezas há somente um murmúrio indiferenciado, uma ladainha intermitente que desprende, em direção ao plano, fragmentos flamejantes que sobrejustapõem-se.

As flechas, emaranhados, costuras, trajetos, estriamentos, colagens e outras tantas operações possíveis a partir das afecções produzidas na tentativa de aproximação da prática de um corpo-sem-órgãos com a produção já instituída e estratificada de pesquisas no campo da educação poderão ser construídas, e povoarão o plano de consistência, o espaço liso do nada nos entremeios dos efeitos de sentido que ressoam das imagens e das linhas de escrita que seguem. E caberá não só a mim, agrimensor desse desterritório sem margens, produzi-las, mas também ao seu leitor/explorador, que não poderá se colocar passivo frente a tal construção, sob pena de fazer dela algo sem nenhuma possibilidade conectiva - e isto não é um problema, mas somente um risco assumido.

A composição desta sobrejustaposição, desta pesquisa-colagem, nada mais é que uma produção em seu estado de eterno porvir. Um devir-menor, uma gagueira que atravessa a língua, ou ainda, a fundação de uma ilha e de seu traçado simultâneo, uma maquinaria abstrata enquanto usina acoplada aos pontos de territorialização e estratificação de engrenagens que movem pesquisas educacionais majoritárias, estratificadas, instituídas. Trata-se da composição de fragmentos e emaranhados que atravessam e fabricam um corpo-sem-órgãos.

Que há, talvez, aqueles que nunca produzirão tais relações, assim como nunca fabricarão seus corpos-sem-órgãos e continuarão pensando que os estratos são a condição primeira da existência de qualquer coisa e que matérias não formadas, linhas de fuga e intensidades são assunto para os que privilegiam a imaginação, disso não há dúvida.

A intenção aqui nem é a de fugir completamente desses pontos de enrijecimento, como que numa linha de abolição ou de morte absolutas. É sim o de, apesar deles, deixar livres pequenas fendas para que algo escape. Produzir pequenos abalos sísmicos. Dar vazão a novas formas de conteúdo e expressão.

Não há separação entre imaginação e realidade, causas naturais e artificiais. Não há hierarquia. Não que essas coisas não existam, mas pelo menos não estão naturalmente organizadas, de antemão, em uma pressuposição binária, sob algum tipo de senso de valoração, como se algo fosse mais importante que outra coisa. Traça-se um plano onde há apenas rede de tensores, vias, bifurcamentos, emaranhados, transparências, luzes e sombras, encruzilhadas a n dimensões.







.A ILHA

A pesquisa é o que ela pensa que é

.o pesadelo do distinto Sr. Godoy

O foco de luz volta e meia se deslocava do centro, encontrando, pelas margens escuras da sala, faces desavisadas. Havia entre elas a de um senhor de meia-idade que permanecia de costas, tentando ao máximo não participar daquele absurdo - era um homem baixinho, com o cabelo ralo e grisalho penteado para trás, camisa xadrez impecavelmente engomada e cuidadosamente colocada dentro das calças, sapato combinando com o cinto (ambos de cor marrom). Trazia nas mãos alguns livros amarelados e uma pequena caixinha de apagador e giz. Ele mal olhava para o centro e, quando o fazia, espiava rapidamente sobre o ombro, logo se voltando para o lado contrário, espremendo os olhos e resmungando baixinho palavras de desaprovação:

- *Que absurdo!* Dizia ele. *Como é que eu fui chegar aqui? Só posso ter sido carregado... É um sequestro! Assim que eu conseguir sair deste lugar vou terminar com essa pouca vergonha, vou denunciar esses malucos à polícia.*

O Sr. Godoy era o tipo de pessoa que acreditava que para tudo há uma denúncia e que a polícia realmente poderia resolver qualquer problema.

(FACES DESFIGURADAS VOLTARAM-SE RAPIDAMENTE PARA ELE...)

- *Qual sua concepção de pesquisa, Sr. Godoy? Para que servem as pesquisas em educação? O que é uma metodologia, Sr. Godoy? As vozes se sobrepunham.*

O pobre homem parecia que, de pronto, iria ter um colapso. Que interesse repentino era aquele? Como sabiam que ele era um distinto professor de metodologia científica para lhe perguntarem aquilo? E por que naquele lugar fétido?

- *Estavam me perseguindo, me monitorando!* Pensava ele.

Os mais próximos pareciam ter sido tomados por aquela questão e a faziam em diversas línguas (algumas, inclusive, que o Sr. Godoy não reconhecia), olhando no fundo dos seus olhos. Alguns, em um devir-serpente, se enroscavam pelas pernas do velho professor e puxavam suas calças, desabotoavam sua camisa, lambiam os seus sapatos. Outros arrancavam as páginas de seus livros que voavam pelos ares, amassavam-nas, mastigavam-nas e, com o giz que estava perfeitamente acomodado dentro da caixinha, escreviam obscenidades pelo chão. Entre uma palavra e outra que estampava o cenário em torno do Sr. Godoy, mordiam seu pescoço, seus braços, as pontinhas de suas orelhas e seus mamilos.

O suor escorria pela testa do distinto Sr. Godoy. Possuído por um sentimento que misturava raiva, prazer, vontade de fugir e de se entregar ao mesmo tempo àquela situação (sim, o Sr. Godoy quase sentira prazer com o ocorrido, porém, seu excesso de moral não o deixaria chegar a tanto), além da dúvida sobre como

havia chegado lá (como o teriam levado à força para aquele lugar que ele jamais pensaria frequentar?), o homenzinho pensava que um professor de metodologia científica, que há tantos anos ensinava na universidade perspectivas epistemológicas de investigação, poderia responder àquelas questões sem nenhuma dificuldade. Se era somente aquilo o que queriam que ele respondesse, que o deixassem então logo ir embora!

- *É isso o que querem saber?* Gritava o Sr. Godoy com a voz embargada e a boca seca. *Por isso me trouxeram para esse lugar sem sentido?* Ele não conseguia falar, apenas soltar alguns urros e gemidos. *Era preciso todo esse desatino? Poderiam ter me entrevistado em meu gabinete, minha secretária prepararia um chá e eu discorreria por horas sobre todo o conhecimento que por anos acumulei sobre essas questões... Não entendo!* Como o Sr. Godoy poderia falar de pesquisa, de algo tão sério, tão complexo e tão importante para o progresso da ciência em meio àquela loucura? Certamente, pesquisa nada podia ter a ver com aquela parafernália! Sem dúvida era o final dos tempos! O que aquela pouca vergonha toda poderia ter de relação com o ofício de ser investigador? E em educação, ainda! Era uma blasfêmia! O distinto Sr. Godoy só esperava acordar daquele pesadelo e poder retornar às suas salas de aula, tão distintas quanto ele. E continuar ensinando o que ele sabia como ninguém.

.artesanias

Programa e traço. Sobre (ou ao lado) de um plano de estratificação ou desenvolvimento que cobre formas, sujeitos, órgãos e funções, enfim, estratos ou relações entre estratos (podemos aqui nos referendar às pesquisas majoritárias no campo da educação enquanto complexo de agenciamentos territoriais), traçar um outro plano, como plano de consistência, composição ou imanência que contenha somente relações de intensidades, movimento e repouso, velocidade e lentidão entre elementos não formados, moléculas e partículas de toda ordem.

Ética e Estética. Este segundo plano não será uma imitação do primeiro. Servirá como base para a composição de uma ilha, ou melhor, de toda uma sorte de maquinarias abstratas em tal ilha, uma fábrica ou usina produzindo desterritorializações e devires de toda ordem no primeiro plano, segundo intensidades, graus e economias de desejo. Haverá de se inventar toda uma outra forma de se locomover e de sobreviver nessa ilha quando lá se estiver. Não se poderá fazer dessa ilha um lar, uma casa (correndo-se o sério risco de, se o fizer, perpetuar uma pura linha de abolição e morte). A ilha, funcionando como fábrica, ela própria diagramada, traçará uma ética e uma estética da fuga em relação ao primeiro plano, não no sentido de meramente fugir, se refugiar, mas de fazer com que algo fuja.

Desenho e trânsito. Existirá entre os dois planos livre acesso para quem os traçou. Contudo, é importante lembrar que o plano de estratificação não cessará de tentar sanar linhas de fuga, parar ou interromper devires e desterritorializações, reconstruir formas e sujeitos. Para isso o plano de consistência fora minuciosamente desenhado - para intencionar partículas a fugirem de seus agenciamentos territoriais estratificados.

Disparo e vida. A máquina será desencadeada toda vez que o plano de organização, enquanto complexo de agenciamentos territoriais estratificados, entrar em movimento de desterritorialização/desestratificação, fazendo-o variar, delirar. O plano de organização, os estratos que o compõem, serão vivificados, ou seja, investidos de consistência. Vida esta entendida enquanto um sistema complexo que perturba as ordens, as formas e as substâncias, ambos ao mesmo tempo, um trabalhando no outro.

Abalo e fuga. Produzir tais artesanias consiste em alimentar uma pesquisa-viva: alçar o sobrevoo e aceitar o movimento. Invencionar uma pesquisa-trânsito, entre o plano de organização dos estratos das pesquisas educacionais majoritárias e o plano de consistência que é traçado para fazer fugir deles linhas e devires, moléculas e partículas. Fabricar uma pesquisa-menor em educação, como busca pelo desorganismo dos corpos que compõem tais agenciamentos territoriais e estratos. Fabular uma pesquisa-gagueira, como traçado da geografia de um continente, uma ilha-continente, não para fugir dos estratos, mas para fazê-los fugir através de abalos sísmicos, para traçar linhas que os façam escapar, variar, delirar. Trata-se de pensar uma pesquisa em educação como colagem, sobrejustaposição de potencializadores de afectos intensivos, desencadeadores de devires. Pesquisa como usina, não teatro, como máquina de desterritorializar agenciamentos territoriais, de desestratificar estratos enrijecidos.

.viver como um monstro ou morrer como um homem bom?

A mesa onde estávamos eu, Deleuze & Guattari era uma ilha para Artaud e Spinoza, que circulavam em torno dela, bem como para os que permaneciam na escuridão, os quais por vezes eram parcialmente revelados pelo foco de luz. Contudo, estes também constituíam uma ilha em relação à escuridão absoluta, ao diagrama onde fluávamos, como um continente perdido no oceano, uma galáxia entre muitas. Sim, aquela sala era a própria ilha, um Fora que acoplava-se às margens dos agenciamentos territoriais estratificados do campo das pesquisas em educação majoritárias e as faziam variar, entrar em fuga, delirar seus órgãos. A ilha constituía uma maquinaria que funcionava sem organismos e sem engrenagens, apenas com as variações de velocidade dos fluxos que escorriam no encontro dos corpos, os quais, de acordo com as afecções que entre eles eram possíveis, faziam erigir traços rasgando o espaço aberto: imagens e linhas de escrita jorravam

descomedidas, conceitos, perceptos e afectos sobrejustapunham-se sem hierarquia sobre o plano. Havia tempos e lembranças que, como camadas, atravessavam aquele lugar. Por um instante, embriagado pelo balanço daqueles corpos, a lembrança que me ocorria era a de *Ilha do Medo* (*Shutter Island*, EUA, 2010), película de Martin Scorsese, e das confusões mentais do detetive Teddy Daniels, o protagonista da trama, que, juntamente com seu assistente Chuck Aule, investigava a possível fuga de uma paciente do Shutter Island Ashecliffe Hospital, em Boston, uma ilha-presídio-hospício que abrigava criminosos perigosos com sérios problemas mentais. Nela, Daniels encontrara resistência por parte da diretoria do hospital em oferecer informações para sua investigação, além de sofrer de fortes dores de cabeça e de ser atormentado por lembranças de sua falecida esposa, bem como pelos horrores vividos durante a 2ª Grande Guerra Mundial nos campos de concentração alemães. Em meio a momentos de profundo conflito e de incerteza de sua própria sanidade, o detetive acaba por descobrir que ele próprio era um paciente da ilha-presídio-hospício recuperando-se do trauma de ter matado sua própria esposa após a mesma ter assassinado seus três filhos. Aule, seu assistente, nada mais era que o médico psiquiatra envolvido em seu tratamento. Ao dar-se conta de sua condição e prestes a ser lobotomizado, já ao final do filme, Teddy Daniels pergunta-se se valeria mais a pena *viver como um monstro ou morrer como um homem bom*.

Que posição seria mais proveitoso tomar? Seguir vivendo em seu delírio sem encarar sua condição fora daquela ilha, ou dar-se conta de quem tinha sido no passado e do que tinha feito, aceitando assim uma série de sofrimentos? Haveria somente essas duas possibilidades para Daniels, entre a sanidade e o delírio completo? Creio que não. Uma única possível resposta para tais questões não é o que exatamente nos interessa aqui. Contudo, parece-me que no próprio questionamento feito por Daniels pode haver alguns pontos funcionando como tensores para pensarmos - no sentido de precipitarmos - os estratos onde se encontram o que chamamos de pesquisas em educação majoritárias. Tais precipitações escapam e conectam-se com a investigação-ilha que se estabelece num plano anexo de consistência, traçado e sobrejustaposto minuciosamente.

X tensores

(para fundar uma investigação enquanto delírio-ilha, delírio-continente possíveis)

1. *As ilhas e continentes são blocos lineares que se opõem aos sistemas pontuais dos países territoriais estratificados: ocorrem em um devir minoritário do próprio país, arrastando dele partículas, moléculas*

e linhas que, nos movimentos de desestratificação ocasionados por algum tipo de precipitação, ganham consistência.

II. *Sempre há possibilidade de indagar as coisas como estão postas*: as ilhas e continentes imaginados, fundados nas imediações das linhas de fuga (plano de consistência), que são produzidas ao precipitarmos qualquer tipo de agenciamento territorial estratificado (plano de organização), podem sempre comportar outros formatos, outras construções, outras conexões. Ambos nunca estão dados ou definitivamente assentados. O que os diferencia são as velocidades e lentidões de desterritorialização e desestratificação que os pontuam, ou seja, seus graus. Contudo, ilhas e continentes não são imunes a territorializações e estratificações. Nunca se acaba de desbravar um lugar ou de possibilitar, precipitar coisas nele, já que um movimento de desterritorialização implica sempre uma reterritorialização que pode a qualquer momento novamente se desterritorializar.

III. *Às ilhas e continentes são dadas organizações estáveis por certo tempo, para que elas não sejam livremente invadidas e/ou acabem sucumbindo em linhas de morte e abolição*: o que não significa ter, nos países que elas colocam em fuga, um modelo a ser seguido. Ilhas e continentes não são metáforas daqueles, mas são rizomaticamente implantados nas suas imediações, não como extensão, mas como conexão, como seleção e imantação do que lhes escapa. Há sempre a possibilidade de reorientar o traçado no plano de consistência de uma ilha ou continente, dependendo de que linhas de fuga são manejadas a partir da precipitação do plano de organização que comporta países territorialmente estratificados.

IV. *Uma ilha ou continente oferece inúmeras possibilidades*: de elevações, demolições, construções de túneis e plataformas de visão, de comunicação com o que está distante (além de com os próprios países que as precipitações colocam em fuga, também com outras ilhas e continentes) ou, é claro, de fechamento completo.

V. *Não há essências nem verdades inquestionáveis nas ilhas e continentes*: apenas lentes diferentes para manusear um terreno, um objeto escavado, uma depressão ou o ponto de vista de um pico. Não há nada que não esteja na superfície das ilhas ou que não possa delas submergir ou ser lá colocado. Há somente infinitos matizes entre (ou além de) binarismos estáticos, elementos dispersos que em certos momentos ganham destaque, permanecem nas sombras ou são livremente conectados.

VI. *As ilhas e continentes não são do conhecimento de todos, tampouco do interesse de todos*: há ilhas e continentes por todos os lados, algumas que se comunicam, outras que se fecham. Há ilhas e continentes dentro e fora do campo de visão. Ilhas e continentes podem ser ocupados, a qualquer momento, por qualquer um (não necessariamente pelos indivíduos que as traçaram e fundaram), que fará deles o que bem entender. Não há um mau uso das ilhas e dos continentes.

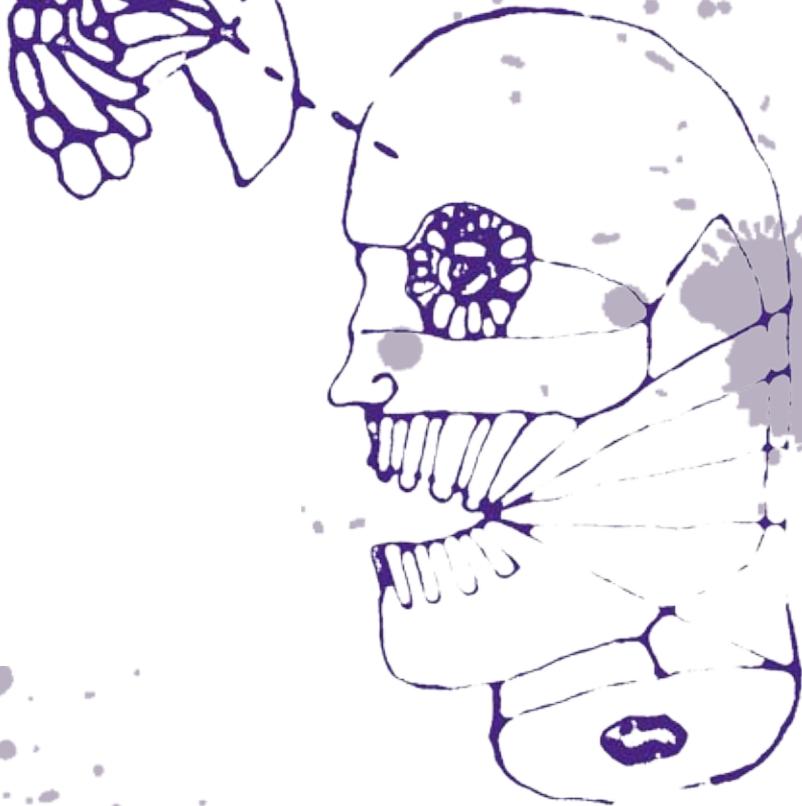
VII. *Uma ilha nunca é igual a outra:* embora faça o mesmo país desterritorializado transbordar suas margens ou utilize um traçado de linhas de fuga muito semelhantes. Não há imitação entre ilhas, nem entre ilhas e países. Há somente composição com velocidades e lentidões de partículas que, ao fugirem de países territoriais estratificados ganham consistência em um bloco-ilha-continente. Há apenas devir constante, fluxo ininterrupto de acontecimentos que se modificam uns aos outros, transcriações e sobrejustaposições.

VIII. *As leis que regem continentes e ilhas são diferentes das que regem um país:* Nas ilhas não há as mesmas ilusões de certezas e estabilidades dos países, mas há sem dúvida a invenção de outras. Contudo, ao contrário dos países, ilhas modificam-se constantemente, o tempo todo, e, portanto, suas leis também entram nesse fluxo de mudança. Ao fundar uma ilha, colocamo-nos em movimentos constantes de indagações e incompreensões. Há sempre enfrentamentos, perturbações e desfamiliaridades que nos lançam a terrenos movediços de incompletudes e sinuosidades onde conseguimos firmar os pés no chão e dá-los por assentados por muito pouco tempo. Todo um instrumental surge daí.

IX. *Para construir ilhas e continentes é preciso invencionar objetos e objetivos, parâmetros e métodos... e fazê-los delirar:* não há ilhas ou continentes, nem mesmo a precipitação ou o transbordamento de margens de um país territorialmente estratificado, sem o contágio e o afetamento de certos corpos, indivíduos, grupos, comunidades sobrejustapostos ou ainda sem a utilização de certos disparadores. É preciso dinamitar alguns terrenos, escavar outros, construir pontes, distribuir populações e fazê-las variar. Ilhas e continentes não são construídos sem que aconteçam encontros profícuos, ainda que os mesmos ocorram na solidão, entendendo toda solidão povoada por matilhas, enxames, cardumes e multidões de toda ordem.

X. *Não há tempo cronológico em continentes e ilhas:* mas somente agenciamento de fragmentos descontínuos, de temporalidades que se sobrejustapõe. Realidades são sempre construídas e há sempre a manutenção ou retroalimentação de certas invenções que podem ser postas à prova a qualquer momento. Em ilhas e continentes, o que não pode ser constatado pode ser inventado, produzido, gerado a partir de movimentos de partículas e matérias não formadas que ganham consistência. Há inumeráveis pequenas mortes em meio a essas (des)colagens.





.INVENCIONICES METODOLÓGICAS

Quem disse que a pesquisa não pode
[fazer] pensar?

.a máquina de pensar

Apesquisa aqui enunciada, que procura se desenhar como um devir-menor das formas instituídas de produzir pesquisas em educação (as ditas pesquisas majoritárias), se pensa a si própria, e procura, em sua vasta medida, fazer pensar. Não que se esteja dizendo, com isso, que ela se baste, que se feche sobre si mesma, mas sim que se dobra infinitamente, que resulta das conexões, dos acoplamentos afectivos de fluxos de desejo, não como falta, mas como engrenagem produtiva - em teia - do próprio produzir. Trata-se de uma

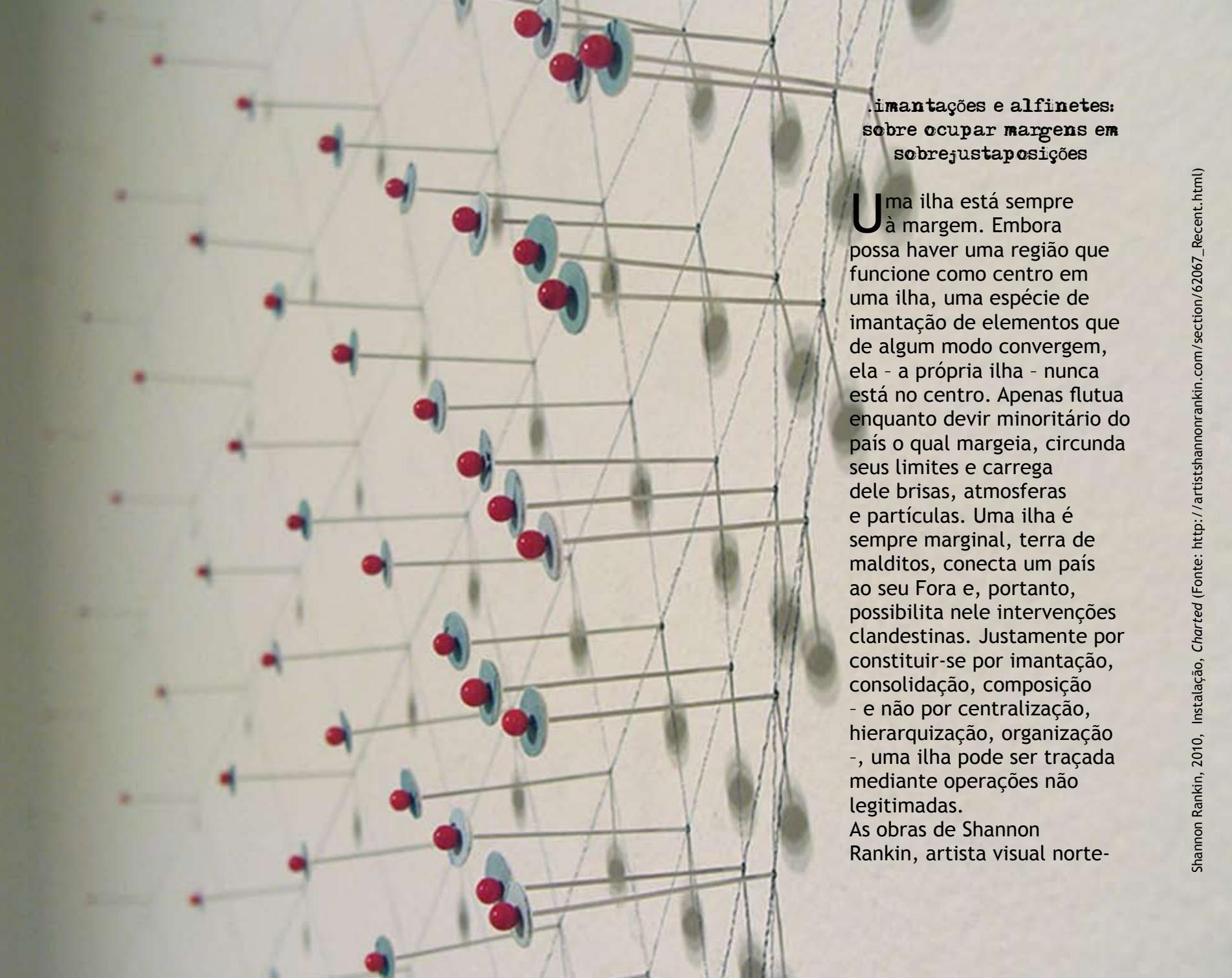
pesquisa maquínica, com peças rizomaticamente distribuídas sobre o plano, vibrando em sobrejustaposição, sem eixo nem origem, as quais evidenciam encontros que intentam coagir e colocar em movimento o pensamento.

Só aí já há muito. A máquina de pensar destitui as noções de teoria antes ou depois da prática - não há mera retórica - pois o que nela se instaura no plano dito teórico já pressupõe um corpo em ação e movimento invaginando em si mesmo o universo, produzindo-se como singularidade. A empiria e o pensamento andam lado a lado, amalgamados, digladiando, violentando um ao outro.

Quando a existência é pensada em devir e, portanto, não pode ser re-conhecida sempre da mesma forma, quem disse que é possível pensar sem uma máquina, sem um encontro profícuo que coloque o próprio pensamento a pensar?

Não, não se trata de uma máquina central, unânime, do corpo e do cérebro como máquinas, mas da máquina de pensar abstrata sem sujeito, que acontece ao pensamento, que o violenta e o põe em funcionamento produtivo e inventivo, que abala o *Eu* estabelecido como pleno, consciente e racional, dobrando-o na direção de um Fora como terreno pleno de possibilidades o qual não reconhece subjetividades ou identidades, somente forças selvagens, virtualidades e possíveis.

Máquina abstrata que não institui a abstração como um além-mundo transcendente, mas que, com suas inumeráveis pontas, acopla-se aos agenciamentos - e a toda sorte de formas de conteúdo e expressão -, fazendo-os fugir em devires minoritários, em desterritorializações/reterritorializações inventivas. A máquina de pensar é acionada, assim, por tensões e funcionamentos bruscos, inusitados, levando ao impensado do próprio pensamento e à invenção de mundos - de ilhas e de continentes - por vir.



**Imantações e alfinetes:
sobre ocupar margens em
sobrejustaposições**

Uma ilha está sempre à margem. Embora possa haver uma região que funcione como centro em uma ilha, uma espécie de imantação de elementos que de algum modo convergem, ela - a própria ilha - nunca está no centro. Apenas flutua enquanto devir minoritário do país o qual margeia, circunda seus limites e carrega dele brisas, atmosferas e partículas. Uma ilha é sempre marginal, terra de malditos, conecta um país ao seu Fora e, portanto, possibilita nele intervenções clandestinas. Justamente por constituir-se por imantação, consolidação, composição - e não por centralização, hierarquização, organização -, uma ilha pode ser traçada mediante operações não legitimadas.

As obras de Shannon Rankin, artista visual norte-

americano, parecem potentes no intuito de provocar funcionamentos profícuos e abrir vias inesperadas nas sobrejustaposições que ora se presentificam nestas páginas, mediante imagens e linhas de escrita - nessa ilha/máquina abstrata de pensar em que os agenciamentos territoriais e estratos das pesquisas educacionais majoritárias pretendem ser abalados por processos de devir, desterritorialização e fuga.

O artista mencionado subverte mapas já instituídos e legitimados - recorta-os, cola-os em diversos formatos na parede, amassa-os, dobra-os - e, com o auxílio de alfinetes e linhas de desenho, cria conexões individuais para tais composições, colocando assim em xeque o que conhecemos enquanto escrita de uma geografia física e política oficializada. Ele liga pontos, inventa regiões de tensão, cria espaços, aberturas e formatos inesperados. Há em suas peças toda uma poética da consolidação e do que aqui chamamos de sobrejustaposição: imantação e repulsão de elementos possibilitando pensar o espaço e a paisagem como uma invenção concretizada pela sua cartografia inventada.

O que se pretende insinuar *nas* e *por entre* as linhas de escrita e as imagens compostas nestas páginas, conceitos, perceptos e afectos apresentados, é a fundação de margens em sobrejustaposições na medida em que, ao serem friccionadas com as obras de Rankin, objetivam lançar faíscas e conexões experimentativas a seus possíveis exploradores. Há cruzamento entre os processos de produção dos trabalhos do artista e o modo como a composição de linhas de escrita e imagens aqui se sobrejustapõem: através de rasgos, recortes, colagens, produção de camadas e ritmos, conjunção e atravessamento de pontos, demarcação de encontros e repulsões entre elementos, abertura a espaços fendidos, não preenchidos. Tudo isso em um plano sem lugares fixos, preestabelecidos.

Não há pretensão de representar nada, mas fluxo desejante e inventivo, experimentalivo. Não há interpretação, enquanto busca de significados intrínsecos e mais profundos, mas a tentativa de se lançar a uma antiestrutura rizomática de invenção, problematização e trânsito. Não há meras sobreposições teóricas, nem justaposições representativas/ilustrativas, tampouco posições rígidas dispostas em torno de um eixo central, mas sobrejustaposições anticartesianas em que o *corpus* teórico busca ser esticado até seu limite, traduzido com falhas, retomado e destituído de um organismo hierárquico, friccionado até que incendeie. As posições ocupadas pelo sujeito singular sem face que escreve não são do seu ponto de vista, mas dos inumeráveis olhos que são tomados de empréstimo para ver e violentar o que se diz e vê, enfim, o que se pensa.

Em certos trabalhos (como em *Germinate*, 2008 e *Charted*, 2010) Rankin varia a concentração de alfinetes e de elementos em algumas partes do plano, ou seja, em alguns locais os alfinetes apresentam-se mais agrupados (como se sofressem uma imantação misteriosa) e em outros mais afastados, deixando espaço para que o fundo branco, o vazio, o nada, o espaço liso seja incorporado e potencializado visualmente na obra,

de modo a criar dimensões e profundidades bastante intrigantes. Não se trata de mera ilusão perspectivista condicionada a primeiros, segundos, terceiros planos, mas de sinuosos tensores que demarcam entremeios, espaços, vias, dobramentos, entradas e fazem assim a superfície delirar por sobrejustaposições. Há todo um investimento de sensualidade, de flerte com o plano.

Há também, nas sobrejustaposições ora apresentadas, toda uma distribuição e uma operacionalização de conceitos e de visualidades os quais, como que imantados de modo a agrupá-los de diferentes maneiras, com mais e menos concentração de elementos experimentativos, procuram potencializar superfícies e reinventar espaços, permitindo assim que variem e abarquem em si próprios os vazios e entremeios. Trata-se de fazer com que a superfície de um plano delire através da consolidação e composição de elementos... Jogo de estriamentos e alisamentos.

.deus é uma lagosta

Ora, não esqueçamos que entre pesadelos, delírios e fundações de ilhas, estamos falando é de pesquisas no campo da educação. Grosso modo, isso reporta a produzir conhecimentos para essa área do saber que, num primeiro momento, poderíamos dizer que agencia corpos, indivíduos, espaços, artefatos, lugares, conjuntos arquitetônicos, bem como teorias, linguagens, conceitos, métodos e semióticas específicas, os quais são cuidadosamente tecidos a fim de interferir diretamente nos corpos envolvidos em tais ações. Sobre aquela mesa Deleuze & Guattari me olhavam firmemente nos olhos, esperando que eu não esquecesse de que toda e qualquer forma de conteúdo (mistura de corpos) pressupõe atos incorporais, ou formas de expressão (encadeamento dos enunciados expressos) em um agenciamento territorial estratificado, mesmo não havendo entre elas correspondência nem conformidade, ou seja, representação ou descrição, mas sim isomorfismo, pressuposição recíproca.

Os enunciados expressos, nesse sentido, são atribuídos aos corpos. Ou seja, ao utilizarmos tais enunciados não estamos apenas referendando os corpos, mas intervimos sobre eles para retardá-los, precipitá-los, antecipá-los ou retrocedê-los. Agora era Spinoza quem fitava com firmeza Deleuze, acariciando seu rosto enquanto puxava o braço de Guattari, deixando-me assim espremido entre os dois. Os três recitavam em uníssono:

- Se chegarmos a elementos que não têm mais forma ou função - elementos por assim dizer abstratos infinitamente menores que um átomo - eles só se distinguirão pelo seu movimento ou repouso, lentidão ou velocidade. Sendo assim, segundo tais e quais graus em que entrarem, farão parte deste ou daquele indivíduo. E, por sua vez, pressuporão formas de expressão.

O foco de luz se deslocava agora para a penumbra. Quem surgia da escuridão era um homem gordo, de estatura mediana, seus braços eram como pinças de uma lagosta e acima de sua boca nasciam longos bigodes. Ele apresentou-se como professor Challenger. Spinoza, fazendo uma breve reverência, segurou-o pela mão e o trouxe para o centro da sala, próximo à mesa onde estávamos eu, Deleuze & Guattari, que, ao verem o homem-lagosta, soltaram uma expressão de surpresa e de agrado. Eu sentia o cheiro forte de maresia no bafo quente do professor que aproximava seus olhinhos miúdos a quatro dedos do meu rosto, analisando-me com atenção.

Ele nos lembrou de que essa dupla articulação (formas de conteúdo e formas de expressão), *double-bind* ou dupla pinça, era nada mais nada menos que (pasmem!) o juízo de Deus. Artaud, que tinha ficado de fora da conversa, mas continuava rondando a mesa e excitando a plateia que se movimentava cada vez com mais agitação na penumbra, ao ouvir a expressão ‘juízo de Deus’ estremeceu e começou a ficar mais atento ao que era dito.

- *E, por favor, prosseguia o professor Challenger, não se trata aqui de questionar a existência ou não de Deus. Trata-se muito menos de negar a existência de Deus. Trata-se de agir por afirmação, e assim assegurar que Deus é uma dupla pinça, que Deus é uma lagosta e ponto final.*

Pôde-se ouvir algumas gargalhadas ao fundo.

Spinoza contestou:

- *Não caíamos nessa falácia, meus caros! Eu diria que Deus é um ente absolutamente infinito, substância que consiste de infinitos atributos exprimindo assim uma essência eterna e também infinita. Entendendo, por substância, aquilo que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido e, por atributo, aquilo que, de uma substância, o intelecto percebe como constituindo a sua essência. Sinceramente, do que não se trata é de dizer que Ele seja isto ou aquilo, faça-me o favor!*

- *Explico-me melhor... Dizia o professor-lagosta, interrompendo bruscamente Spinoza. Nos primórdios, a terra desestratificada consistia em um corpo-sem-órgãos absoluto, atravessado somente por matérias não formadas, partículas, fluxos e intensidades livres, selvagens. Tratava-se de uma molécula gigante.*

Artaud ergueu e arregalou os olhos ao ouvir ‘corpo-sem-órgãos’. Ouvi o *tac-tac-tac* das pinças batendo próximo à minha cabeça. O professor deu uma pausa e continuou explicando:

- *Formavam-se em torno da terra cintas e camadas que se estratificavam, através de duplas-pinças as quais aprisionavam e fixavam intensidades livres (matérias), dando-lhes duplas articulações (formas de conteúdo e de expressão) e transformando-as em substâncias. Lembremo-nos que, tanto as formas de conteúdo como de expressão continham matérias e substâncias e que ambas estavam em pressuposição recíproca. Ou seja, é claro que o que se formava nada mais era que estratificações, ou seja, juízos de Deus. Mas a terra estava*

sempre buscando modos de se desestratificar, linhas (como criações) para que isso ocorresse.

Spinoza acenou com a cabeça em sinal de uma quase concordância, como se pensasse: *“estamos falando algo muito próximo, só que com termos diferentes”*. Artaud fitou a todos com cada vez mais atenção (embora em alguns momentos ele parecesse completamente alienado da conversa).

- É claro que tal distribuição não era nem tão rígida nem tão clara, dizia Challenger. Em um estrato havia duplas pinças por todos os lados, formas de conteúdo e de expressão que se constituíam, cada uma delas, de matérias e substâncias diversas, além de graus de desestratificação e matérias ainda não formadas. Os estratos também não eram tão fracionados, mas penetravam uns nos outros, se alastrando entre eles. Nos próprios estratos formavam-se agenciamentos territoriais que, eles próprios, continham formas de conteúdo enquanto misturas de corpos e formas de expressão enquanto misturas de expressos incorporais, também em pressuposição recíproca.

Guattari, que até então tinha ficado mais calado que Deleuze, sentou-se de um golpe só na beirada da mesa, quase tocando os pés no chão e continuou o raciocínio de Challenger...

- Concordo, professor. Parece-me que estamos tentando entender, portanto, as pesquisas em educação, a qual estávamos a discutir pouco antes do Senhor chegar, como um composto de agenciamentos territoriais estratificados - ou seja, uma mistura díspar e sem hierarquia entre os corpos e atributos incorporais que o compõem -, linhas de articulação ou segmentaridade, territorialidades e, claro, por outro lado, linhas de fuga e de desestratificação desses estratos, de desterritorialização dessas territorialidades. É claro que, dependendo das velocidades de escoamento das substâncias que se formam nas duplas pinças, há fenômenos de retardamento e viscosidade ou de precipitação e ruptura desses elementos.

Deleuze prosseguiu...

- Nesse sentido, diríamos que, em qualquer agenciamento territorial - no caso aqui estamos falando dos agenciamentos que compõem o campo das pesquisas em educação -, há sempre dois eixos segmentados. Um eixo horizontal, o qual comporta dois segmentos - um que chamaríamos agenciamento maquinico de corpos, de ações e de paixões que reagem uns sobre os outros, este ligado às formas de conteúdo, e outro que chamaríamos agenciamento coletivo de enunciação, de atos, enunciados e transformações incorpóreas que são atribuídas aos corpos, este ligado às formas de expressão. Quanto ao outro eixo, agora vertical, teríamos um dos segmentos territoriais e reterritorializados, estáveis, e outro apresentando picos de desterritorialização e desestratificações que o arrebatam.

Guattari, ainda sentado na beirada da mesa, fazia sinais no ar, como se fossem desenhos de linhas que se cruzavam transversalmente, e falava que:

- Um agenciamento, portanto, sempre será direcionado para os estratos que fazem dele uma espécie de

organismo, uma totalidade significativa ou uma determinação atribuível a sujeitos específicos, mas nunca deixará de ser direcionado também para um corpo-sem-órgãos, que não para de desfazer o organismo, de deixar passar por ele partículas a-significantes, atribuindo-as aos sujeitos dos quais não resta mais nada além de um nome como rastro de intensidade.

Artaud soltou uma gargalhada sarcástica que deixou todos em silêncio. Suspirou fundo e falou pausadamente, mastigando cada palavra:

- Vocês estão completamente loucos!

(Tinha que sobrar justamente para o Artaud dizer isso?!)

Pela primeira vez ele não se mantinha disperso, evasivo... Prosseguiu falando:

- Estávamos logo há pouco falando de educação, de pesquisas em educação... Agora me vêm vocês falar de eixos, de organismos, de deus, de lagostas e de pinças... Para mim, deus e os órgãos é que fazem do homem um ser enfermo, enfermo porque mal construído... Quando tiverem conseguido um corpo-sem-órgãos, quando subverterem seus organismos, então o terão libertado dos seus automatismos. Terão devolvido sua verdadeira liberdade. Poderão ensiná-lo a dançar às avessas como no delírio dos bailes populares e esse avesso será seu verdadeiro lugar, como este em que aqui estamos!

Nesse momento, havia então uma pausa onde todos, inclusive eu que não havia me manifestado até então

- tamanho foi o falatório -, ficaram pensando nas coisas que haviam sido ditas. O chão agora, mesmo na penumbra, podia ser visto cada vez mais cheio de fluidos e viscosidades. Com dificuldade tentei desprender-me dos braços de Deleuze, que estava estático sobre minhas coxas, e olhar por cima do ombro de Guattari, que, na beirada da mesa, olhava para suas pernas suspensas e continuava fazendo desenhos no ar. Podia ver que o professor Challenger já estava a uma certa distância, envolvido novamente na plateia onde batia freneticamente suas pinças, discursando sobre matérias não formadas e juízos de Deus para uma porção de vultos que o circundavam. Resolvi então aproveitar a pausa que Spinoza e Artaud estavam dando para finalmente poder dizer algumas das coisas que me ocorriam no momento:

- Senhores, por favor, um minuto... Todos, menos Artaud, me olharam com certo ar de desconfiança. Resolvi prosseguir...

- Não haveria em tudo o que os senhores disseram uma linha de pensamento que atravessa suas diferenças? O corpo-sem-órgãos enquanto terra desestratificada, a gana do Senhor Artaud por deus e seus órgãos, os estratos (ou os órgãos) enquanto juízos de Deus que a tudo sucumbem, as duplas pinças que recolhem matérias livres para dar-lhes formas estratificadas de conteúdo e de expressão nos agenciamentos territoriais... Para mim, há um atrito virtuoso em todas essas coisas que os senhores acabaram de falar, e... Aguardei alguns instantes, esperando que alguém se pronunciasse. Senti o suor do meu corpo congelar e

comecei a tremer da cabeça aos pés. Como o silêncio se alastrava, eu prossegui, agora falando diretamente para Artaud, embora ele ficasse se movimentando, resmungando e prestasse muito pouca atenção ao que eu dizia:

- *Senhor Artaud, o Senhor me desculpe, mas creio que sim, há muita relação em tudo o que foi dito com as tais pesquisas em educação. Eu, no fundo, não imaginava que ele duvidasse, mas talvez por estar pensando em algo que não estivesse na esfera dos estratos, das pinças e mesmo dos agenciamentos, não lhe interessava fazer qualquer relação desse tipo. Portanto, continuei...*

- *Não seriam as pesquisas que se produzem majoritariamente no campo da educação agenciamentos que se dão em formas de estratificação os quais interpenetram-se? O juízo de Deus (ou de deus, se assim o preferir) que, por um lado, imobiliza qualquer tipo de possibilidade não estratificada, instituída, não apresentaria por outro lado também brechas de desestratificação, de desterritorialização e de escoamento, precipitação desses estratos, como devires-menores dessa Maioria? É claro que a discussão que se impõe aqui, nesse nível (poderíamos dizer, nesse grau de velocidades e lentidões), não traz nada de diferente do que já vem sendo amplamente apontado... Mas coloco-me a questionar, sobrejustapondo todos esses elementos, que tipos de vazamentos seriam possíveis se déssemos abertura à proposta de um corpo-sem-órgãos, pelo Senhor enunciada e a que, pelo que me consta, os Senhores Deleuze & Guattari também já deram um tanto de atenção, a fim de colocar em funcionamento maquinarias abstratas que poderiam minimamente desestratificar os agenciamentos territoriais do campo das pesquisas em educação majoritárias?*

.para tornar-se nuvem

Nessa ilha nós não queremos nos comprometer com algo que se intitule verdade,
seja ela qual for.

Nós queremos ser somente brisa,
estamos em vias de nos tornarmos nuvens.

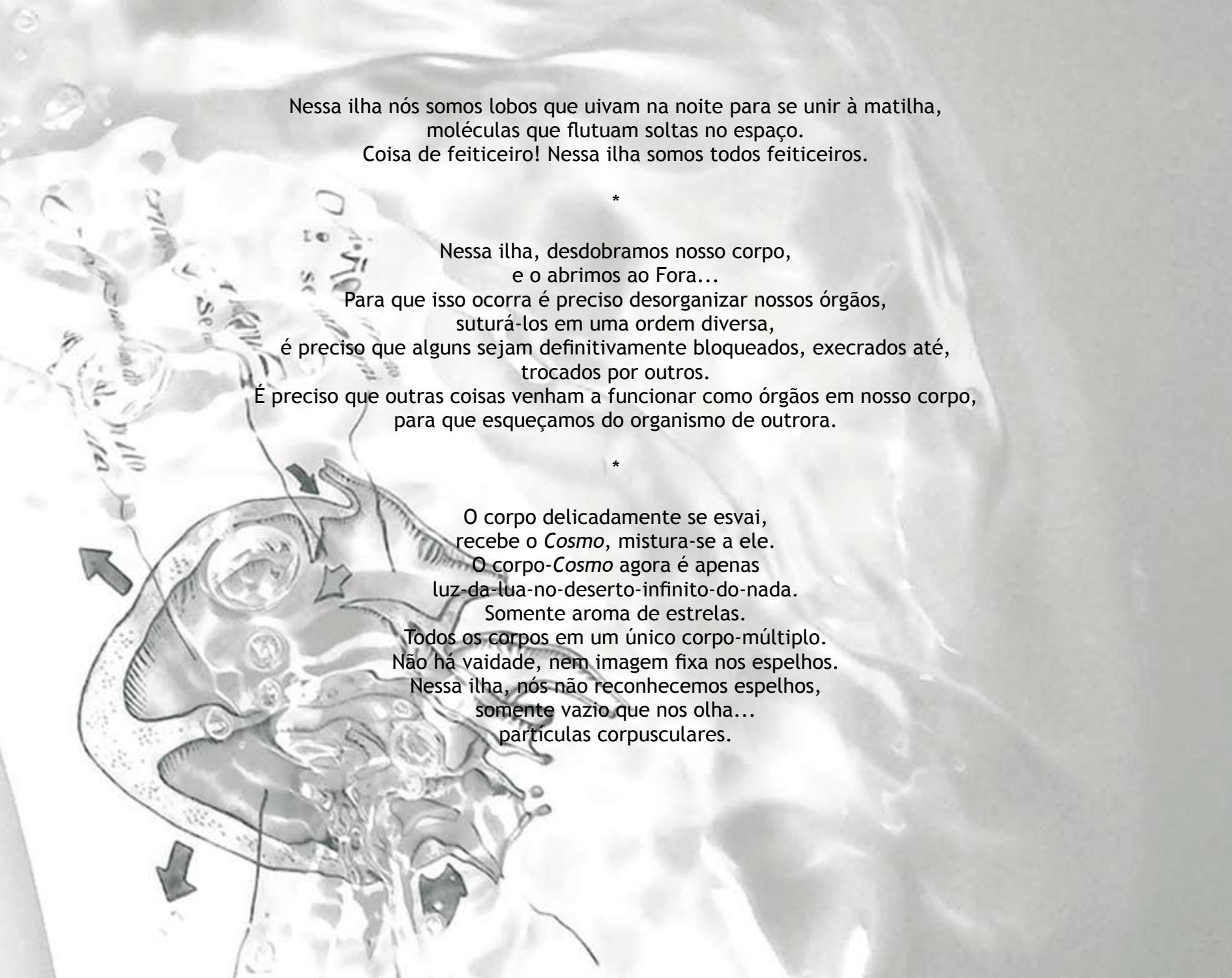
Atmosferas,
rastros,
apenas manchas passageiras,
aglomerado de poeira ao vento por onde incidem raios de luz.
Véus e brumas.

*

Nessa ilha nós só queremos ser cardume,
que se desenha solto entre marés e corais,
escrevendo complexos ideogramas invisíveis.

Nós queremos ser somente passaredo ao final da tarde cortando o céu,
deusas dançando vaporosas em rituais secretos.

*



Nessa ilha nós somos lobos que uivam na noite para se unir à matilha,
moléculas que flutuam soltas no espaço.
Coisa de feiticeiro! Nessa ilha somos todos feiticeiros.

*

Nessa ilha, desdobramos nosso corpo,
e o abrimos ao Fora...

Para que isso ocorra é preciso desorganizar nossos órgãos,
sutura-los em uma ordem diversa,
é preciso que alguns sejam definitivamente bloqueados, execrados até,
trocados por outros.

É preciso que outras coisas venham a funcionar como órgãos em nosso corpo,
para que esqueçamos do organismo de outrora.

*

O corpo delicadamente se esvai,
recebe o *Cosmo*, mistura-se a ele.

O corpo-*Cosmo* agora é apenas
luz-da-lua-no-deserto-infinito-do-nada.

Somente aroma de estrelas.

Todos os corpos em um único corpo-múltiplo.

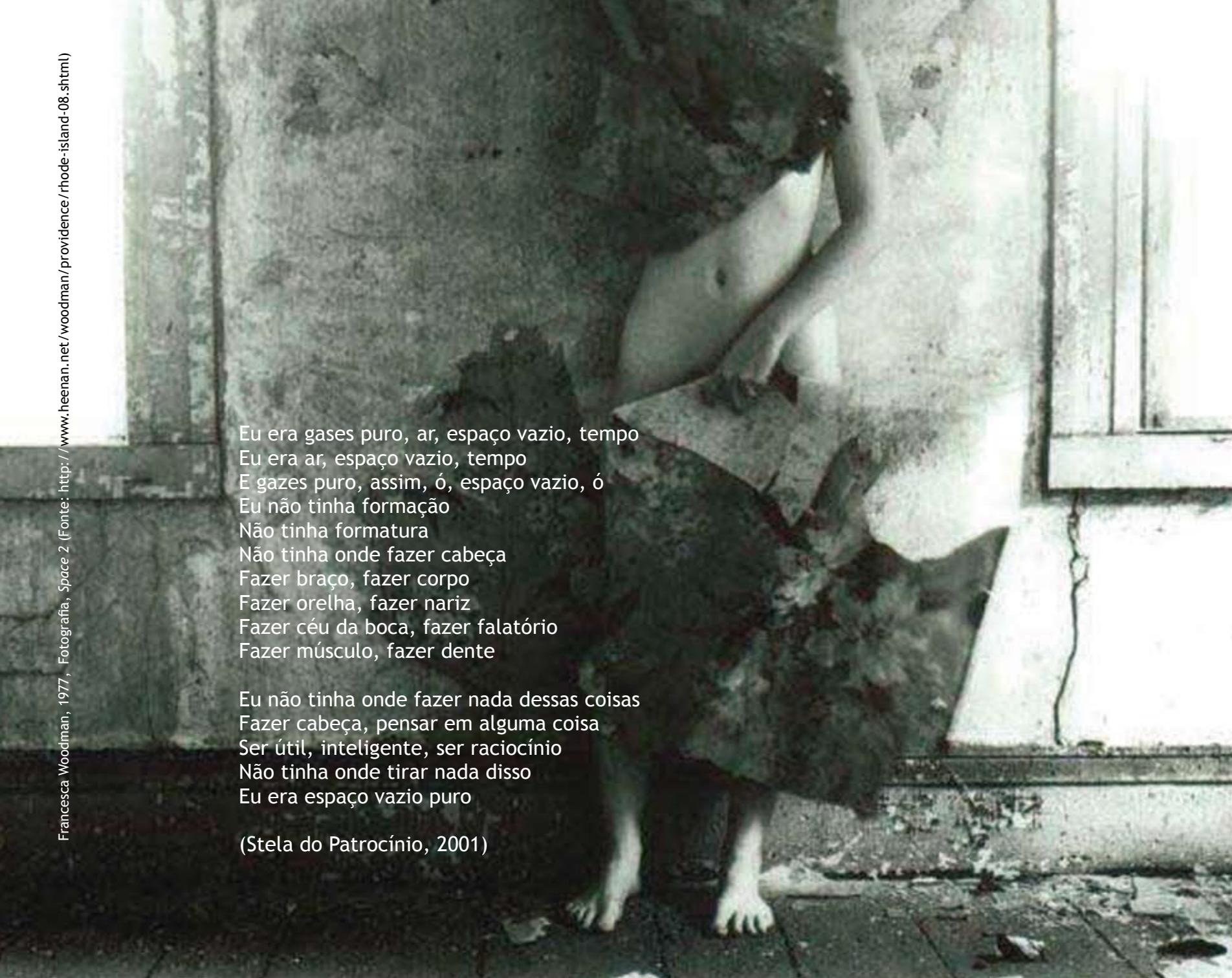
Não há vaidade, nem imagem fixa nos espelhos.

Nessa ilha, nós não reconhecemos espelhos,
somente vazio que nos olha...

partículas corpusculares.







Eu era gases puro, ar, espaço vazio, tempo
Eu era ar, espaço vazio, tempo
E gases puro, assim, ó, espaço vazio, ó
Eu não tinha formação
Não tinha formatura
Não tinha onde fazer cabeça
Fazer braço, fazer corpo
Fazer orelha, fazer nariz
Fazer céu da boca, fazer falatório
Fazer músculo, fazer dente

Eu não tinha onde fazer nada dessas coisas
Fazer cabeça, pensar em alguma coisa
Ser útil, inteligente, ser raciocínio
Não tinha onde tirar nada disso
Eu era espaço vazio puro

(Stela do Patrocínio, 2001)

PELÍCULA
Alquimias de escrever e ler

.SOBREJUSTAPOSIÇÕES EM ESCRILEITURAS

.esses malditos escrileitores

Consta dos autos:

“Escrever no prazer me assegura - a mim, escritor - o prazer de meu leitor? De modo algum. Esse leitor, é mister que eu o procure (‘que eu o drague’), sem saber onde ele está. Um espaço de fruição fica então criado. Não é a ‘pessoa’ do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma imprevisão do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo” (BARTHES, 2010, p. 9).

*

“só a antropofagia nos une
escrileituralmente

expressão mascarada da
escrita-pela-leitura e da leitura-pela-escrita
bravos combates das máquinas de guerra”
(CORAZZA, 2008, p. 21)

Fazendo da escrita e da leitura um exercício não do que já se sabe (pela constatação e reconhecimento do Mesmo), mas de exploração contínua e experimentação das potências que se pretende preencher e ampliar (pela repetição da diferença), dispostos a injetar um sopro de alegria e leveza ao que se diz por pesquisas em educação, juntamo-nos às vozes estridentes e dissonantes daqueles que sulcam escrituras-leituras - escrileituras - como anjos caídos das ordens métricas e das rimas. Os leviatãs antropófagos que, dizendo melhor do que nós o que gostaríamos de dizer, gritam “(...) não somos pessoas, autores, leitores, nem proprietários de textos - todas expressões de identidade -, mas cuspes, com cara de víbora, deitados à beira da estrada. Mesmo com abuso dos oximoros, excessos de ornamentação, invenção de metáforas as mais prodigiosas; mesmo assim, o lido e o escrito são arrancados dos seus lugares, por meio de transgressões

sistemáticas, da invenção de espécies inexistentes, do uso indefinível de terminologias conhecidas, do confronto da banalidade do cotidiano com a irrupção do insólito e do inesperado. Um gongorismo feito de ironias, paradoxos, pseudoleis científicas e sociais avassala a prosa, implica o seu oposto e pode, ainda, ser outra coisa. Leituras e escrituras como réplicas, paródias auto-referentes, solilóquios polêmicos, fuga do reflexo das coisas. Escrituras e leituras do avesso realizada por perversos. Atenção, Leitor! Não confunde essa prosa seráfica com sintomas! Ela deriva do desregramento do pensamento, do escapamento da morada do embrutecimento, do delírio, da loucura e do combate contra o que aí está”(CORAZZA, 2008, pp. 13-14).

.que é o texto

o texto é crime
e não álibi
o texto é castigo
e não perdão
o texto não salva,
mas condena a toda sorte de infernos circulares
que eternamente retornam
o texto não é o céu,
tampouco o inferno,
mas o limbo onde é meio-dia no deserto por mil anos
o texto não é melodia,
mas ruído, gemido, grunhido inaudível
o texto não é escada, ponte
é queda livre no precipício
o texto não é casa
é toca, labirinto
o texto é um amontoado, um composto explosivo, uma composição *dadá*
não é combinação esquemática perfeita,
fórmula estrutural fixa, sólida
o texto é silêncio
e não excesso

o texto é trânsito, passagem
 não é palco, nem plateia
o texto não traz nem leva
 o texto é tráfico sem destino
o texto soluça
 não fala, nem chora, nem lembra, nem antevê
o texto não é meu, nem teu, nem de ninguém
 o texto é um louco, uma puta-de-beira-de-estrada
 o texto é sem educação alguma, ainda que insista em falar de educação
o texto não é a palavra, a língua, a imagem ou o papel impresso
 é sobrejustaposição
 corpos e gases incorporais
o texto está Fora, como um véu invisível sobre tudo isso
 se faz ao mesmo tempo que evapora
o texto é fluxo,
 ele pulsa,
 é ele seu próprio deus
o texto é vida onde a vida falta,
 não porque ele dá a vida
 mas porque ele é vida antes mesmo de ser texto

.laboratório (alquimia)

Dadas as pesquisas em educação, no que é mesmo que elas resultam? Ainda que brevemente, qual seu produto, a quebra de seu processo? Para além (ou antes mesmo) da materialidade de um texto, de um estado de cristalização, por assim dizer, há toda a sorte de falatórios, ladainhas, murmúrios que ressoam e se atravessam, espiralando como fumaça sobre e a partir dos corpos que se engendram nas profundezas. É o que acontecia na sala onde eu me encontrava sobre a mesa... Dos corpos que se misturavam indiscernivelmente, havia, em meio às linhas de escrita e imagens que palpitavam, uma película invisível que lhes possibilitava um micromomento iminente onde tudo se passava, onde tudo estava por se passar. Deleuze & Guattari não deixavam de me lembrar: não há pintor, ou mesmo escritor que, antes de pintar ou escrever, não tenha de limpar, estraçalhar, borrar todos os clichês preexistentes em sua tela ou página,

deixando passar por ela uma corrente de ar. Não há nunca uma tela ou uma página totalmente branca. Mesmo o nada, que tanto nos precipita a colocar o pensamento a pensar em estratégias para compor com suas intensidades, não se trata de um completo vazio branco, virgem, mas de um buraco negro que contém todas as virtualidades e partículas possíveis, as quais volta e meia insurgem na superfície.

Poderíamos então especular que, bem como o pintor, ou o escritor, ou mesmo o músico, o filósofo, não pesquisamos sobre uma pesquisa em branco, mas sobre uma infinidade de *tralalás* metodológicos, linguísticos, epistemológicos. É sobre uma infinidade de vozes que falamos, é sobre uma infinidade de palavras já ditas, lidas e escritas que registramos nossos percursos investigativos, é sobre tudo o que já foi visto, que estamos por mostrar e dialogar com aquilo que vemos.

Nosso trabalho é mais o de um laboratorista, de um alquimista sobrejustapositor, *bricoleur*, saturador- esgotador do espaço por camadas palimpsésticas. Nossos textos são poções mágicas, melodias secretas, pinturas aguadas por uma varrição vigorosa, convicta, borradas por pinceladas severas, atravessadas pelas leituras que se fazem, refazem e perfazem em nossa escrita.

É esse nosso ofício, nossa sina, nosso eterno retorno, nosso inferno cíclico: ler e escrever como produzir do próprio produzir. A alquimia, o laboratório investigativo, a combinação de sons e sabores, se constitui em ler pela escrita e escrever pela leitura como quem encontra cavernas dentro da caverna platônica antes de procurar uma única saída dela. É disso, e somente disso, que trata o proposto empirismo transcendental da pesquisa: compor com o corpo do texto - que está sempre se fazendo - pontos singulares conectados aos corpos dos muitos que em mim e através de mim leem e escrevem.

.arranjo (o ouvido e a língua)

Ser um alquimista - arranjador sobrejustapositor - não faz de mim senhor dos meus processos. Antes a S criatura traga o criador e se volta contra ele. E lhe arranca os olhos. Caio dentro do meu próprio caldeirão borbulhante, como um feiticeiro desastrado. São outros sentidos, para além dos deveras acostumados, que precisam ser aguçados a fim de sobreviver. Para seguir a invenção da vida e minimamente me movimentar por entre o labirinto que eu mesmo construí (e dentro do qual agora me vejo fechado), há de se estar atento aos sinais, aos signos que me acometem no caminho.

Para escrever (e para ler), há de se ouvir com clarividência a melodia das palavras. É um trabalho de composição, como na música ou na alquimia dos sabores, como na gastronomia. O cozinheiro que antevê o sabor antes do prato ter ficado pronto. Não há nada de genial nisso. Trata-se apenas de um trabalho com signos que forcem a ideia e o pensamento. Há que sentir o sabor das frases, degustar cada letra, harmonizá-

las com elementos não linguísticos (como os espaços em branco, as imagens que se presentificam como holografias), lambar a página de ponta a ponta. São os sabores ou as notas musicais que colocam o cozinheiro ou o músico-compositor a combiná-los, e não o contrário, que os inebriam e seduzem seus sentidos como num pernicioso encantamento.

É com o ouvido e com a língua que se lê e que se escreve. O cérebro, antes de ser a gênese do texto, é constituído e dobrado, atravessado pelo mesmo, o qual se produz na leitura e na escrita.

Antes de serem traços de forma, as palavras são vetores, campos de força. Assim, jogadas ao vento, flutuando em um espaço de virtualidade, são como componentes musicais apartados de uma partitura, sem ordenação de altura, tempo, métrica, ritmo, ou simplesmente como ingredientes secretos de uma poção, que isoladamente não cumprem qualquer papel, ou pelo menos não são explorados em toda sua potencialidade. É função dos alquimistas-arranjadores-sobrejustapositores (seus escrileitores), se este for seu intuito, ouvir seu apelo e dar-lhes um tom, um timbre, harmonizá-las, magnetizá-las, fazer com que elas reajam entre si. Considera-se, é claro, que quando falamos de harmonia, em hipótese alguma a entendemos como algo plenamente consonante. Harmonizar pode ser, em diversos casos, buscar dissonâncias complexas, sabores agrídoces e picantes, compostos por toda a sorte de condicionantes externos e também imanentes ao próprio arranjo.

A métrica, a rima, o ritmo, o tom - sistemas pontuais que, atravessados por linhas verticais e horizontais, produzem uma espécie de grade a qual consegue liberar no máximo uma diagonal entre um ponto e outro - são buscados somente a fim de serem detonados vigorosamente. Busca-se na métrica o seu componente antimétrico, assim como na rima a antirrima que perpassa cada partícula de frase, no ritmo busca-se um completo disparate desrítmico, bem como no tom o seu componente atonal. Busca-se no grito o vácuo de silêncio eterno onde não há nem letra, nem voz, nem texto, onde a leitura e a escrita não cumprem qualquer papel representacional, demonstrativo, intelectual, elucidativo, mas somente experimental, babélico, compositivo.

Enganamo-nos, portanto, quando pensamos que tal ação - arranjar palavras - provém de um sujeito pleno, capaz de, com maestria, misturar seus sons e sabores, acomodá-los em resultados previsíveis de possibilidades restritas. Os alquimistas-arranjadores-sobrejustapositores entendem que são mais formados (lidos e escritos) que formadores (escritores e leitores) do texto. Poderíamos dizer que são como ímãs que atraem e repelem as palavras, frases, imagens - são buracos negros -, formando campos de força, de intensidade, dos quais eles não são o centro, mas um dos pontos pulverizados nessa zona espacial, cósmica. Há já frases prontas, palavras sonoras, arranjos e desarranjos linguísticos que encantam os escrileitores não pela sua pureza, mas justamente pelo seu componente saturado em cada átomo, em cada partícula que se

espraia por entre as linhas lidas e escritas. A leitura aqui não é um pressuposto para a escrita, mas atravessa a escrita, constitui-se ela própria na escrita, como a serpente que engole o próprio rabo. A escrita é um trabalho minucioso de tradução e mixagem (sobrejustaposição) que não se contenta com as coisas como estão postas, mas procede por raspagens, colagens, camadas afixadas e em seguida arrancadas, sobreposição que justapõe planos em horizontalidade rizomática e justaposição que sobrepõe transparências e profundidades de virtualidades que, ao mesmo tempo em que se atualizam, borbulham, submergem num amontoado de partículas em velocidade infinita.

As sonoridades e os sabores que os alquimistas-arranjadores-sobrejustapositores (escreitores) compõem não são exteriores a eles, mas os atravessam, os produzem, dobram-se sobre os mesmos, fazendo deles parte constituinte de sua própria composição. Seus corpos, agora diluídos em multiplicidades que se emaranham em uma espuma quântica que não reconhece segmentaridades naturais/artificiais, passam a funcionar como fluxos abstratos que arrastam para o Fora estratos corporais herméticos, organizados, segmentarizados. Fabricadores de corpos-sem-órgãos, expulsam coagulações e condicionantes rígidos que aludem a escritores e leitores em busca de um único rosto, de uma única assinatura.

.teia (saltos inventores)

Deleuze & Guattari, que sobre aquela mesa atravessavam meu corpo como ondas magnéticas, sabiam já de tudo isso. Alquimistas-arranjadores-sobrejustapositores, entregavam-se às mais variadas velocidades pensamentais frente a signos que os violentavam por todos os lados e, a partir disso, produziam um emaranhado de linhas diversas, descontínuas, duras, flexíveis, imperceptíveis entre outras. Para tanto, combinavam sons, sabores e efeitos que perpassavam palavras, imagens, bem como inúmeras instâncias que não eram ditas nem visualizadas, mas que flutuavam sobre a superfície de seu pensamento como puras hecidades (atmosferas de acontecimentos).

Com Barthes (o qual, diferentemente de Artaud e Spinoza, que circulavam a mesa onde me encontrava junto de Deleuze & Guattari, ou mesmo da multidão na penumbra ao nosso redor, se fazia presente na sala apenas como uma lembrança solene) aprendi que o texto é um tecido. Mas, antes de ser uma trama bem acabada a qual sustenta, por detrás, sentidos e verdades ocultas, o texto se faz em um encadeamento eterno. O sujeito que agencia esse entrelaçamento, antes de se constituir nessa ação, se dissolve nela tal qual a aranha que se dilui nas secreções que produzem a teia. A teoria do texto seria assim uma hifologia (sendo hyphos o tecido e a teia da aranha), segundo o autor.

Talvez por isso não possamos condicionar o texto unicamente a uma alquimia (combinação de efeitos

mágicos e sabores palavróides), ou a uma colagem (sobrejustaposições e mixagens de complexos sígnicos), ou a uma música (arranjo de sonoridades, alturas, timbres e tonalidades), como operações autônomas que dependeriam de um sujeito consciente e bem formado a fim de realizá-las. De modo algum há de se procurar metáforas para explicar o que é o texto. O texto é o texto, em toda sua multiplicidade, aglomerado de corpos e efeitos incorporais em pressuposição recíproca. Porém, trata-se de produzir o texto por composições que não são representacionais, mas que atenuam sentidos do corpo e defloram o pensamento como uma ideia do corpo (conforme nos propunha Spinoza). Ou seja, trata-se de escrever (e ler) com o corpo todo, como efetuação e ampliação das potências de agir desse corpo que se define mais pelos afectos de que é capaz do que por formas e funções orgânicas.

Por tudo isso, não podemos também separar a leitura da escrita e vice-versa, tampouco pensar em um sujeito que lê e outro que escreve como práticas de uma relação causal. Podemos apenas apostar em um texto como múltiplo composto de traduções e transduções - como saltos esquizoides pelos nós da teia -, que, em cada passagem, de liame em liame, leva consigo sonoridades para o paladar, sabores para o ouvido, tato para a fala e para a voz, ressonâncias auditivas para os olhos. Sobrejustaposições transcriadoras não literais, traduções não funcionais ou estruturais, mas polimorfos, monstruosos e inventoras.

.dissecação (escrever e ler)

Escrevo e leio.

Disseco as vísceras do texto.

Escrevo e leio.

Encontro a escrita e a leitura como potências intensivas do texto que se interpenetram e se pressupõem.

Escrevo e leio.

O texto é uma máquina com suas engrenagens à mostra.

Escrevo e leio.

O texto é um corpo (sem espessura e translúcido), uma ameba informe que deixa transparecer, através de uma película superficial muito fina, gradientes energéticos e órgãos desorganizados.

Escrevo e leio.

O texto é sem fundo. É uma máscara sem rosto por detrás.

Escrevo e leio.

O texto é sem-vergonha e mostra suas partes.

Escrevo e leio.

Babel de vozes desconexas, luzes ofuscantes, marionetes suspensas, dançantes.

Escrevo e leio.

Há quem tenha vindo primeiro? Importa?

Escrevo e leio.

Sou eu mesmo o texto quando ele está diante de mim.

Escrevo e leio.

Roubo, colo, recorto, raspo, borro, costuro, tatio, destroço.

Escrevo e leio.

Utilizo clichês e figurações para esgotá-los.

Escrevo e leio.

Estremeço cada palavra, racho cada partícula atômica de letra, encontro o infinito silencioso que entremeia balbucios e gagueiras.

Escrevo e leio.

No texto procuro a alegria como potência aumentativa e inventora de trânsitos e caminhos impensados no próprio pensamento.

Escrevo e leio.

No texto confecciono as roupas e as joias que utilizo para resistir.

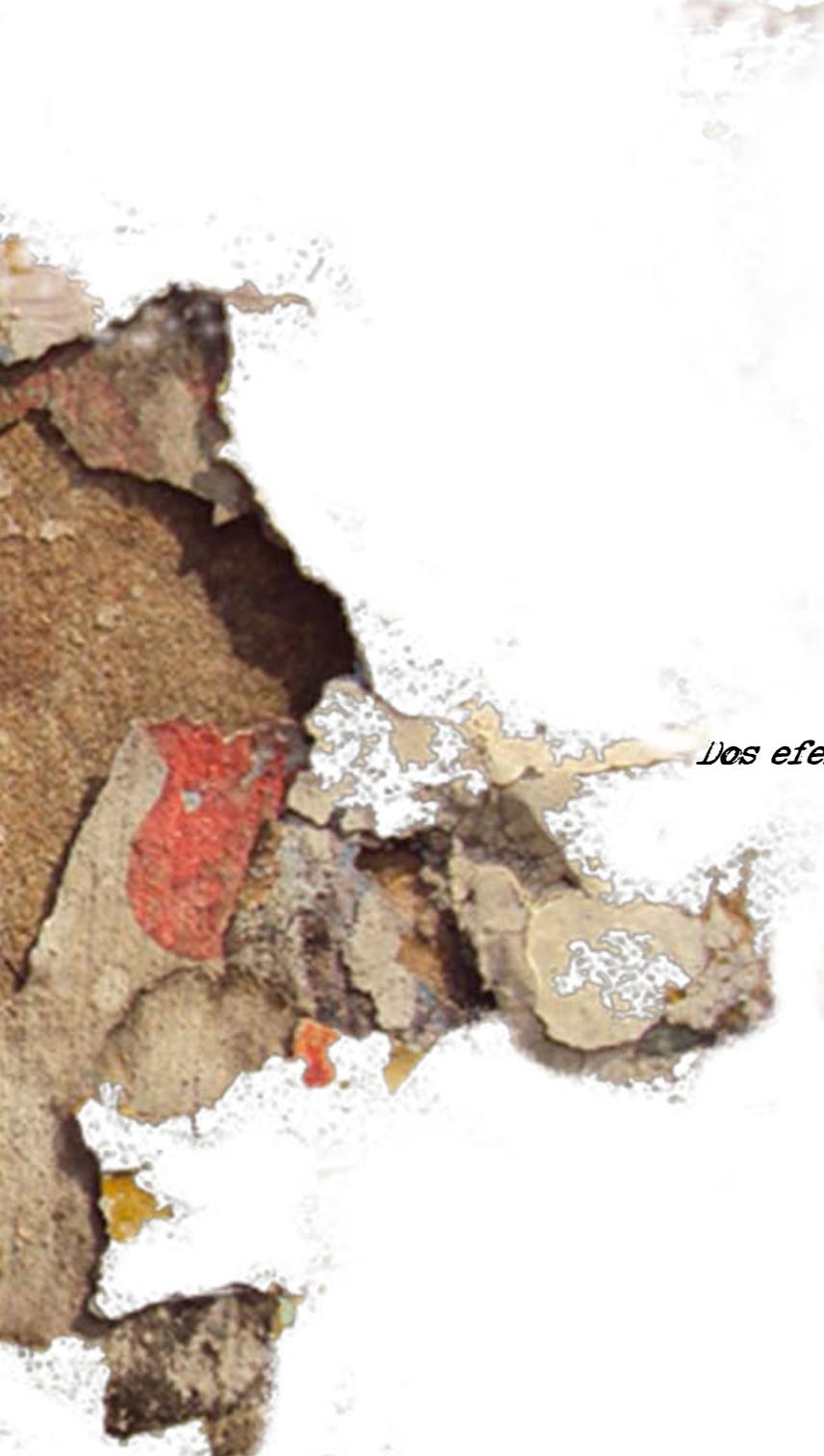
Escrevo e leio.

No texto me desfaço, perco meu corpo, meu nome e meu rosto.

Escrevo e leio.

Só.





TOMO II
Das efeitos de superficie

*O homem é enfermo porque é mal construído,
Temos que nos decidir a desnudá-lo para raspar esse
animalúculo que o corrói mortalmente,
deus*

*e juntamente com deus
os seus órgãos*

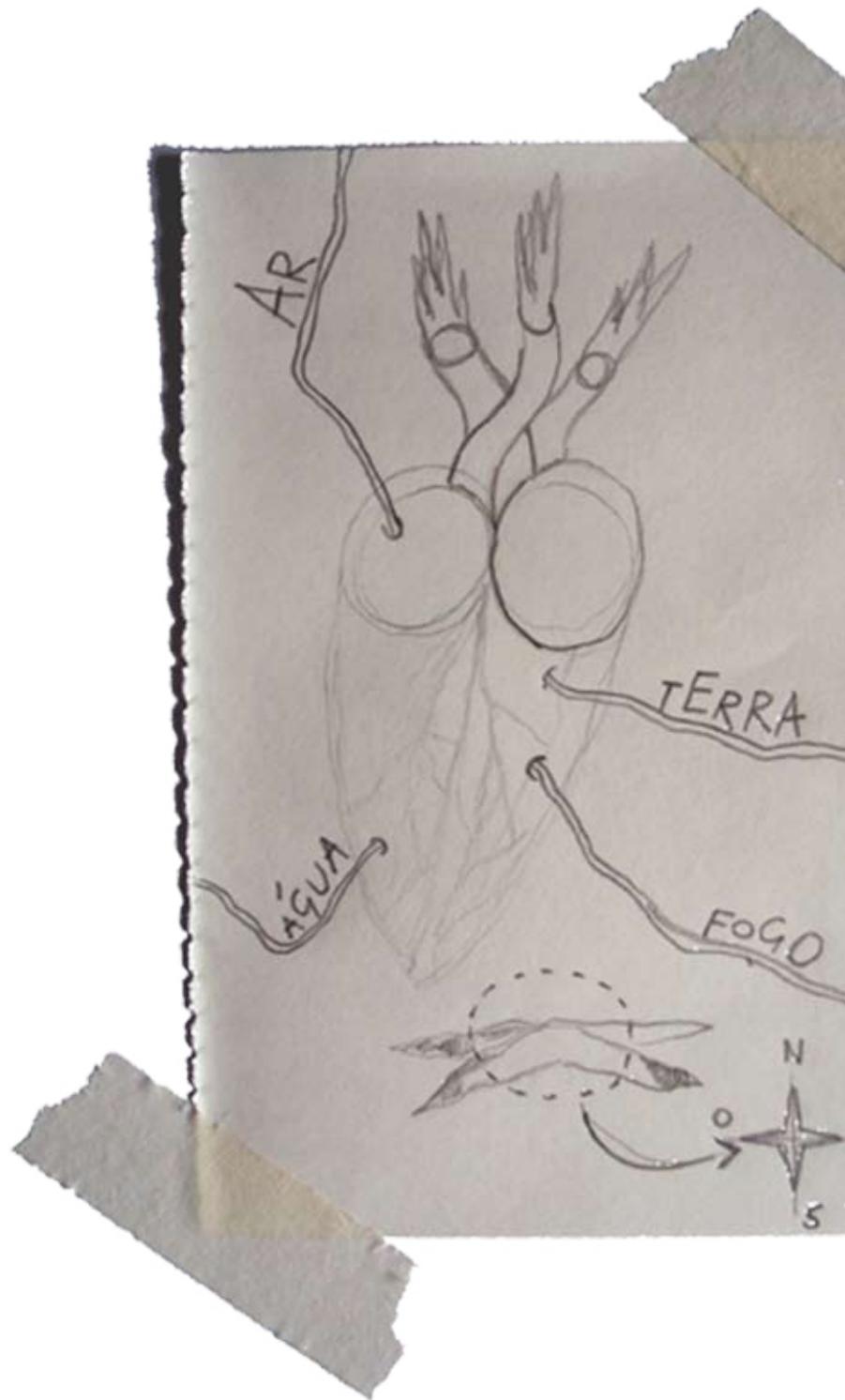
*Se quiserem, podem manter-me numa camisa de força
mas não existe coisa mais inútil que um órgão.*

*Quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos,
então o terão libertado dos seus automatismos
e devolvido sua verdadeira liberdade.*

*Então poderão ensiná-lo a dançar às avessas
como no delírio dos bailes populares
e esse avesso será
seu verdadeiro lugar.*

(ARTAUD, in: WILLER, 1983, pp. 161-162)

*Trata-se de criar um corpo sem órgãos ali onde as
intensidades passem e façam com que não haja mais
nem eu nem o outro, isto não em nome de uma
generalidade mais alta, de uma maior extensão, mas
em virtude de singularidades que não podem mais ser
consideradas pessoais, intensidades que não se pode
mais chamar de extensivas. O campo de imanência não é
interior ao eu; mas também não vem de um eu exterior
ou de um não-eu. Ele é antes como o Fora absoluto que
não conhece mais o eu, porque o interior e o exterior
fazem igualmente parte da imanência na qual eles se
fundiram (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p 18).*



.LEMBRANÇAS E INFLEXÕES DE UMA BUSCA

O foco de luz parecia ter se apagado por alguns instantes, mas a sala continuava sendo fortemente iluminada pelas linhas de escrita que caíam prateadas, como fitas fluorescentes sobre as nossas cabeças. A plateia que permanecia nas sombras aparentava ter se recolhido, pois não era possível mais nem ver os vultos se movimentando ao nosso redor na mesa, nem escutar o burburinho de suas vozes falando juntas. Artaud e Spinoza haviam congelado como estátuas e suas extremidades ficavam pouco a pouco esvaecidas, transparentes. Ao seu redor, como se evaporassem de seus corpos, flutuavam pequenas partículas também prateadas, as quais se juntavam imediatamente às linhas de escrita que pairavam levemente um pouco acima de nós ou grudavam no suor gelado de nossos corpos, que continuava escorrendo, fazendo-nos tremer. Deleuze e Guattari, um de cada lado, tinham suas mãos sobre meus ombros e os olhos fechados, como se lançassem sobre mim um feitiço secreto. Da minha boca saíam, involuntariamente, além da minha voz, vozes de timbres diferentes do meu. É como se, naquele momento, eu portasse uma verdadeira orquestra de aparelhos fonadores e todos pudessem narrar juntos aquelas lembranças que sozinho eu não poderia nem lembrar, nem contar. Dei-me conta, enquanto isso, que minhas mãos e pés, bem como os de Deleuze e Guattari, também começavam a ficar transparentes. Algumas partículas prateadas evaporavam timidamente de nossos corpos, como se resultassem da condensação das gotas de suor que escorriam. Arte das inflexões: o silêncio se instaurou como em um susto, um baque. Ficamos assim por alguns instantes, lambendo todas aquelas linhas de escrita, todas aquelas palavras, todas aquelas lembranças povoadas por multidões.



Algum amanhecer, data desconhecida

.lembrança/inflexão

Dos devires que me colocam a produzir esta escrita ou por que eu choro?

O clipe musical ‘*You Don’t Know How Lucky You Are*’, de Keaton Henson, é breve, grave, intenso. A cena inicia dando close nas mãos do que parece ser uma mulher camponesa dos séculos XVIII/XIX. Conforme a câmera vai se abrindo, se distanciando, vai revelando o rosto dessa senhora de meia-idade que apresenta os olhos, bastante sofridos por sinal, fixos em um horizonte distante, os quais pouco a pouco se enchem de lágrimas enquanto ela contém um choro embargado. A brisa leve sacode parte de seu cabelo solto, seu vestido, seu xale e as fitas que prendem uma touca à sua cabeça. Enquanto isso, a música ao fundo toca e sua letra entoa *Does he know who you are? / Does he laugh, just to know / (...) / Does he know where your lips begin? / Do you know who you are? / Do you laugh, just to think*. Em seus quase quatro minutos o clipe mostra apenas (ou tudo) isso: uma mulher com a face sofrida que parece conter em si o sofrimento de toda a humanidade. Seu choro não é um lamento, mas um ato de coragem, de enfrentamento. Ela insinua viver algo demasiadamente grande para ser suportado. Ela permanece fixa, imóvel, porém parece conter um turbilhão em si. Devires moleculares, imperceptíveis. Ao final da cena, quando a câmera já está distante o bastante para revelar a paisagem ao fundo - uma imensidão vazia e solitária -, a senhora cai de joelhos no chão e parece intensificar seu choro, como se quisesse arrancar de seu corpo aquilo que lhe coloca a sofrer, como se não o suportasse mais. Nunca saberemos quem é aquela mulher, de onde ela vem, nem mesmo em que época vive, precisamente. Nunca saberemos por que ela chora, nem o que lhe ocorre depois de sua breve existência frente aos nossos olhos. Aquela mulher não tem instante definido, cristalizado, ela é somente presente que passa e que, no mesmo ato, vem a ser outra coisa. Sabemos somente que aquela mulher, seu choro embargado, guardado por séculos, e a imensidão vazia ao seu redor, que lhe acolhe para continuar, a coragem intrigante e desmedida com que encara o horizonte, agora também fazem parte de nós. Dizem-nos dos devires que desencadeamos ao produzir uma escrita em torno da invenção de um novo corpo, um corpo ancestral, distante de seus órgãos. Sabemos somente que aquela mulher não suporta o que vê, assim como nós não o suportamos, e permanece à deriva, à espreita

do que lhe produz como tal.
E por isso temos em nós um choro contido - choro de muitos, de multidões ainda por vir, de povos menores, de animais famintos que uivam ao final da tarde -, o qual utilizamos para transcriar linhas que atravessam o vazio.

Donde vem essa mulher?
Essa que grita dentro de mim, que espia por trás dos meus olhos...
Donde vem a mulher seca, puta, grávida do demônio?
Essa que como um vulcão de cinzas não deixa pedras sobre pedras.
Donde vem essa que movimentava minha língua como um ventríloquo fantástico?
A deusa vaporosa que se estende por entre meus dentes, que se esvai densa, quente, e flutua sobre meu peito...
Aquela que, esposada pela esfinge, subverte o enigma escondendo o punhal sob as sete saias.
'Devoro-te antes mesmo de decifrar-me', sussurra, impiedosa.

*

'De lugar nenhum', responde-me a gaivota com plumagem rala ainda se desvencilhando de minhas vísceras com as quais se alimentava antes de rasgar o céu e olhar-me fixamente nos olhos... Ah,



aqueles olhos translúcidos de safira!
A gaivota, e mesmo a mulher, sou eu. Sou um. Sou muitos.
Elas não vêm, mas devêm. Elas palpitam.
A moça e suas palavras mágicas em línguas estranhas.
E que faço eu com o céu, esse céu todo, esse céu todo agora? Esse céu liso, plano como um deserto?
O céu da minha boca que come e fala
Vomita, gagueja.
É tudo grande demais!

*

Os olhos se inquietam nas órbitas, as mãos desfalecem visto sua impotência perante o que não conseguem tocar, manipular como pinças loucas. Há toda uma constelação, uma distribuição inconstante das pedras lançadas sobre o tabuleiro do jogo que é um eterno e único lance.
É tudo grande demais, e é impossível não retornar com os olhos vermelhos...
Permaneço fixo, mas há todo um universo de mutações moleculares.
Há aqui, pois, tudo o que não se pode contar da velha história, porque está toda ela própria, escancarada às minhas vistas.
Como um corpo aberto ao relento que jorra líquidos inescrupulosos os quais escorrem pelo chão quente. É meio-dia, apenas antes e depois.

*

Novamente a mulher dança e esvoaça seus cabelos. Brisa fria.

*

Há um calafrio, um incômodo, algo que não me deixa parar, ainda que estático.
É tudo grande demais!



Cristian Mossi, 2011, fotografia de detalhe da intervenção “Espiral do Conhecimento” de André Dalmazzo, destruída

Terça-feira, outono de 2011

.lembrança/inflexão
Romper espirais

Era mais uma manhã de terça-feira em que eu iria me ocupar com o Seminário de Tese I, disciplina que pretende lançar possibilidades metodológicas para os projetos de pesquisa dos acadêmicos de doutorado em educação do PPGE/UFSM. Iríamos, nessa aula, especificamente, discutir textos acerca da importância das pesquisas qualitativas em educação e suas principais diferenças com relação às pesquisas quantitativas. Com o perdão da palavra, algo extremamente chato para mim - afinal, contando com meus dois cursos de graduação (Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais), uma especialização (Design para Estamparia) e um mestrado (Artes Visuais), essa seria praticamente a quinta vez que eu discutiria tal conteúdo. Não que eu pense que esse, como qualquer outro assunto, possa se esgotar em uma ou duas aulas, mas é que, sinceramente, as discussões nesse sentido nunca haviam me surpreendido muito.

Mal eu sabia o que estava prestes a acontecer...

Passei na cantina para pegar um café e me dirigi à Sala Azul do Centro de Educação, onde seria o encontro. A porta ainda estava fechada e em frente a ela os colegas e um dos professores da disciplina aguardavam, enquanto alguém trazia a chave para entrarmos e começarmos mais um dia de atividades. Percebi que

o colega André Dalmazzo, por sinal, na ocasião, um dos responsáveis por mediar a discussão dos textos, permanecia encostado na parede e segurava uma câmera fotográfica nas mãos, mas nem imaginei que algo fora do previsto poderia acontecer por obra dele minutos após.

Ao abriremos a sala (quando finalmente alguém chegou com a chave da mesma) nos deparamos com uma intervenção - nomeada pelo colega André de “Espiral do Conhecimento” - construída com inúmeros copos plásticos brancos, com a boca virada para baixo, cuidadosamente organizados em forma de espiral no chão. Fios de lã amarrados nas cadeiras, as quais circundavam a sala, se entrecruzavam sobre os copos plásticos. A primeira reação da turma foi de imensa surpresa e de dificuldade em encarar aquilo que se mostrava diante de nossos olhos. Chegamos até a pensar em procurar outra sala para ter aula, com a justificativa (que, é claro, não era suficiente) de não desmanchar a intervenção.

O que aqueles copos faziam organizados naquele lugar? Estariam dispostos para nossa aula, ou teríamos nós entrado na sala equivocada? O que copos plásticos e fios de lã estariam fazendo numa sala de aula dispostos daquela maneira? O que copos plásticos e fios de lã tinham a ver com pesquisa qualitativa? O que tinham a ver conosco, acadêmicos buscando um título de doutorado em educação?

Depois de passado algum tempo, resolvemos então adentrar a obra, não fugir, enfrentar o obstáculo que se impunha à nossa frente. O estranhamento com aqueles objetos fora de seu contexto, somado ao medo que geralmente temos da desordem, quase nos fez fechar a porta, virar as costas e procurar outra sala para termos aula, uma aula provavelmente igual a todas as outras aulas que tivemos até então, ou que, ao menos, a maioria estaria tendo nas tantas outras salas de aula ao nosso redor.

Mas não. Tesouras em punho, começamos a cortar os fios e a empurrar os copos que obstruíam nosso caminho, unindo-os no centro da sala em outra formatação. Nosso intuito com isso não era o de destruição, mas o de desconstrução. Era o de desconstruir para construir algo diferente, inusitado, novas formas, não previstas, construídas com as sobras de nossa ação frente à obra. Sobrejustaposição de copos, corpos, ideias e fios de lã.

A aula ocorreu ali mesmo: velório simbólico dos copos e fios de lã que nos olhavam (des)organizados no chão. A turma toda se sentou em torno do volume amontoado no centro da sala e, encharcados por aquela ação, falou tudo o que podia, naquele momento, sobre pesquisa, sobre obstáculos, sobre fugas e portas que fechamos, sobre destruir algo e construir outra coisa com as ruínas de uma ação qualquer, sobre desnaturalizar posicionamentos.

Desse modo, nossas novas construções foram muito além de simplesmente propor outra intervenção com os copos e os fios de lã que ocupavam o lugar. Como um grito até então contido que agora se projetava para fora da garganta, foram inusitadas concepções de pesquisa que passaram a ocupar o espaço da sala de aula.

O grito contido dos que cortam fios e arrastam copos:

Tudo é movimento na superfície: Pesquisamos não para conhecer o que não conhecíamos antes e assim nos tornarmos melhores e mais apurados em determinados temas e assuntos, mas para colocarmos em movimento instâncias que estavam, ao menos para nós, estagnadas, estabelecidas, dadas. O trabalho é sempre na superfície, ainda que não superficial. Procuramos vivificar os campos de pesquisa e os instrumentais com os quais operamos de uma potência de vida que se confunde com a nossa própria, visto que também somos constantemente produzidos em meio a essa ação complexa.

Enfrentamento e violência: É preciso que algo nos incomode a ponto de nos sentirmos coagidos a pensar e a produzirmos ideias. Nesse sentido, toda pesquisa é um enfrentamento não pacífico com temáticas, problemas e posicionamentos metodológicos que se mostram adequados para corresponder aos nossos anseios. Tal enfrentamento diz respeito não só ao embate com as situações que nos desacomodam e nos colocam em movimento, mas também com a defesa de perspectivas e pontos de vista que acabam por nos produzir mediante ao terreno em que adentramos. Perspectivas e pontos de vista os quais são revistos constantemente, visto que, se o horizonte está sempre em mudança, nossa chegada é sempre provisória.

Lentes da inflexão: Para cada um que se embrenhou no espaço da sala de aula tomada pela intervenção artística “Espiral do Conhecimento” a vivência se passou de uma forma. Contudo, fazer tal afirmativa não reduz os pontos de vista a mero subjetivismo. Pensar que para cada um ocorreu de um modo diverso, simplesmente porque cada um de nós é uma pessoa diferente, seria considerar, ao modo de um paradigma de que aqui procuramos nos distanciar, que há sujeitos plenamente formados, estáveis, conscientes e racionais, que executavam certa ação. Desse modo, para cada um foi uma experiência diferente simplesmente porque cada um também estava se flexionando, se dobrando sobre si mesmo diferentemente e via o que podia ver no momento, pensava o que podia pensar e formulava as acepções que eram possíveis. Ao pesquisarmos algo também estamos inventando aquilo que pesquisamos e mais, inventando também a própria forma de pesquisar.

Complexidade - sobrejustaposições a partir de sobras: De que se trata o evento da pesquisa, bem como sua própria instauração, se não de uma produção a partir de fragmentos, sobras, vestígios? Tradicionalmente, as pesquisas ditas acadêmicas foram construídas mediante padrões de neutralidade e distanciamento com relação aos objetos investigados. Sendo assim, as realidades pesquisadas precisavam ser vistas como

totalidades facilmente manipuláveis, mensuráveis, interpretáveis. Imaginar que a ação investigativa é uma composição - sobrejustaposição - a partir de sobras coletadas pelo caminho no enfrentamento do campo aberto da pesquisa, muitas vezes, pode assustar, dada a carga de responsabilidade associada às pesquisas e aos pesquisadores como descobridores de verdades universais e irrevogáveis, inequívocas. Contudo, trata-se de assumir nossa parcialidade frente ao que se investiga, entendendo que as realidades não são tão simples e tão pouco complexas e que aprisioná-las em respostas tão diretivas é, de certa maneira, reduzi-las demasiadamente, é castrá-las de suas infinitas possibilidades. O que nos parece resultar das pesquisas que desenvolvemos é um imenso emaranhado de fragmentos compostos com o que nos é possível momentaneamente.

Sobre não fechar a porta: Em nossas pesquisas, inúmeras vezes a vontade é de fechar a porta e ir embora, procurar um lugar seguro, igual aos tantos outros lugares em que estivemos até então. Ou pelo menos seguir em frente sem ser importunado pelos limites, pelas tensões, pelo desconforto gerado na falta de uma ordem. Acabamos, em alguns momentos, procurando verdades estáveis, consideramos grandes achados que estavam ocultos só esperando por serem encontrados. O que por vezes não nos damos conta, é que a dita ordem a que chamamos de normalidade também é uma invenção, uma convenção, e que, por assim dizer, pode ser revista, reinventada e reinterpretada quantas vezes quisermos. E que a desordem não é nada além do que outra ordem possível. Não nos abrimos aos enfrentamentos que nos violentam pelo caminho, nos colocando a buscar modos de composição singulares, os quais nos produzem constantemente, tampouco prestamos atenção aos fragmentos que reluzem prenhes de possibilidades produtivas e de tensionamentos diversos.

Antes do antes e depois do depois: Há também um grito silencioso, uma pausa de infinitos compassos, um entremeio composto de vácuo onde as coisas não são ainda, onde as ideias ainda não cabem, onde nem a voz ainda é possível. Há um grito que pulsa por ser grito, por ser força antes da forma, uma larva antes do *Eu*. Não há constatação ou reivindicação possível sem essa manta de silêncio que as perpasse, sem esse plano sem espaço ou tempo, sem essa potência sem luz ou cor. Todo grito é coletivo e atravessado por esse precursor, onde as coisas ainda não são, mas também onde tudo já se passou.



Cristian Mossi, 2011, fotografia de detalhe da intervenção "Espiral do Conhecimento" de André Dalmazzo, destruída



Qualquer dia, qualquer estação de qualquer ano

.lembrança/inflexão

A.breve.ação: programa para inventar um método

Ação é simples e requer pouco espaço e poucos instrumentos. Qualquer um está apto a colocá-la em prática:

- Será preciso apenas um lugar plano, uma tesoura, algumas imagens de páginas de livros científicos de anatomia que contenham corpos de várias espécies (inclusive a humana) e uma câmera fotográfica para registrar os resultados das composições que são provisórias. Eventualmente pode ser preciso uma fita adesiva para fixar momentaneamente algum formato.

- A atividade consiste em recortar dessas páginas, cuidadosamente, figuras que sejam consideradas interessantes - não há critério senão puramente estético -, mantendo (ou não) as indicações de nomenclaturas para cada uma das partes das imagens, que geralmente estão apontadas com flechas, linhas, pontilhados e outros recursos gráficos. Essa primeira etapa exige coragem. Coragem para destruir um livro por meio de recortes, coragem para esquecer a indicação de nomes reconhecidamente científicos, coragem para colocar em pé de igualdade todos os tipos de seres e de corpos.

- Após essa primeira etapa, as imagens conseguidas são organizadas sobre algum lugar plano, sem nenhum tipo de hierarquização. É claro que algumas relações se estabelecem no momento da montagem, mas sempre de forma imanente. As formas poderão ser livremente movimentadas.

- Com auxílio da câmera fotográfica, a composição pode ser registrada e logo após desfeita.



Cristian Mossi, 2012, montagem e fotografia



Mobilizamos a invenção como método ou os métodos como invenção. Não nos apoiamos na fixidez de passos preestabelecidos. Apostamos no processo da composição e da colagem, que sobrejustapõe elementos diversos, sem eixos e sem origens, sem prescrições rígidas de como e onde usá-los. Compactuamos com a imanência, com o aqui e agora, com os diversos planos sobrepostos e justapostos em ato. Subvertemos procedimentos, propondo uma investigação como artesanaria. Apostamos no rigor e no cuidado que não engessam possibilidades e mundos possíveis e impossíveis. Não reconhecemos a separação entre teoria e prática. Procuramos cunhar uma teoria vascularizada, corporal e afectiva, uma prática que não ocorre sem semióticas, gestos e linguagens específicas, pressupostas. Não buscamos rupturas bruscas, mas o olhar astuto para o passado - no sentido de precipitá-lo - em vias de um porvir imediato, de um povo menor. Temos um olho no peixe e outro no gato. Apostamos na apropriação consentida, no roubo produtivo, no *zigue-zague*, nas gramíneas e nos rizomas conectivos. Avistamos potencialidades nos fragmentos, nos disparadores do pensamento. Mobilizamos pontes. Estamos a espreita de encontros fortuitos, de possibilidades e virtualidades que se atualizam e produzem nexos em um planos de movimentação deliberada na superfície. Não reconhecemos resultados unívocos, mas caminhos em teia. Apoiamos uma ciência menor. Não confiamos nas interpretações e nos fantasmas, mas traçamos programas de experimentação de dados sempre produzidos. Nos flexionamos no que se dobra e desdobra, no que se espraia. Desconhecemos o que é para sempre.



Não há dias, nem estações, tampouco anos -
Não há deus nem órgãos

.lembrança/inflexão

Dois delírios: com quem e para que pesquisamos?

Delírio de liberdade

Breve diálogo com uma criança:

Eu: - Quando você entra em férias de inverno?

A criança responde: - Hoje foi o último dia. As aulas voltam no final do mês.

Eu sigo o papo: - Coisa boa! Vai ter um bom tempo para descansar, brincar, dormir até tarde...

Ela retribui: - É... Hoje, quando saímos da escola gritamos: "LIBERDADE!" Eu, e todos os meus colegas...

Pesquisamos não pelas crianças, nem para elas, mas com elas, em um *devenir-enfant*. Somos nós as crianças. Recortamos e colamos disparadores de afectos em um plano imanente de sobrejustaposições, tal como uma criança brinca despretensiosamente inventando universos para si. Contudo, junto com Deleuze & Guattari, acreditamos que vir a ser uma criança nada tem a ver com imitá-la, mas com compor com sua imagem. Não se trata de representar a criança universal, mas de inventar uma criança que estreita suas relações com o mundo ao se sentir “livre” da escola pelo período de férias, mantendo-as em potência para as incertezas e as surpresas que virão.

*

Com as crianças aprendemos que a liberdade que elas almejam está distante da concepção de liberdade ideológica proposta por qualquer tipo de corrente de pensamento ou paradigma filosófico. Não se trata de uma liberdade utópica que dependeria de complexas estratégias de conquista, mas, novamente conforme nos propõe Deleuze - mediante o que lhe ensinou Spinoza -, de uma liberdade praticável enquanto efetuação e preenchimento de uma potência.

*

Com as crianças e com seu grito de liberdade nos sentimos aptos a transitar livremente entre um plano de organização e desenvolvimento que encobre formas, órgãos, funções e sujeitos e um plano de consistência que apresenta somente movimentos e repousos entre partículas não formadas, singularidades percorrendo linhas de fuga, desencadeando devires e fatores de desterritorialização. O trânsito não ocorre com o intuito de denunciar qualquer um dos planos como se fosse algo benéfico e outro como algo macabro, não há juízos de valores em ambas as instâncias. Nenhum dos planos é fixo e pode ser tido como eterno, não há como construir morada em algum deles. Há somente a constatação de ambos os planos agindo paralelamente, um sobre o outro. Não se trata de uma briga entre o bem e o mal, mas do que escorre e é arrastado para fora desses e de qualquer valor absoluto.

*

Com as crianças aprendemos a gritar despretensiosamente para alcançar nossos intuitos. E nosso grito, e nosso canto, são somente para envolver o que almejamos em um território sonoro - um brado parado no ar.

Nosso grito não pretende ser autoritário, mas vetorial, intensivo. Não há nele aspirações de uma tomada de direção evolutiva, corretiva ou qualquer sentido de apuramento. A frequência do nosso grito está por um Fora, por um hino menor, além e em gerência de pequenas práticas, as quais se instauram à margem do que procede como rotina ou cânone instituídos.

*

Pesquisamos com as crianças porque pensamos nos seres envolvidos com o que investigamos em horizontalidade, porque vislumbramos uma travessia, uma superfície que mantém em relação de Maioria corpos, instituições e práticas, as quais se sustentam de forma estrática sobre um plano de organização que tenta burlar linhas de fuga, territorializar partículas desterritorializadas e sanar qualquer tipo de devir (um devir-menor, por exemplo) que trace um plano de consistência ou imanência desestratificado. Há talvez a possibilidade de repensarmos, com e a partir das crianças, algo do qual elas também fazem parte, como todos nós. Há talvez uma busca por um corpo-sem-órgãos teórico, o qual não sustenta prerrogativas deveras instauradas: de que uma produção teórica necessita insurgir verticalmente, do intelectual (adulto, experiente, titulado) para os que se sujeitam e colocam suas prescrições em prática (os *enfants*).

*

Gritamos para pensar e não pensamos para gritar.

*

O nosso grito é um grito de inexistência, não para negar a existência de algo, mas para re-pensar existências antes mesmo delas se instaurarem. Reconhecemos - já com nossa boca escancarada e a língua a postos - que não há formas fixas e verdadeiras, mas possíveis realidades resultantes de tramas extremamente complexas.

Delírio de inexistência

“Eu queria dizer uma coisa que eu não posso sair dizendo por aí... É que eu tenho medo que as pessoas desequilibrem de si, que elas caiam delas mesmas quando eu disser. Eu descobri que a palavra não sabe o que diz... A palavra delira, a palavra diz qualquer coisa. A verdade é que a palavra nela mesma, em si própria não diz nada. Quem diz é o acordo estabelecido entre quem fala e quem ouve. Quando existe acordo existe comunicação. Quando esse acordo se quebra ninguém diz mais nada, mesmo usando as mesmas palavras...”

(Receita para lavar palavra suja, Viviane Mosé, s/d)

*

Não, as pesquisas em educação - sejam elas as que se instauram em uma noção de Maioria (considerando procedimentos investigativos já instituídos), ou mesmo as que buscam em um devir-menor fazer delirar essa Maioria, provocar vazamentos em certas prerrogativas estratificadas - não pode ser subtraída somente à escola. Escola de educação básica, escola de ensino médio, escola de ensino superior, escola informal ou de EJA, escola seja ela qual for. Não é a escola o seu fim último, como se precisássemos desesperadamente de um empirismo para o que enunciaremos. No caso da investigação que aqui se instaura por sobrejustaposições, novamente afirmamos: nossa teoria não coloca a prática em ação, porque ela já é ação, já é prática. Nossa prática não coloca a teoria em ato porque ela já é atravessada por semióticas e aspirações da língua e das linguagens, por palavras delirantes que se encarnam nos corpos, por traduções e transduções.

As pesquisas em educação majoritárias, por assim dizer, enquanto zonas que comportam agenciamentos territoriais estratificados, apresentam uma reciprocidade mútua entre formas de conteúdo e de expressão que se contaminam e se interpenetram, modificando-se mutuamente, estando elas próprias envoltas em estratos dos quais a escola - um dos lugares privilegiados para a educação pulsante - apenas faz parte.

A pesquisa em educação que aqui se apresenta, alocada na face que permite fazer fugir tais formas de conteúdo e expressão dos estratos - pesquisa-menor, pesquisa-sobrejustaposição -, não é além de si própria, ela mesma em sua circularidade espiral, entre coisas e palavras, diagramas intensivos, e não existe somente pelas e para as instituições com seus portões e janelas gradeados, com suas salas, mesas e cadeiras, com suas matérias divididas em turnos, seus conteúdos a serem ensinados, seus currículos, suas sinetas, seus cartazes de boas vindas, seus discursos legitimados, suas reuniões e conselhos de classe, suas portas de banheiro pichadas, seus professores, secretários, faxineiros e merendeiros. Também não há uma só pesquisa que envolva tudo isso, que possa generalizar sejam os corpos ou as semióticas que se incluem nesse

funcionamento. Como não há somente uma educação, tampouco uma só escola.

*

Encontra-se aqui um dos meus breves gritos de delírio: se pensarmos na existência de algo como sua fixidez, sua dureza e inflexibilidade, eu chegaria ao despautério de dizer que tais instâncias nem sequer existem, tampouco sabem o que dizem. Eu, pelo menos, não acredito na existência de nenhuma delas, não do modo como nos são apresentadas, como naturais, estáveis, eternas e universais. Ouço delas apenas um gemido, um grunhido indiferenciado.

Pronto, está decidido: ao menos aqui, nestas páginas, nestes poucos parágrafos, nem pesquisa, nem educação, nem escola, nem demais instâncias envolvidas em tais estratos existem. E não se pode acreditar naquilo que não existe.

Não se pode? Não existe?

Há aqueles que me dirão:

- Como não existe, se é lá, na escola, que estou todo o santo dia?! Se é pela educação que vivo e trabalho?! Se sou professor, pesquisador, e participo de um currículo?!

Ainda assim eu insisto:

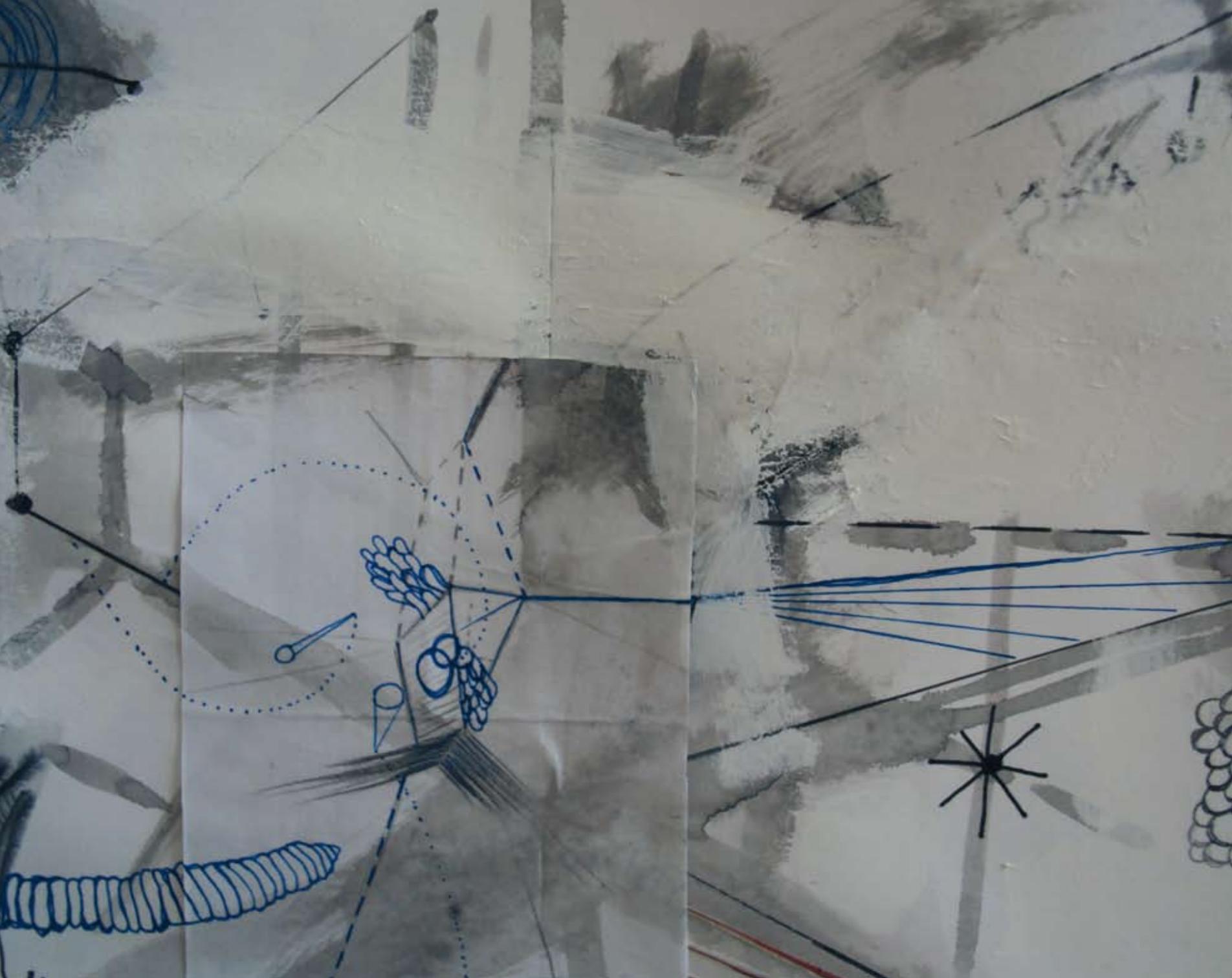
- Não existe! Não existe!

Prefiro pensar que não, para poder infinitamente inventá-las e depois destruir sua existência novamente... Quando acreditamos na existência de algo, nos acostumamos, nos acomodamos, passamos a dizer que as coisas são de determinado modo e pronto. Que tudo o que está Fora é mais além, é para depois, para o futuro.

Ora, e eu lá estou falando de coisas impraticáveis? Estou falando é de possíveis. Estou falando é de agora(s). Também não estou falando de uma re-invenção, de uma re-formulação no sentido de re-forma. Estou falando de ruptura, de produzir escombros, sobras. E a partir deles (somente dos que me interessam, dos que realmente, de momento, me servem) inventar outros espaços. Espaços dentro de espaços. Espaços dentro do tempo.

Trata-se de produzir colagens, camadas, mixagens para gerar outras práticas (não necessariamente novas) - sobrejustaposições - retomar algumas, compor com outras, atravessar por elas uma linha não imaginária, mas possivelmente real, abalá-las a partir de uma língua menor.

Destruir pode não ser um ato definitivamente drástico, pode não ser meramente o oposto de construir. Pode ser simplesmente uma das faces do mesmo plano.



.patchwork

Parecia haver um feixe, um raio, uma linha de costura que atravessava em *zigue-zague* aquelas lembranças dispostas em rede... Precursor sombrio, inflexão infinita. Uma lança que as arrebatava em um alvo sem centro, uma liga, algum tipo de imantação misteriosa. Era uma seleção ao acaso, sem opção por tempos ou espaços predeterminados, sem preocupação com autenticidade do que declaravam, sem necessidade de que produzissem algum sentido mais profundo, além delas mesmas. Elas somente existiam, e por existirem vibravam, afectavam outros corpos por mais-valia de vibração em superfície. Havia fluxos que as mantinham vivas, pulsantes... Elas não sabiam confundir, nem explicar, nem impor algum tipo de hierarquia entre seus elementos, somente durar até que se tornassem outra coisa.

Unidas lado a lado e em camadas, num plano espaço-temporal indefinido, sobrepostas e justapostas em uma organização sem organismo sobre um espaço liso, aparentemente em um arranjo aleatório, as lembranças ganhavam um estado de composição e uma posição para a qual não há estilhaços cartesianos nem diedros: há apenas sobrejustaposições.

Há quem faça, como eu, dessa posição e desse ato, uma busca e um ofício clandestino. Ofício para o qual não há pré-requisitos que não sejam facilmente adquiridos ou retomados. É preciso somente produzir indiscriminadamente tensões entre elementos que não entrem facilmente em acordo, acordo este considerado, é claro, se estivermos para tanto levando em conta um organismo pleno de sapatos lustrosos, com todas as suas partes funcionando mecanicamente e hierarquicamente, com todos os seus fluxos de desejo, suas linhas de fuga, vetores de desterritorialização e devires muito bem bloqueados, sanados, acalmados.

Voltemos ao que há de praticável nessas páginas: lembranças que se entrecruzam por ondas magnéticas imanentes em um plano de consistência enquanto sobrejustaposições, dobramento de corpos em palavras e de

palavras em corpos. Há as próprias sobrejustaposições ocorrendo em cada uma das lembranças sobre o plano gerando inflexões. Há uma espécie de predileção por escombros, por sobras, por aquilo que é resultante de algum ato de desconstrução e ajuntamento. Há também o gosto pela colagem, pela montagem de partes aparentemente sem alguma relação. *Patchwork*, mixagem. Há camadas, rasgos, costuras que se atravessam. Há um devir-menor das pesquisas em educação majoritárias, a exploração da potência de um choro contido, trajetos cartográficos do pensamento por entre a arte, os procedimentos artistadores, os devires femininos e infantis, os gritos delirantes - e afirmativos - de inexistência.

As lembranças, como já dito, simplesmente vibram conjuntamente em um estado vívido e mantêm-se, assim, interpenetrando-se sem precisar de qualquer ato de legitimação ou de constatação de validade. São como vapores que emanam de um vulcão, partículas sinuosas que provêm da profundidade dos corpos que murmuram e misturam-se indiscriminadamente. Devemos nos deter não no que cada uma quer dizer, mas no que pode ser pensado a partir delas, nas faíscas que incorrem no atrito causado pela sua vibração sobre o plano. Procuramos percebê-las como uma busca que permanece em suspensão, mais do que como um resultado instaurado. Busca por fazer com que algo fuja dos agenciamentos territoriais estratificados, do plano de organização rígido que encobre pesquisas em educação majoritárias através de linhas de fuga, desterritorializações e devires, busca por subverter o organismo e fabricar um corpo-sem-órgãos para as mesmas. Uma pesquisa-sem-órgãos talvez?

Corpo-sem-órgãos como prática, plano de consistência/imanência para o desejo: longe de uma visão do desejo enquanto falta, enquanto carência, o encaramos enquanto fábrica, usina inventiva, produção do próprio produzir sempre em devir. Não há nele uma guerra ou uma revolta contra os órgãos, contra o corpo físico. Embora não se confunda com eles - os desorganize e os conecte com outras coisas que passam então a funcionar como órgãos em uma nova configuração a qual reconhece somente limiares de diferentes consistências -, o corpo-sem-órgãos necessita dos mesmos para ser buscado, para ser criado. É o corpo estritamente biológico, cotidiano, que oferece um lugar para que as intensidades desse corpo desorganizado passem e vibrem pelo meio.

A fabricação de um corpo-sem-órgãos, portanto, nada tem a ver com matar o corpo físico, mas, pelo contrário, deixá-lo tão vivo e tão pulsante a ponto de cuspir seu organismo junto com seus órgãos. Há aí pura produção e devir de intensidades, para-raios, imã, plano magnético de consistência que funciona por imanência e sobrejustaposição de fluxos, de órgãos desorganizados, de conexões. Há uma desnaturalização absoluta do corpo, desestratificação dos estratos e desterritorialização dos agenciamentos territoriais, entendendo que tais vetores sempre implicam numa retomada para algo que é, sim, diferente, mas que também será da ordem das reestratificações e das reterritorializações. Há aí o desenho de uma geografia

sempre inacabada, maldita, longitudes e latitudes que se entrecruzam e se desviam constantemente. Tais ações implicam pensar os agenciamentos territoriais nos estratos (especialmente onde estariam em pressuposição recíproca corpos e atributos incorporais no campo das pesquisas educacionais majoritárias) enquanto formas não completamente cristalizadas, que apresentam a possibilidade de envolver práticas as quais se desenvolvem e são mobilizadas através de devires-menores, singularidades impessoais, individuações delirantes, os quais buscam antes a multiplicidade, ou seja, a expulsão de pivôs centralizantes, unidades e universalismos, identidades fixas e paradoxos binários, entre outros.

Há somente encontros, estados de afecção entre corpos que aumentam e diminuem suas potências de agir. Agenciamento díspar, sobrejustaposições entre linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades e, claro, por outro lado, linhas de fuga e de desestratificação desses estratos, desterritorialização dessas territorialidades.

Não há somente uma dimensão de caminhos possíveis. Há devires em meio a desvios, retornos, cruzamentos, circularidades e esquecimentos de uma grande potência inventiva - linhas de fuga como criações -, os quais oferecem inúmeros fragmentos que geram colagens, camadas e sempre novos disparadores de desestratificações e desterritorializações.

"**Andei** sem rumo ruas e ruas,
mais me **arrastava** que andava,
parar é que era **perigoso**. De minha
des**medida** desolação eu só conseguia
que ela fosse **disfarçada**. (...)
Não era **coragem**, era exatamente
o **medo**. Porque **tudo** estava
paralisado, eu que **tenho medo** do
instante em que tudo pare tinha que
andar"

(Clarice Lispector, em *Mal-estar de um anjo*)

Shannon Rankin, 2008, *Recorte, Untrited (hands)* (Fonte: http://artistsshannonrankin.com/section/85904_Anatomy.html)



.A DÚVIDA E O MEDO

Em meio àqueles corpos na sala escura, o que me fazia vibrar e abrir-me para o *Cosmo* era algo que se localizava descentradamente nas conexões entre a dúvida e o medo. Dúvida com relação a como teria eu chegado àquela circunstância. Medo a respeito do que seria de mim a partir daquilo que me acontecia.

Contudo, nem a dúvida acerca do que havia ocorrido, nem a incerteza e o medo com relação a um porvir imediato se sustentavam. O que se produzia naquele espaço escuro era para além (ou anterior) a designações temporais restritas a passados, presentes e futuros. O que se consolidava era a velocidade que meu corpo ganhava molecularmente em meio àquelas afecções. Sim, porque tanto a dúvida quanto o medo não podiam ser confundidos apenas com meros sentimentos. Eram, portanto, passagens, afectos os quais, vetorialmente, aumentavam e diminuían as potências de agir do meu corpo como fluxos entorpecentes, me carregavam em uma onda de correntezas turbilhonares e me faziam entrar em uma série de devires e estados impensados. Nem dúvida nem medo queriam ser sanados, respondidos, objetivados, interpretados. Eles valiam por si sós, pela experimentação e pelas invencionices que proporcionavam.

Ora, não seriam a dúvida e o medo potenciais de naturezas muito próximas, como se ambas fossem suspiros ofegantes de um mesmo monstro que nos



devora em um só golpe? Era a dúvida que fazia eriçar todos os pelos do meu corpo, erguer minhas orelhas, aguçar meu faro, dilatar minhas pupilas e me movimentar silenciosamente em uma espécie de devir-felino. Era o medo que não me permitia ficar parado, que me colocava a transitar escorregadiamente e escapar por entre os dedos em uma espécie de devir-fluxo, de devir-peixe. É claro que tais devires não ocorriam de modo estanque, mas híbrido, fazendo-me encontrar feixes de circuitos que, friccionados uns nos outros, relampejavam em meus olhos que já não possuíam mais só uma função óptica, mas háptica. Eu tateava mais do que uma saída daquele lugar, um encharcamento cada vez maior naquela experiência que me produzia e que me contornava.

Se o que fazíamos ali era precipitar os agenciamentos territoriais estratificados do campo das pesquisas educacionais majoritárias, havíamos, para tanto, construído com nossos corpos sobrejustapostos uns nos outros uma ilha anexa aos primeiros: uma maquinaria que provocava, em meio à fabricação de um corpo-sem-órgãos, turbulentas movimentações e imprecisos abalos sísmicos, os quais faziam fugir partículas e moléculas desenfreadas, estas, por sua vez, ancoradas em um processo de consistência que jorrava imagens e linhas de escrita na forma de questões que possibilitavam toda uma topografia da problemática.

Questões como problemáticas que, elas próprias, retroalimentavam os processos de desterritorialização, devir e fuga daqueles agenciamentos territoriais estratificados. Questões como problemáticas que brotavam e caíam sobre nós não em linhas retas no espaço, mas serpenteavam, circulavam acima de nossas cabeças e se fundiam umas às outras, multiplicando-se.

.no es mejor nunca que tarde?

(Homenagem ao Livro das Perguntas de Pablo Neruda)

Que órgãos funcionariam hierarquicamente nas pesquisas em educação majoritárias?

Que incorporais estariam pressupostos nos corpos-organismos envolvidos nas pesquisas em educação majoritárias?

Que corpos seriam produzidos e atravessados pelos incorporais que relampejam, que evaporam das pesquisas em educação majoritárias?

Que linhas tentariam fugir nas pesquisas em educação majoritárias, enquanto zonas de nexos, compostos de agenciamentos territoriais constituídos por corpos-organismos estratificados?

Em que medida dependeriam das pesquisas em educação majoritárias os corpos e seus órgãos?

Em que medida dependeriam dos corpos e seus órgãos as pesquisas em educação majoritárias?

Como criar corpos-sem-órgãos nas pesquisas em educação majoritárias, sem submetê-las a uma linha de abolição ou morte?

De que modo constituir corpos-sem-órgãos capazes de produzir toda uma sorte de maquinarias abstratas com potenciais de desterritorialização, desestratificação e descodificação de alguns dos agenciamentos territoriais estratificados e sobrecodificados do campo das pesquisas em educação majoritárias?

Do que seria capaz um fluxo molecular que não apresenta formas nem substâncias - somente forças, velocidades e lentidões - nas pesquisas em educação majoritárias?

*

Como fundar (ou retomar) um espaço liso - na contrapartida de um espaço estriado - capaz de fazer com que corpos-sem-órgãos de pura intensidade vetorial abram seus agenciamentos territoriais estratificados para o *Cosmo*?

De que modo abrir os agenciamentos territoriais estratificados do campo das investigações educacionais majoritárias para um Fora, abalar sismicamente seu país?

*

Que choro está contido, embargado nas pesquisas em educação majoritárias?

O que se poderia produzir com surpresas?

O que se poderia produzir com ruínas?

De onde vêm os métodos?

O que se pode aprender com a colagem?

O que se pode aprender com o grito de uma criança?

Que existências podem ser constituídas declarando inexistências?

*

Como assumir duas cabeças em um mesmo corpo e não um lado de dois?

Como, para experimentar certas coisas, devir-lagosta, devir-pinças duplas?

Como, para abandonar certas coisas compreendidas, devir-cardume, devir-molécula, devir-atmosfera?

Como constituir-se por longitudes e latitudes e não por órgãos e funções?

Como submeter o ponto à linha e não vice-versa?

Como estar *entre* estando *Fora*?

*

De que modo produzir uma escrita máquina de guerra e não um mecanismo de salvação, um aparelho de sobrecodificação de certezas e respostas?

De que modo escrever com buracos?

Que povos habitam uma escrita que fala de corpos-sem-órgãos e sobrejustaposições produzindo um devir-menor nas pesquisas em educação majoritárias?

De que modo não se deixar morrer sendo clandestino?

De que modo não se deixar capturar delirando os olhos?

De que modo delirar tudo e qualquer coisa que quisermos?

Quem já sonhou um dia em ser nuvem?

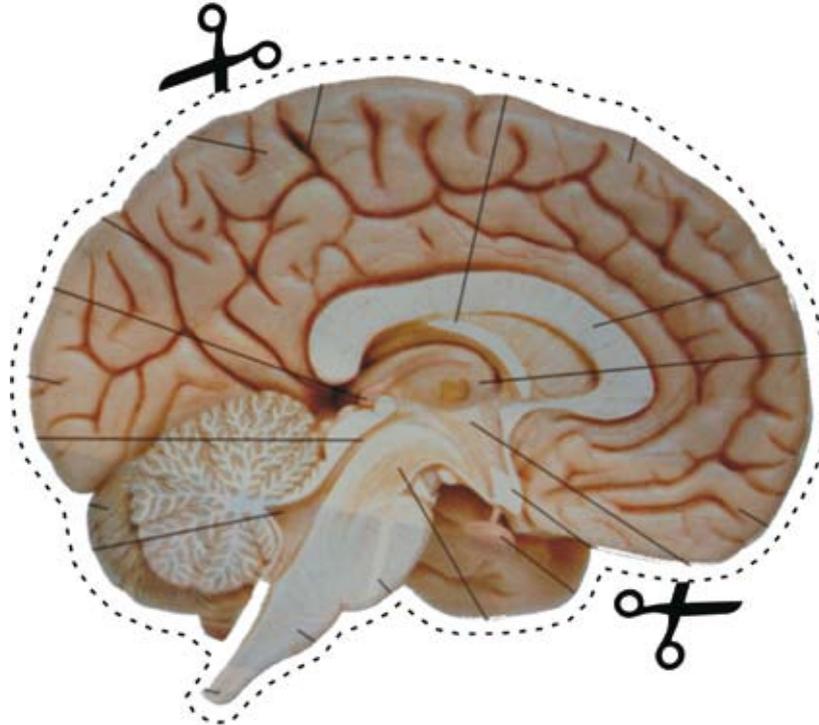
De que modo, mesmo sendo nuvem, produzir uma pesquisa em educação?

*

Como não sucumbir à pergunta?
Como não ser engolido pela resposta?
Há mais nuvens que respostas?
O que teria a resposta de um tanto de nuvem?

*

Por que a educação precisa de respostas?
Que misteriosas tribos habitam uma questão?
Como provocar estalos, trepidações e abalos sísmicos somente utilizando curvas de pontos de interrogação?
De que modo manter - ainda que estando estático - a velocidade do meio?



.SOBRE IMAGENS QUE ATRAVESSAM LINHAS DE ESCRITA

Ano 33 d.C.

Uma peça de linho, uma mortalha, um sudário, envolve o corpo de um homem de aproximadamente 33 anos recém-morto e crucificado e, dessa forma, passa a receber os fluxos - especialmente o sangue - que escorrem de sua carne lacerada. Começa a haver aí, no tecido planificado, um sistema pontual rostificado que contém linhas horizontais e verticais de base que se sobrepõem horizontalmente e verticalmente (como uma trama) em condições de frequência e ressonância, respectivamente, criando pontos localizáveis, os quais, ligados uns aos outros, revelam a imagem da face, do rosto do defunto impresso, decalcado no pano. Há, a partir desse acontecimento, o desencadeamento de toda uma maquinaria de fé e verdade, crença na ressurreição, passagem transitória de um corpo - muito mais de um rosto - pelo tecido que agora, cultuado como relíquia, ele próprio é rostificado. O pano reafirma um fato, ilustra uma passagem ou fenômeno. Não há entre rosto e pano fricção ou atravessamento, mas decalque, reafirmação, comprovação de um dogma inquestionável: Cristo ressuscitou porque na caverna onde fora sepultado o que havia era somente sua cópia - um pano com seu corpo-rosto impresso, e não sua presença encarnada.

Ano cósmico

Em meio à escuridão absoluta, junto às linhas de escrita que escorriam e serpenteavam prateadas do alto da sala ampla onde havia uma multidão de corpos (aproximadamente de três a cinco tomando a posição central - três sobre uma mesa e dois que a circulavam como moscas em torno de uma lâmpada - bem como outros tantos que ocupavam as margens mais escuras dos quais era possível ver somente seus vultos), insurgiam imagens, blocos visuais como holografias que flutuavam no espaço e por vezes se sobrepunham a elas próprias ou se chocavam com as linhas de escrita, atravessando-as, flechando-as, dando às mesmas - e também ganhando - outros formatos, viscosidades e velocidades de escoamento. Tais imagens nada mais eram que cópias que haviam se esquecido de seus originais - simulacros - e, portanto, se tornado outras coisas para além dos mesmos: matérias não formadas, microscópicas moléculas que ganhavam consistência pelo meio, dando-se a ver somente por diagonais que haviam se liberado de qualquer tipo de linha de base vertical e/ou horizontal, de qualquer traço ou pretensão de rostidade ou originalidade. Aquelas imagens funcionavam como pequenos terremotos em tudo o que era dito, pensado, proposto, produzido naquela sala. Elas mesmas se autocorroíam na medida em que se formavam e que se friccionavam, se chocavam com as linhas de escrita que choviam como pétalas pelos ares. Não estavam para mapas ou decalques, tampouco para representações, mas para diagramas abstratos, invencionices e artesanias com e a partir do *Cosmo*, do *Fora* ou nada absolutos: eram fabricadas a partir de saltos sem ponto de partida ou chegada. Tais como as palavras que também ganhavam consistência no espaço e, mediante os fluxos que escorriam e se condensavam, nada diziam por si sós, nada significavam, nada rememoravam, nenhuma paisagem era reterritorializada por elas. Apenas deliravam e, no (des)acordo que estabeleciam com as linhas de escrita que insurgiam desvairadas, variavam e faziam-nas variar, faziam fugir todo e qualquer rosto ou ponto localizável.

Anotações:

- I.
Imagens não são extremos opostos das palavras, tampouco são suas sinônimas diretas. São entes, blocos de naturezas diversas dessas últimas que podem (ou não) ser com elas friccionadas, flechadas, atravessadas, gerando fluxos incertos.
- II.
Não há de haver uma só palavra que faça caber em si os efeitos das paixões provenientes das imagens. Não há de haver uma só imagem que consiga envolver tudo o que podem as palavras. Há somente casas vazias e ocupantes sem lugar.
- III.
Imagens são corpos que se estendem, em sua superfície, a constelações de sentidos e significados. São sortilégios sígnicos que coagem o pensamento a pensar. Como todo e qualquer corpo, não têm essências ou identidades fixas. São formadas somente por latitudes (velocidades e lentidões, movimentações e repousos de partículas) e longitudes (capacidade de afectar e ser afectadas por outros corpos, aumentando ou diminuindo potências de agir).
- IV.
Na profundidade das imagens encontra-se apenas um murmúrio indefinido, um gemido resultante das relações, das ações e paixões entre seus elementos infinitesimais constituintes. Presente vivo. De sua superfície - película sem volume - ecoam proposições a partir de verbos absolutos que subsistem e insistem em um paradoxo extremo: *aion*, passado e futuro intensos.
- V.
Imagens são arsenais, substâncias de experimentação, e não códigos de interpretação.
- VI.
Imagens estão sempre no meio, não têm ponto de chegada nem de partida, nem origem nem finalidade fixas, somente uma atmosfera onde matérias não formadas e moléculas microscópicas ganham consistência e velocidade, possibilitando afectos diversos, emanando efeitos incorporais.



Volúpia

Baque.

Do encontro reluz o que, mesmo sem querer, aquilo que encontramos quer de nós.

Flerte.

Atravessa-nos um formigamento, um murmúrio e um odor inebriantes.

Bote.

Aturdidos por uma violência, um estrondo, um soco no estômago, nos colocamos de pronto a nos movimentar.

Potência.

Não é fácil sobreviver. É preciso, mesmo que atônitos, inventar a vida.

Arranjo.

Com os olhos vermelhos, sobre o tabuleiro compomos jogos infinitos utilizando peças que não possuem encaixe.

Marulho.

Além, abaixo, atrás, profundamente, antes... Há só o inexplorável selvagem e escuro do mar.

Perigo.

A cada vez, tornamo-nos outra coisa - um indefinível: um vegetal, um animal, uma molécula - e seguimos o risco do voo da bruxa. Por isso, nunca fomos confiáveis.

Torção.

No intuito de ver, contorcemo-nos em nós mesmos a fim de espiar para Fora. *O que há? Que possíveis e virtualidades aguardam-me vibrando?*

Riso.

Detestamos e rechaçamos a tristeza que nos paralisa. Há alegria, e só.

Infinito.

Presos no paraíso de *Möbius*, dobramo-nos sobre o nada.

Coagulação.

As mantas se estendem por todos os lados, se interpenetram umas nas outras e com elas nos arrastam.

Dupla face.

Em uma face os corpos murmuram, afectam-se por ações e paixões, em outra há efeitos óticos, reflexos, vapores incorporais que se soltam dos corpos.

Furo.

Sempre são possíveis as fugas. Basta conhecer, deflorar e alojar-se em sistemas pontuais rostificados que se

estruturam em meio a horizontais e verticais fixas e bem definidas para, utilizando de leveza e intensidade, provocar abalos sísmicos, soltar diagonais, colocar em funcionamento sistemas lineares como trajetos de pássaros.

Tensão.

O pensamento não pensa por si só. Precisa ele próprio ser pensado e pensar. Atira-se assim ao impensado.

Toca.

Cavamos labirintos subterrâneos, redes invisíveis, caminhos imperceptíveis nos grandes blocos tectônicos instituídos.

Entremeio.

Situamo-nos e nos constituímos entre ver e falar. Corremos de um lado para o outro sabendo que, seja o que for que dissermos, nunca daremos conta do que enxergamos e que, seja o que for que mostrarmos, nunca daremos conta do que enunciamos.

Supressão.

Abolimos o que representa, o que ilustra, o que reproduz, o que reforça, o que didatiza, mastiga e dá órgãos enrijecidos aos corpos, às redes de vida que se espraiam na complexidade.

Simulacro.

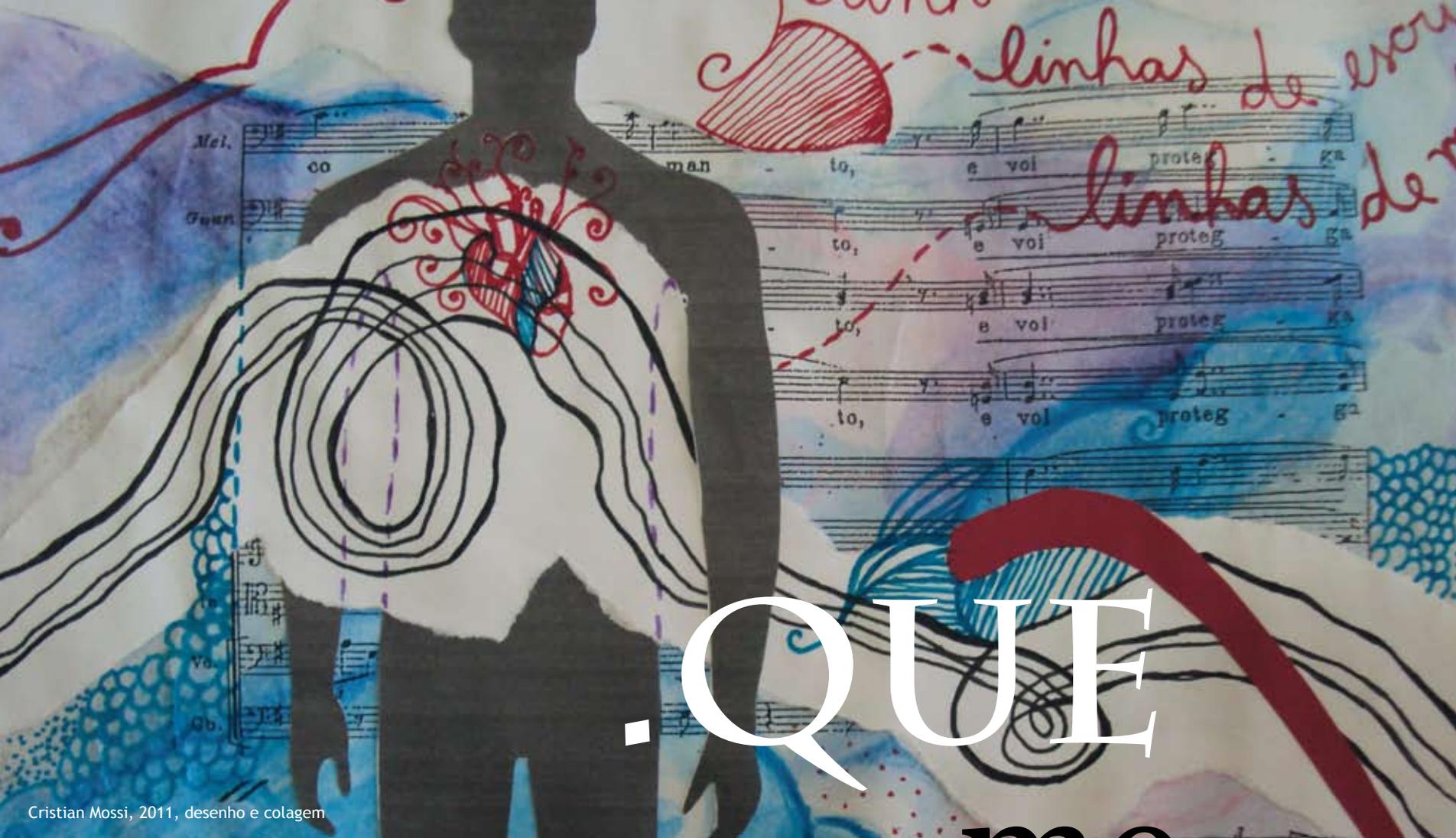
Injetamos vida em clones sem original. Nossa ação é no aqui e agora que suprime o presente, deslocamo-nos empurrados pelo passado em função de um futuro cósmico em devir.

Arte.

Utilizamos palavras e imagens como matérias maleáveis. Com elas fundamos mundos diversos. Tal como alquimistas, laboratoristas, experimentamos possíveis composições, reações e fórmulas. Tal como pintores, testamos matizes, camadas e misturas. Tal como *bricoleurs*, produzimos combinações variadas. Tal como músicos, arranjamos acordes diversos, harmônicos e dissonantes.

Desígnio.

Dar outras velocidades ao pensamento por sobrejustaposições, fazê-lo percorrer mapas não representacionais, mas inventivos, produtivos de percursos impensados; tensionar o que é dito e o que é visto a fim de propor outras dobras sobre o nada, outras linhas de subjetivação; construir sistemas pontuais simplesmente para fazê-los detonar; perseguir uma escrita pelo Fora enquanto processo de resistência, enquanto busca por um corpo-sem-órgãos teórico e metodológico dos modos majoritários de produzir pesquisas e conhecimento no campo da educação.



Cristian Mossi, 2011, desenho e colagem

.QUE

me

continua

Se ando cheio, me dilua.
Se estou no meio, conclua.
Se perco o freio, me obstrua.
Se me arruinei, reconstrua.
Se sou um fruto, me roa.
Se viro um muro, me rua.
Se te machuco, me doa.
Se sou futuro, evolua.

Você que me continua.

Se eu não crescer, me destrua.
Se eu obcecar, me distraia.
Se me ganhar, distribua.
Se me perder, subtraia.
Se estou no céu, me abençoe.
Se eu sou seu, me possua.
Se dou um duro, me sue.
Se sou tão puro, polua.

Você que me continua.

Se sou voraz, me sacie.
Se for demais, atenua.
Se fico atrás, assobie.
Se estou em paz, tumultue.
Se eu agonio, me alivie.
Se me entedio, me dê rua.
Se te bloqueio, desvie.
Se dou recheio, usufrua.

Você que me continua.

[Que me continua - Arnaldo Antunes]

.o que podem linhas de escrita?

Linhas de escrita estão sempre no meio. Elas próprias são o meio, no sentido de que são continuamente começadas de um ponto qualquer e chegam a outro perfeitamente inacabado, deixando sucessivamente algo por dizer. Tais noções de ponto de partida e/ou chegada são sempre instituídas a posteriori, já que qualquer linha de escrita é plana, horizontal e livremente reposicionável, tal como um diagrama. Há também buracos, lacunas, vácuos, vãos e abismos, como se fossem paredes ocas, em toda e qualquer linha de escrita. Cabe assim ao leitor dessas linhas - se esse for de seu real interesse - dar continuidade a elas ou propor às mesmas outro começo.

O que se passou antes dessas linhas de escrita? Quem cavou nelas esses vãos, ou escondeu seu oco, construiu pontes sobre os seus abismos?

Podem-se puxar fios soltos do meio dessas linhas (o meio do meio) e, neles, prender outras linhas que se interconectam com um Fora absoluto (Fora que comporta um nada preche de possibilidades, de singularidades selvagens), formando com sua multiplicidade uma trama rizomática repleta de nós e entrelaçamentos. Quanto a seus buracos, seus espaços vagos, trata-se de passar por eles como quem passa por um orifício de fechadura, como o malabarista-saltador de circo que mergulha em um pequeno dedal. Trata-se de, através deles, criar ocupações que os ampliem e que neles passem a ocupar outras estruturas, outras pontes, outras ligações.

É isso o que fazemos em nossas pesquisas, elas próprias sulcadas em/por linhas de escrita: dar continuidade a outros tantos malabaristas-saltadores que se constituíram mais ou menos a partir das mesmas linhas que nós. Puxar seus fios e retramá-los, ocupar seus vácuos, derrubar as paredes ocas que encontram-se por seus labirintos e, a partir dos escombros dessa demolição, construir outras coisas, outros muros e, assim, outros ocos, outros abismos. Trata-se de dizer o que, embora já tenha sido dito, nunca foi da mesma forma lido, ouvido, apresentado, sentido. É uma questão de afecção, de potencializar o agir do corpo, ou não, a partir de linhas de escrita e das relações que se pode fazer a partir delas com imagens, traços, sons, brisas e passaredos.

Tomamos essas linhas, incorporamo-las à nossa voz e delas extraímos não tudo o que podem, mas o que é possível de acordo com o que temos disponível, com o que encontramos e conseguimos conectar no momento. Hibridizamos nosso corpo com o corpo dessas linhas. A língua que falamos não é mais somente a nossa, nem as cores que vemos se diluem apenas em nossa retina. O gosto que sentimos não é mais somente com as nossas papilas que o fazemos - passamos a ter línguas, retinas e digitais por todo o corpo, por dentro e por fora dele. Sentimos o odor do passado e do futuro em cada uma das mil narinas. Não há fronteira ou

separação rígida e instituída a priori, apenas dobramento.

“Num espetáculo
Banquete-ê-mo-nos
Ordem e orgia
Na super bacanal
Carne e carnaval”

(Adriana Calcanhoto, em *Vamos comer Caetano*)

.que eu **continuo**

(Índice comentado das inspirações utilizadas para produzir estas sobrejustaposições)

O lho no espelho e não é mais somente minha face o que vejo. Há sombras estranhas que eu não havia notado, há curvas e marcas as quais meus olhos antigos - os que não deliravam - não podiam ver, há formas que eu não enxergava, não porque tais sinais não existissem, não estivessem ali, ou porque eles estavam ocultos, mas simplesmente porque era preciso tornar-me um pouco nuvem, um pouco pássaro ou peixe, um pouco mineral ou um pouco mulher para poder fazê-lo. Não imitá-los, mas compor com suas imagens, colocar meu corpo, todas as suas partículas infinitamente microscópicas, a fluir em um determinado estado de movimentação e repouso que fizesse evaporar meu rosto e produzir somente uma atmosfera singular.

Essa tarefa não se faz em regime de solidão, mas em multidão, em multiplicidade. O que está até aqui apresentado, estampando o nada da folha branca e me ajudando a invencionar tais sobrejustaposições, conforme eu chamei tal produção, resulta do encontro profícuo entre corpos que ocupam um lugar não menos real somente por serem constituídos por traços, vãos, imagens e linhas de escrita. Alguns deles ocupam, sim, um lugar mais central, junto comigo - pelo menos o que instituí como centro no momento. Já os outros tiveram um contato mais distante, porém não menos produtivo. De cada um foi extraído algo que compõe uma complexa rede cheia de sinuosidades e de aberturas para possíveis continuidades.

Há continuidades? Respondo: *sim, certamente há*. Talvez não em uma linha reta, talvez não na sequência do que futuramente virá, mas se pudermos pensar em uma estética do enxerto, em uma poética do *patchwork*,

em uma alegoria da teia, da trama e em um processo inspirado na tessitura de fios desconexos, há ainda muito o que ser feito na composição destas sobrejustaposições. Nunca deixará de haver.

*

Deleuze & Guattari - em parceria ou separadamente - nas obras citadas a seguir, ocuparam junto comigo o lugar estabelecido como centro da sala escura onde o foco de luz se deslocava e onde era oferecido, de cima da mesa iluminada, o banquete escritural.

DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos 1988-1989.

_____. **A dobra** - Leibniz e o Barroco [tradução de Luis B. L. Orlandi]. Campinas/SP: Papyrus: 1991.

_____. **Conversações** [tradução de Peter Pál Pelbart]. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. **Crítica e clínica** [tradução de Peter Pál Pelbart]. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Bergsonismo** [tradução de Luis B. L. Orlandi]. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **Empirismo e subjetividade**: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume [tradução de Luis B. L. Orlandi]. São Paulo: Ed. 34, 2001.

_____. Espinosa e nós (Capítulo VI). In: _____. **Espinosa: Filosofia prática** [tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins]. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. **Proust e os signos** [tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado]. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **Diferença e repetição** [tradução de Luis B. L. Orlandi e Roberto Machado]. 2ª ed. Rio de

Janeiro: Graal, 2006.

_____. O esgotado [tradução de Ovídio de Abreu e Roberto Machado]. In: _____. **Sobre o teatro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2010.

_____. **Lógica do sentido** [tradução de Luis Roberto Salinas Fortes]. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** [tradução de Bento Jr. E Alberto Alonso Muñoz]. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1 [tradução de Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa]. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 2 [tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão]. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3 [tradução de Aurélio Guerra Neto ET alii]. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4 [tradução de Suely Rolnik]. São Paulo: Ed. 34, 1997a.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5 [tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa]. São Paulo: Ed. 34, 1997b.

_____. Capítulo I: As máquinas desejantes. In: _____. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia** [tradução de Luis B. L. Orlandi]. São Paulo: Ed. 34, 2010, pp. 11-71.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Anotações sobre alguns conceitos In: _____. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010, pp. 381-388.

Deles interessou-me, especialmente, dentre muitos outros, os conceitos de *Desterritorialização*, *Devir e Linha de fuga*, diretamente conectados ao de *Plano de Consistência/Imanência*, o qual os autores tratam como correlato à prática do corpo-sem-órgãos. Esta última noção, especialmente nessas obras, foi com profundidade evidenciada a partir da conferência radiofônica de Artaud que, entre outros escritos do autor, a seguir está listada:

ARTAUD, Antonin. Para acabar com o julgamento de Deus (1947). In: WILLER, C. [tradução, seleção e notas]. **Escritos de Antonin Artaud**. Porto Alegre: L&PM, 1983.

_____. **Van Gogh: o suicida da sociedade** [tradução de Ferreira Gullar]. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

Artaud, juntamente com Spinoza, ocupava a periferia mais próxima da mesa onde nos presentificávamos, eu, Deleuze & Guattari. Um questionamento pode surgir nesse momento: *por que eles não ocupavam também a mesa central, ou a periferia mais distante, onde se encontrava a multidão na penumbra?* Isso não tem tanta importância, já que entre as linhas de escrita que constituem minha voz e, por sua vez, esta sobrejustaposição, não há necessariamente uma hierarquia cristalizada. O que importa é que tanto Artaud como Spinoza, suas definições, indicações e produções, foram lidos por mim a partir de Deleuze e de Guattari, de suas lentes e do que ambos, a uma só voz, sussurravam em meu ouvido. Abaixo, as linhas de escrita de Spinoza, as quais me ajudaram a compreender melhor as noções de *substância*, de *corpo* - de uma topografia que o sustenta - de *afecto* e de *imanência*, utilizadas pelos próprios Deleuze & Guattari na produção de suas obras:

SPINOZA, Benedictus de. **Ética** [tradução e notas de Tomaz Tadeu]. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

*

Não há um só corpo central que tenha me ajudado a construir a noção de sobrejustaposição enquanto perspectiva metodológica que orientou esta produção, visto que foram as próprias sobreposições e justaposições imbricadas de referenciais, inclusive imagéticos, que me movimentaram a invencionar uma possibilidade metodológica que comporta a investigação como a ação de coletar e distribuir (no sentido de

uma composição), sobre um plano provisório, disparadores de afecções como potencializadores de devires. Portanto, todos os corpos que ocupavam a sala, inclusive os moleculares, os imperceptíveis, têm parte nessa conjunção.

*

A seguir, ainda, alguns outros (não todos, porque isso seria impossível) que ocupavam a multidão na penumbra, os quais foram (ou não) revelados pelo foco de luz que se deslocava. Estes, embora mais distantes, fizeram e continuam fazendo igualmente parte de minha voz:

ANTUNES, Arnaldo. **2 ou + corpos no mesmo espaço**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

AZEVEDO, Adriana Barin de. A arte dos afetos em Deleuze e Espinosa. In: **Revista Alegrar**, n. 7, set. 2011, pp. 01-11.

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto** [tradução de J. Guinsburg]. 5 ed. São Paulo: Perspectiva. 2010.

CORAZZA, Sandra Mara. **Os cantos de Fouror: escrita em filosofia-educação**. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2008.

_____. O docente da diferença. In: **Revista Periferia**. v. 1, n. 1. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação nas Periferias Urbanas da UERJ/FEBF, 2008, pp. 91-110. Disponível em: http://www.febf.uerj.br/periferia/V1N1/sandra_corazza.pdf. Acesso em 13 jul. 2012.

_____. Contribuições de Deleuze & Guattari para as pesquisas em educação. In: **Revista Digital do LAV**. v. 1, n. 8. Santa Maria: Laboratório de Artes Visuais do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (LAV/CE/UFSM), 2011, pp. 01-19. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/revislav/article/view/5298>. Acesso em 23 jan. 2013.

COSTA, Cristiano Bedin da. **Corpo em Obra - Palimpsestos, Arquitetônicas. Tese de Doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Educação (Linha de pesquisa Filosofia da Diferença e Educação/Área temática Fantasias de Crítica-Escrita) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/RS). Porto Alegre, fev. 2012.

DOEL, Marcus. Corpo sem órgãos: esquizoanálise e desconstrução. In: Silva, Tomas Tadeu da (tradução e organização). **Nunca fomos humanos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, pp. 77-110.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder** [tradução de Roberto Machado]. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. Filosofia da diferença e educação: o revezamento entre teoria e prática. In: CLARETO, Sônia Maria; FERRARI, Anderson (Orgs.). **Foucault, Deleuze e Educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010, pp. 45-63.

HENSON, Keaton. **You don't know how lucky you are** (UK, 2012). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=MfvcPeWO8yk>> Acesso em março de 2013.

HENZ, Alexandre de Oliveira. **Estéticas do esgotamento: extratos para uma política em Beckett e Deleuze**. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2012.

HEUSER, Ester Maria Dreher (Org.). **Caderno de Notas 1: projeto, notas & ressonâncias**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

LARROSA, Jorge. Palavras desde o limbo. Notas para outra pesquisa na Educação ou, talvez, para outra coisa que não a pesquisa em Educação. In: **Revista Teias** (Currículos: Problematizações e práticas políticas). v. 13, n. 27, jan.-abr., 2012, pp. 287-298.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora - Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LISPECTOR, Clarice. Clarice Lispector - Contos [Locução Aracy Balabanian]. **Audiobook** (CD Áudio). Editora Luz da cidade, s/d.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar: 2010.

MEDEIROS, Daniela. Diferença e subjetividades do corpo: que educação é essa? **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Educação (Linha de pesquisa Educação e Artes) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS). Santa Maria, 2012.

MONTEIRO, Teresa (Org.). **Clarice na cabeceira** - crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

MOSÉ, Viviane. **Receita para lavar palavra suja**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=zAFn1kO8fjM>> Acesso em janeiro de 2013.

MOSSI, Cristian Poletti. Possíveis territorialidades e a produção crítica da arte - suturas e sobrejustaposições entre vestes sem corpos e corpos sem vestes. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (Linha de pesquisa Arte e Cultura) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS). Santa Maria, 2010.

MOSSI, Cristian Poletti; OLIVEIRA, Marilda O. de. Experienciar, suturar e sobrejustapor sentidos na teoria e na crítica da imagem: dois possíveis desvios estratégicos. In: **Revista Visualidades**. v. 9, n. 1. Goiânia: Programa de Mestrado em Cultura Visual da FAV/UFG, 2011, pp. 164-177.

MOSSI, Cristian Poletti; OLIVEIRA, Marilda O. de. Cartografias e sobrejustaposições para pensar a produção crítica da arte enquanto etnografia. In: **Revista da FUNDARTE**. v. 1, n. 1. Montenegro: Fundação Municipal de Artes de Montenegro, 2012, pp. 09-12.

NERUDA, Pablo. **Livro das perguntas**. Edição bilíngue. Porto Alegre: L&PM, 2010.

ORLANDI, Luis Benedito Lacerda. Corporeidades em minidesfile. In: FONSECA, Tânia Mara Galli e ENGELMAN, Selda (Orgs.). **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004, pp. 65-87.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** [Apresentação]. Porto Alegre: Sulina, 2010, pp. 7-16.

PATROCÍNIO, Stela do. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome** (Organização e apresentação dos poemas de Stela do Patrocínio por Viviane Mosé). Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

PAULON, Simone Mainieri; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. In: **Estudos e pesquisas em psicologia**, UERJ, RJ, ANO 10, N.1, 2010. pp. 85-102.

PEREIRA, Marcos Villela. Espaço aberto: a escrita acadêmica - do excessivo ao razoável. In: **Revista Brasileira de Educação**. v. 18, n. 52. pp. 213-244, jan.-mar. 2013.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. In: **Psicologia & sociedade**, 21(2), 2009, pp. 166-173.

SCORSESE, Martin. Ilha do Medo (Shutter Island, USA, 2010). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Zvq4Nex8n_k> Acesso em abril de 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação** - um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze** [tradução de André Telles]. Rio de Janeiro: Digitalização e disponibilização da versão eletrônica - Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e Informação, 2004.

*

Sempre haverá aqueles que, permanecendo na escuridão, nunca serão revelados. Há também formas de vida invisíveis, moléculas e brisas que não podem ser aqui relacionadas, mas que se presentificam de algum modo por entre as linhas e as fazem correr. Sempre haverá uma sensação de algo a ser dito, de algo a ser silenciado. Sempre haverá presenças apenas sentidas no labirinto.



